

# OS GENOCIDAS



**Thomas Michael Disch**

## OS GENOCIDAS

Este espetacular romance de Thomas M. Disch trouxe algo notável para a Ficção Científica da década de 60: o respeito que é concedido somente às obras primas e que colocou Disch no panteão de autores consagrados como J. G. Ballard e H. G. Wells.

Em um cenário angustiante, as cidades foram reduzidas a cinzas e plantas exóticas, capazes de alcançar 180 metros em apenas um mês, estão sugando toda a água doce que encontram. Até os Grandes Lagos começam a secar.

Ao norte de Minnesota, Anderson, um velho agricultor com uma Bíblia em uma mão e uma pistola na outra, lidera os cidadãos em uma luta diária pela existência miserável.

Quando algo domina a paisagem por tempo suficiente, acaba caindo em intricados padrões que acabam levando à sua decadência. Em OS GENOCIDAS este ponto é cuidadosamente trazido à tona, mostrando exatamente como a humanidade reagiria diante de mudanças radicais em seu ecossistema.

Primeiro a chegada das plantas misteriosas na forma de sementes que crescem a níveis surpreendentes, até mesmo para as mentes mais estudosas, e que começam a ocupar espaço, expulsando a praga humana. A reação, como seria de se esperar, é de inabalável arrogância, já que as pessoas se veem como dominantes. Eles não pensam que estão em perigo porque, afinal de contas, as plantas não poderiam ser invasores, e optam por manter o controle utilizando métodos que mantêm o "problema" fora das vistas.

Aos poucos, no entanto, as pessoas passam a perceber que a extinção é iminente. Em uma comunidade agrícola à margem das cidades em ruínas, Thomas Disch começa a pintar um retrato vívido da humanidade. Muitos elementos da história surgem a partir dessas páginas, que tornam-se cativantes, obrigando ao leitor a devorar avidamente página após página. Os personagens pouco a pouco ganham vida, suas ideias e ideais misturando-se com suas origens.

Disch, definitivamente, não é um porta-voz dos fatores redentores da humanidade, ao contrário. Ele não encobre o fato de que a brutalidade é um componente chave para a sobrevivência quando as estruturas tradicionais vêm abaixo. Nada de "luz versus trevas". Em vez disso, explora a forma como os indivíduos se sentem e como conseguem sobreviver quando o mundo cai aos pedaços. Seria mais "trevas versus trevas". E isso significa fazer pequenas coisas para manter o passado vivo e às vezes justifica atos ainda piores, respondendo não só à pergunta do que as pessoas estão dispostas a fazer para se manterem vivas, mas também à questão: quando os porcos estiverem extintos, de onde virão as salsichas, se ainda forem uma lembrança saborosa em nossas memórias mais profundas?

OS GENOCIDAS foi escolhido para fazer parte da lista dos cem clássicos da ficção científica mundial de todos os tempos.

Titulo Original: *The Genocides*  
©1965 *Thomas Michael Disch*

*“Passou a colheita, findou o verão, e nós não estamos salvos.”*  
*Jeremias 8, 20*

Para Alan Iverson

## UM O PRÓDIGO

Conforme a menor e, em seguida, as estrelas maiores desaparecera m com o raiar do dia, a massa imponente da floresta que cercava o milharal reteve por um pouco a escuridão da noite. Uma leve brisa soprava do lago, farfalhando as folhas do milho jovem, porém as folhas da floresta escura não se mexiam. Agora a parede leste da floresta brilhava verde-acinzentada e os três homens à espera no campo sabiam, embora não pudessem ver, que o sol já estava alto.

Anderson cuspiu; o dia de trabalho tinha oficialmente começado. Ele começou a percorrer o caminho até a inclinação suave em direção à parede leste da floresta. A quatro fileiras de distância de cada lado, seus filhos seguiram-no: Neil, o mais novo e maior, à direita, e Buddy à esquerda.

Cada homem carregava dois baldes de madeira vazios. Nenhum deles usava qualquer calçado ou camisa, pois era verão. Suas roupas estavam em frangalhos. Anderson e Buddy tinham chapéus de abas largas de ráfia bruta, como os chapéus que se usam nas festas e feiras estaduais. Neil de óculos de sol, mas sem chapéu. Os óculos eram velhos, a ponte do óculos tinha sido quebrada e remendada com cola e uma tira da mesma fibra da qual os chapéus tinham sido feitos. Seu nariz era marcado, onde os óculos repousavam.

Buddy foi o último a chegar ao topo da colina. Seu pai sorria enquanto esperava que ele o alcançasse. O sorriso de Anderson nunca era um bom sinal.

– Está dolorido de ontem?

– Estou bem. Desaparecerá quando eu começar a trabalhar.

Neil riu.

– Buddy está com dor porque tem que trabalhar. Não é assim, amigo?

Foi uma brincadeira. Mas Anderson, cujo estilo era lacônico, nunca ria das piadas, e Buddy raramente achava engraçadas as piadas feitas por seu meio-irmão.

– Você não entendeu? – Neil perguntou. – Dolorido. Buddy está dolorido porque tem que trabalhar.

– Nós todos temos de trabalhar. – disse Anderson, e isso terminou com a piada. Então começaram a trabalhar.

Buddy retirou o tampão da sua árvore e inseriu um tubo de metal onde o tampão estivera. Abaixo da torneira improvisada ele pendurou um dos baldes. Puxar os tampões era um trabalho árduo, e tinham feito isso a semana toda. A seiva que escorria do buraco agia como uma cola. Esse trabalho sempre parecia durar apenas o tempo suficiente para a dor de seus dedos, pulsos, braços e costas voltar, mas nunca para abatê-lo.

Antes do terrível trabalho de carregar os baldes começar, Buddy parou e olhou para a seiva escorrendo pelo tubo, como mel verde-limão, para dentro do balde. Estava saindo devagar hoje. Até o final do verão esta árvore estaria morta

e pronta para ser cortada.

Vista de perto, não se parecia muito com uma árvore. Sua casca era lisa como o caule de uma flor. Uma árvore desse tamanho teria rachado através da pele sob a pressão de seu próprio crescimento e seu tronco seria áspero com uma casca. Dentro da floresta você poderia encontrar árvores de grande porte que tinham atingido o limite de seu crescimento e começavam finalmente a formar algo como uma casca. Pelo menos os seus troncos, apesar de verdes, não estavam úmidos ao toque como esta.

Essas árvores, ou Plantas, como Anderson chamava, tinham seiscentos metros de altura e suas maiores folhas eram do tamanho de *outdoors*. Aqui na orla do milharal eram mais novas, não chegavam a dois anos e apenas a cento e cinquenta metros de altura. Mesmo assim, aqui como na floresta profunda, o sol apareceu por entre a folhagem, ao meio-dia, tão pálido como o luar em uma noite nublada.

– Tirem o cano! – Anderson gritou. Ele já estava no campo com seus baldes cheios de seiva; a seiva também transbordava dos baldes de Buddy.

*Por que é que nunca temos tempo para pensar?* – Buddy invejava a capacidade de Neil de fazer as coisas, de girar a roda da sua gaiola, sem saber como ela trabalhava.

– Vamos logo! – gritou Neil de longe.

– Vamos logo! – Buddy ecoou, sabendo que seu meio-irmão também tinha sido pego em seus próprios pensamentos, quaisquer que fossem.

Dos três homens que trabalhavam no campo, Neil certamente tinha o melhor corpo. Exceto por um queixo retraído, que dava uma falsa impressão de fraqueza, era forte e bem proporcionado. Era quase quinze centímetros mais alto que o pai ou Buddy, ambos homens baixos. Seus ombros eram mais amplos, o peito maior e seus músculos, embora não tão definidos como os de Anderson, eram maiores. Não havia no entanto nenhuma economia em seus movimentos. Quando ele entrava, era correndo. Quando se sentava, era largado. Ele suportava a pressão do dia de trabalho melhor do que Buddy, simplesmente porque tinha mais material para suportar. Nisso ele era bruto, mas, pior do que bruto, Neil era burro, e, pior do que burro, era vil.

*Ele é malvado* – pensou Buddy, – *e é perigoso*.

Buddy desceu pelo caminho do milho, um balde cheio de seiva em cada mão e seu coração transbordante de má vontade. Isso lhe conferia uma espécie de força; e ele precisava de toda a força que conseguisse reunir, de qualquer fonte. Seu café da manhã tinha sido leve e o almoço, ele sabia, não seria o bastante; e não haveria jantar. Mesmo a fome, ele tinha aprendido, tinha seu próprio tipo de força: a vontade de arrancar mais alimentos do solo e tomar mais solo das Plantas.

Não importava quanto cuidado tomasse, a seiva acertava as pernas de suas calças enquanto ele andava, o tecido rasgado e preso à sua perna. Mais tarde, quando o dia estivesse quente, o corpo todo estaria coberto com a seiva. A seiva secaria e, quando isso ocorresse, o tecido engomado iria arrancar os cabelos do corpo, um por um. Mas não era o pior, graças a Deus o corpo tem um número

finito de cabelos, mas ainda havia as moscas que enxameavam sobre sua carne para se alimentar da seiva. Ele odiava as moscas, que não pareciam ter um número finito.

Quando chegou ao pé do declive no meio do campo, Buddy baixou um balde no chão e começou a alimentar as plantas jovens sedentas com o outro. Cada planta recebeu cerca de um quilo do grosso e verde nutriente com bons resultados. Não era Quarto ainda, e muitas plantas já estavam na altura dos joelhos. Em qualquer caso, o milho teria crescido bem nos solos ricos atrás do lago, mas com a alimentação adicional extraída da seiva roubada, as plantas vicejavam fenomenalmente, como se estivessem no centro de Iowa, em vez de no norte de Minnesota. Este parasitismo inconsciente do milho servia a outra finalidade além disso: para que o milho crescesse, as Plantas, cuja seiva haviam bebido, morriam, e a cada ano o limite de campo poderia ser aumentado um pouco mais.

Tinha sido ideia de Anderson usar as Plantas contra elas mesmas dessa maneira, e todo milho no campo era um testemunho de seu ardil. Olhando para as longas fileiras, o velho sentia-se como um profeta diante da visão de sua profecia. Seu lamento agora era de não ter pensado nisso antes, antes da diáspora de sua aldeia, antes que as Plantas tivessem tomado sua fazenda e as fazendas de seus vizinhos.

Se pelo menos...

Mas isso era história, água debaixo da ponte, leite derramado, e, como tal, pertencia a uma noite de inverno na sala com um quando havia tempo para se lamentar. Agora e pelo resto do dia havia trabalho a fazer. Anderson olhou em volta para seus filhos. Eles seguiam atrás, ainda esvaziando seus baldes, o segundo balde, sobre as raízes do milho.

– Vamos!, – gritou. Então, voltando-se para a colina com seus dois baldes vazios, deu um sorriso fino, sem alegria, o sorriso de um profeta, e cuspiu através do espaço entre os dentes da frente, um fino jato do suco da Planta que mascava.

Ele odiava as Plantas e o ódio lhe dava forças.

Eles trabalharam suando ao sol, até o meio-dia. As pernas de Buddy estavam tremendo da tensão e da fome. Mas cada viagem até as fileiras de milho era mais curta, e quando ele voltou para as Plantas, havia um momento (e cada um maior do que o anterior), antes dos baldes estarem cheios, quando ele podia descansar.

Às vezes, apesar de não gostar do sabor vagamente anis, ele enfiava o dedo no balde e lambia a calda agridoce. Não nutria, mas dissipava sua fome. Ele poderia ter mascado a polpa de talha do floema do tronco, como seu pai e Neil faziam, mas "mascar" lembrava-lhe da vida que havia tentado escapar dez anos antes, quando deixou a fazenda indo para cidade. Sua fuga havia falhado, tão certo como a próprias cidades tinham falhado em se manter. No passado, tal como na parábola, ele teria ficado satisfeito com as cascas que os porcos comiam; e voltou para Tassel e para a fazenda de seu pai.

Fiel à forma, o bezerro engordado tinha sido morto e, se o seu regresso fosse uma parábola, teria sido um final feliz. Mas foi a sua vida e ele ainda era, em seu coração, um filho pródigo, e houve momentos em que desejava ter

morrido de fome na cidade.

Mas em uma disputa entre a fome na barriga e predileções da mente, a barriga tinha mais chances de ganhar. A rebeldia do filho pródigo tinha sido reduzida ao uso de certas palavras e coisas pequenas: como uma obstinada recusa em usar a palavra “naum” e um desprezo pela música country, um ódio por “mascar”, e uma repugnância para com o caipira, o caipira e o cacarejar mudo. Em uma palavra, Neil.

O calor e o cansaço de seu corpo conspiraram para direcionar seus pensamentos para canais menos conturbados, e enquanto ficou olhando para os baldes enchendo lentamente, na sua mente surgiram as imagens de outros tempos: Da Babilônia, aquela grande cidade.

Ele se lembrava de como à noite as ruas se assemelhavam a rios de luz e como os brilhantes e antissépticos carros corriam pelas ruas. Uma hora após outra, o som não diminuía nem as luzes se apagavam. Havia os *drive-ins* e, quando o dinheiro era pouco, as lanchonetes de *fast-food*. Garotas de shorts serviam-no em seu carro. Às vezes os shorts tinham franjas brilhantes que saltavam sobre as coxas bronzeadas.

No verão, enquanto os caipiras trabalhavam nas fazendas, haviam praias com iluminação artificial; e sua língua seca enrolava agora, lembrando como entre o labirinto de tambores de óleo vazios apoiando à balsa de mergulho, tinha beijado Irene. Ou alguém. Os nomes não importavam mais. Fez outra viagem para baixo e, enquanto alimentava o milho, lembrou os nomes que não importavam mais agora.

Ah, a cidade fervilhava de garotas. Poderia ficar em uma esquina e em uma hora centenas delas passariam por ele. Centenas de milhares de pessoas! Lembrou-se da multidão no inverno, do auditório aquecido no campus da universidade. Ele usava uma camisa branca. O colarinho apertado no pescoço. Em sua imaginação, ele afrouxou o nó de uma gravata de seda. Seria listrada ou lisa? Pensou nas lojas cheias de ternos e jaquetas.

Ah, as cores! A música e depois os aplausos!

*Mas o pior de tudo*, pensou, descansando junto à Planta, *é que não havia ninguém com quem conversar*. A população total de Tassel era de duzentos e quarenta e sete pessoas, e nenhum deles, nenhum deles conseguia entender Buddy Anderson. Um mundo havia se perdido e eles não estavam cientes disso. Nunca fora o mundo deles, mas por um breve tempo fora o de Buddy, e tinha sido belo.

Os baldes estavam cheios e Buddy agarrou as alças e fez o caminho de volta para o campo. Pela centésima vez naquele dia, passou por cima do tecido canceroso que se formara sobre o coto da planta que tinha irrigado o milharal no ano passado. Desta vez seu pé descalço pisou a madeira lisa, onde havia uma poça de seiva escorregadia. Desequilibrado pelos baldes, não conseguiu recuperar o equilíbrio. Caiu para trás e a seiva nos baldes derramou-se sobre ele. Deitado no chão, a seiva se espalhou por seu peito e braços e uma miríade de moscas pousou para se alimentar. Ele não tentou se levantar.

– Não fique deitado aí – disse Anderson, – temos muito trabalho por fazer.



Esticou uma mão, mais gentil que suas palavras, para ajudar Buddy a se levantar.

Quando agradeceu ao pai, havia um tremor em sua voz, quase perceptível.

– Está bem?

– Acho que sim. – Sentiu dor no cóccix, que tinha batido no toco, então desceu até ao riacho para lavar a porcaria de si.

– Tá mesmo na hora de ir comer.

Buddy assentiu. Agarrando os baldes (era incrível como o trabalho se tornara automático, até mesmo para ele), partiu para o caminho que levava da floresta ao riacho (que mais para o interior era o rio Gooseberry) do qual a aldeia retirava sua água.

Sete anos atrás, toda esta área da floresta e a aldeia estavam sob dez a quinze metros de água. Mas as plantas haviam drenado a água. Elas ainda estavam drenando, e todos os dias o litoral norte do Lago Superior movia-se alguns centímetros mais para o sul, embora a taxa de sua retirada parecesse estar diminuindo e a mais nova das plantas tivesse atingido os limites do seu crescimento.

Despiu-se e deitou-se de corpo inteiro no rio. A água morna movia-se languidamente sobre suas pernas nuas, limpando a sujeira, a seiva e as moscas mortas que tinham ficado agarradas nele como em um papel pega-mosca. Prendeu a respiração e baixou a cabeça lentamente dentro da água que fluía, até ficar totalmente submerso.

Com a água em seus ouvidos, ele podia ouvir alguns sons mais distintamente: suas costas contra as pedras do leito do córrego, e, mais distante, um outro som, um barulho baixo que cresceu muito rapidamente, batidas. Ele conhecia o som e sabia que não deveria estar ouvindo-o aqui, agora.

Ergueu a cabeça para fora da água a tempo de ver a vaca desabalada correndo na sua direção e a tempo dela vê-lo. Gracie saltou e suas patas traseiras passaram a poucos centímetros de sua coxa. Então ela correu para dentro da floresta. Em seguida, Buddy contou enquanto elas atravessavam o riacho: oito... onze... doze. Sete Herefords e cinco Guernseys. Todas elas.

O mugido de um touro soou no ar e Studs entrou no seu campo de visão, o grande Hereford marrom da aldeia, com seu topete branco. Ele olhou Buddy com desafio casual, mas haviam negócios mais urgentes do que um acerto de contas, então apressou-se atrás das vacas.

Studs ter escapado do cercado era uma má notícia para as vacas, todas prenhas, e não era bom para nenhuma delas ser montada por um touro ansioso. A notícia seria ainda pior para Neil, que era responsável por Studs. Isso poderia significar uma surra. Este pensamento não entristeceria Buddy profundamente, mas ainda assim ele estava preocupado com o gado. Apressou-se em vestir seu macacão que ainda estava grudento de seiva.

Antes que ele tivesse prendido as tiras sobre os ombros, Jimmie Lee, o mais jovem dos dois meio irmãos de Buddy, veio correndo perseguindo o touro. Seu rosto estava vermelho com a emoção da perseguição; e mesmo quando ele anunciou a calamidade: “Studs fugiu!” um sorriso formou-se em seus lábios. Todas as crianças, e Jimmie não era exceção, sentiam uma simpatia demoníaca por coisas que causavam desordem no mundo adulto. O jovem vibrava com

terremotos, tornados e touros que escapavam.

*Não seria bom*, pensou Buddy, *que seu pai visse o sorriso*. Para Anderson, a simpatia, mesmo secreta, pelo poder de destruição, fora metamorfoseada pela ação do tempo em uma severa e mal humorada oposição aos próprios poderes, uma magnífica teimosia, implacável na sua forma crua e rude, de como se opunha ao inimigo. Nada poderia seguramente provocar mais esta impiedade do que ver esta excitação nas bochechas de seu filho mais novo e (como comumente era) mais querido.

– Pai, – disse Buddy. – Cadê todo mundo?

– Clay está reunindo todos os homens que puder encontrar, e Senhora e Flor e as mulheres estão indo lá para assustar as vacas para longe do milho.

Jimmie gritou a informação sobre o ombro enquanto trotava ao longo da trilha larga aberta pelo rebanho. Era um bom menino, Jimmie Lee, brilhante como um botão. No velho mundo, Buddy tinha certeza, ele teria se tornado mais outro filho pródigo. Eram sempre os mais brilhantes que se rebelavam. Agora seria sorte se ele sobrevivesse. Todos eles.

Com os trabalhos da manhã findados, Anderson olhou para seu campo e viu que estava bom. A colheita não seria grande e suculenta, como nos velhos tempos. Eles haviam deixado os sacos de sementes híbridas mofando nos depósitos abandonados da velha Tassel. Híbridos davam um rendimento melhor, mas eram estéreis. A agricultura já não podia pagar por luxos assim. A variedade que ele estava usando agora era muito mais próxima, hereditariamente, ao milho indígena antigo, dos astecas zeamays. Sua estratégia contra as usurpantes Plantas fora baseada no milho. O milho tinha se tornado a vida do seu povo, o pão que comiam e a carne também. No verão, Studs e suas doze fêmeas poderiam pastar no volumoso verde tenro que as crianças raspavam das laterais das Plantas, ou poderiam pastar entre as mudas ao longo da margem do lago; mas quando o inverno chegasse, o milho sustentaria o gado assim como sustentava os moradores.

O milho cuidava de si quase tão bem quanto cuidava dos outros. Não precisava de um lavrador para revolver a terra, apenas uma vara afiada e mãos para soltar as quatro sementes e o pedaço de excremento que seria seu primeiro alimento. Nada tinha o rendimento por hectare que o milho tinha. Nada, exceto o arroz, provia tanto alimento por onça. A terra era valiosa. As Plantas exerciam uma pressão constante sobre os milharais. Todo dia, as crianças menores tinham que sair e caçar entre as fileiras de milho as brotos verde-limão, que em uma semana poderiam crescer para o tamanho das mudas, e em um mês seriam grandes como um bordo crescido.

*Malditas!* pensou. *Que Deus as amaldiçoe!* Mas essa maldição perdia muito de sua contundência na convicção de que Deus as tinha enviado, em primeiro lugar.

Deixe os outros falarem sobre espaço exterior tanto quanto quisessem; Anderson sabia que o mesmo Deus irado e ciumento que os tinha visitado uma vez, antes de uma enchente sobre tudo que era corrupto, tinha criado as Plantas e semeado-as. Nunca discutiu sobre isso. Se Deus podia ser tão convincente, por

que Anderson elevaria a sua voz? Fazia sete anos naquela primavera, desde que a primeira muda da Planta tinha sido vista. Elas tinham vindo de repente, em Abril de 72, um bilhão de esporos, invisíveis para todos, a não ser para os microscópios mais poderosos, disseminaram a mensagem por todo o planeta, por um semente igualmente invisível (e onde estava o microscópio ou telescópio ou tela de radar que faria Deus visível?), e dentro de dias, cada centímetro de terra, na fazenda ou no deserto, selva e tundra, ficara coberto com um tapete verde dos mais ricos.

Todos os anos desde então, havia cada vez menos pessoas; e mais convertidos à tese de Anderson. Como Noé, ele estava rindo por último. Mas não o impedia de odiá-las, assim como Noé deve ter odiado as chuvas e a elevação das águas.

Anderson nem tinha sempre odiado as Plantas. Nos primeiros anos, quando o Governo tinha acabado de cair e as fazendas estavam em seu auge, saía à luz do luar somente para assisti-las crescer. Era como os filmes sobre crescimento acelerado das plantas que ele havia visto na escola de agricultura anos atrás. Ele pensou que poderia lutar contra elas, mas estava errado. As infernais Plantas daninhas tinham arrancado a fazenda de suas mãos e a cidade das mãos de seu povo. Mas, por Deus, ele ia consegui-las de volta. Cada centímetro quadrado. Mesmo se tivesse que arrancar cada raiz de cada Planta com as suas duas mãos. Cuspiu bastante.

Nesses momentos, Anderson tinha consciência de sua própria força, da força da sua determinação, como um homem jovem está consciente da compulsão de su a carne ou uma mulher está consciente da criança que ela carrega. Era uma força animal e que, Anderson sabia, era a única força suficientemente forte para prevalecer contra as Plantas.

Seu filho mais velho saiu correndo da floresta gritando. Quando Buddy correu, Anderson sabia que havia alguma coisa errada.

– O que ele disse?, – perguntou para Neil. Embora o velho não quisesse admitir isso, sua audição estava começando a ir embora.

– Ele disse que Studs alcançou as vacas. Parece um monte de besteira para mim.

– Peça a Deus que seja, – respondeu Anderson, e seu olhar caiu sobre Neil como um peso de ferro.

Anderson mandou Neil de volta para a vila, para garantir que os homens não se esquecessem de levar cordas e agulhões na pressa da perseguição. Então partiu com Buddy na trilha limpa que o rebanho tinha feito. Elas estavam cerca de dez minutos na frente, pela estimativa de Buddy.

– Estão longe – disse Anderson, e começaram a correr, ao invés de andar.

Foi fácil correr entre as Plantas, pois cresciam muito afastadas e sua cobertura era tão espessa que não permitia deixar crescer vegetação rasteira. Mesmo os fungos adoeciam aqui, por falta de comida. Os poucos álamos que ainda estavam de pé estavam podres no núcleo e só esperando que um vento forte os derrubasse. Os pinheiros e abetos tinham desaparecido inteiramente, digeridos pelo solo que um dia os alimentara. Anos antes, as plantas tinham suportado hordas de parasitas comuns, e Anderson esperara que as videiras e

trepadeiras fossem destruir seus parasitas, mas as plantas tinham se reunido e foi o parasita que, sem motivo aparente, morreu.

Os troncos gigantes das Plantas subiam fora da vista, suas estruturas espirais escondidas pela folhagem maciça; seu verde suave e vivo, imaculado e intocável e, como todos os seres vivos, indispostos a tolerar qualquer forma de vida além da sua própria.

Havia nessas florestas uma solidão estranha, doentia, uma solidão mais profunda que a adolescência, mais perseverante que a da prisão. Parecia, de certa forma, apesar de seu crescimento, verde e florescente, morta. Talvez porque não havia nenhum som. As grandes folhas acima deles eram pesadas demais, e rígidas na estrutura, para serem agitadas por qualquer coisa que não fosse o vento de um furacão. A maioria das aves tinha morrido. O equilíbrio da natureza fora tão profundamente afetado, que mesmo os animais que se julgava não ameaçados se juntaram às fileiras sempre crescente dos seres extintos. As plantas estavam sozinhas nestas florestas, e o sentimento de serem algo à parte de tudo o mais, de pertencerem a uma ordem de coisas diferente, era inevitável. Aquilo devorava o coração do homem mais forte.

– Que cheiro é esse? – perguntou Buddy.

– Não sinto cheiro de nada.

– Tem cheiro de alguma coisa queimando.

Anderson sentiu pontadas de esperança. *Um incêndio? Mas elas não vão queimar nessa época do ano. Estão muito verdes.*

– Não são as Plantas. É outra coisa.

Era cheiro de carne assada, mas ele não diria isso. Seria demasiado cruel, demasiado irracional perder uma das vacas preciosas para um banquete de saqueadores. Seu ritmo desacelerou da corrida para um trote, de um trote para um cauteloso deslizar de espreita.

Estou sentindo agora, sussurrou Anderson.

Retirou do coldre o Colt Python .357 Magnum, que era o mais visível sinal de sua autoridade entre os cidadãos de Tassel. Desde sua promoção ao cargo mais alto (formalmente, ele era o prefeito da cidade, mas na verdade era muito mais), nunca foi visto sem ele. A potência desta arma como um símbolo (para a vila, que tinha ainda um estoque considerável de armas e munições) residia no fato de que era utilizada apenas para o mais grave dos propósitos: matar homens.

O cheiro tornou-se muito forte, e depois, numa curva do caminho, eles encontraram doze carcaças. Haviam sido incineradas até as cinzas, mas os contornos eram claros o suficiente para indicar qual delas era Studs. Havia também uma pequena mancha cinza próxima a eles no caminho.

– Como... – Buddy começou a dizer. Mas ele realmente queria dizer o que, ou mesmo, quem, algo que seu pai rapidamente entendeu.

– Jimmie! – o velho gritou, furioso, e enterrou as mãos no pequeno monte de cinzas ainda fumegantes.

Buddy desviou os olhos, tanta tristeza era como embriaguez; não era justo que ele encarasse seu pai assim. *Não há sequer carne sobrando*, pensou, olhando para as outras carcaças. *Nada além de cinzas.*

– Meu filho! – o velho chorava. – Meu filho! – E segurou no dedo um pedaço de metal que outrora fora a fivela de um cinto. Suas bordas estavam derretidas pelo calor, e o calor retido no metal estava queimando os dedos do velho homem, mas ele não percebeu. Da sua garganta veio um ruído, mais profundo do que um gemido, e suas mãos cavaram as cinzas mais uma vez. Ele cobriu o rosto com elas e chorou.

Depois de um tempo, os homens da aldeia chegaram. Um deles tinha trazido uma pá para usar como aguilhão. Eles enterraram as cinzas do menino lá, porque o vento já começava a espalhá-las sobre o chão. Anderson guardou consigo a fivela.

Enquanto Anderson estava falando as palavras sobre a sepultura rasa de seu filho, ouviram o mugido da última vaca viva, Gracie. Então, logo logo depois de dizerem amém, correram atrás da vaca sobrevivente.

Com exceção de Anderson, que voltava para casa sozinho.  
Gracie levou-os a uma agradável e velha perseguição.

## DOIS DESERÇÃO

Eles tiveram que ir até Tassel, a velha Tassel, que ainda consideravam como sua verdadeira casa.

As Plantas tinham arremessado suas mudas (embora, exatamente como isso foi feito, permanecia um mistério, pois as Plantas não apresentaram o menor sinal de flores ou corpos de frutificação) sobre e ao redor dos campos, com tamanha liberdade, que tinham finalmente conquistado todos os esforços humanos de manterem-se no local. Eles, os seres humanos, haviam se estendido longe demais: a sua cidade e as fazendas não poderiam ser fronteiras. Nos três primeiros anos, haviam conseguido se manter, ou assim parecia, pulverizando as Plantas com venenos que o Governo tinha desenvolvido. A cada ano, enquanto o Governo e seus laboratórios duraram, para cada veneno novo, as Plantas desenvolviam imunidade quase tão rapidamente quanto eram inventados. Mas mesmo assim haviam pulverizado somente os campos. Nos pântanos e ao longo da margem do lago selvagem, nas florestas e ao longo da estradas, as mudas cresceram além do alcance de qualquer inimigo, além do machado; e havia muitas plantas e poucos machados para tornar isso uma iniciativa concebível. Onde quer que as Plantas cresciam, não havia luz suficiente, nem água suficiente, nem mesmo solo suficiente para mais nada.

Quando as árvores velhas, os arbustos e as gramíneas foram preteridas e morreram, a erosão destruiu a terra. As fazendas não, é claro, ainda não. Mas em apenas três anos as Plantas foram cercando os campos e os pastos; e depois foi só um a questão de tempo. Pouco tempo na verdade. As Plantas primeiro mordiscaram, depois morderam e, durante o verão de seu quinto ano, elas simplesmente invadiram a cidade. Tudo que restou foi uma ruína sombria.

Buddy tinha certo prazer elegíaco em ir até ali. Havia até mesmo um lado prático para ele. Escavando os destroços, ele muitas vezes foi capaz de encontrar ferramentas velhas e folhas de metal, até mesmo livros. O tempo para achar comestíveis era passado, no entanto. Os ratos e saqueadores, à sua maneira, vindos de Duluth, há muito tempo tinham limpado o pouco que tinha sido deixado para trás após a mudança para Nova Tassel.

Então ele desistiu da busca e foi sentar nos degraus da Igreja Congregacional, que graças aos esforços contínuos de seu pai, foi um dos últimos edifícios na cidade a permanecer intacto. *Havia, lembrou, um carvalho, um carvalho alto e arquetípico à direita da Planta, que tinha quebrado a calçada na borda do que costumava ser o parque da cidade. Durante o quarto inverno, eles usaram o carvalho como lenha. E muitos olmos também. Não havia, sem dúvida, falta de olmos.*

Ele ouviu à distância o lamento lúgubre de Gracie sendo puxada de volta à cidade, amarrada na ponta de uma corda. A perseguição tinha sido demais para

Buddy. Suas pernas doíam. Questionou se a raça Hereford fora extinta. Talvez não, pois Gracie estava grávida. Ela ainda era jovem, e se ela desse luz a um bezerro, havia esperança para sua raça, embora fosse apenas um vislumbre. Que mais se podia pedir além de um vislumbre?

Imaginou também quantos enclaves tinham resistido tanto quanto Tassel. Nos últimos dois anos os saqueadores tinham sido a única ligação da vila com o mundo lá fora, mas mesmo os saqueadores já não apareciam tanto quanto antes. Era provável que as cidades tivessem chegado ao seu fim.

Ficou extremamente grato por não ter estado lá para testemunhar isso, pois mesmo a cadavérica e pequena Tassel deixava-o melancólico. Não teria pensado antes que poderia se importar tanto assim. Antes do advento das Plantas, Tassel fora tudo que desprezava: a pequenez, a mesquinhez, a dolosa ignorância e um código moral tão contemporâneo quanto o Levítico. E agora ele chorava, como se tivesse sido Cartago a cair para os romanos e coberta com sal, ou a Babilônia, aquela grande cidade.

Talvez não fosse o cadáver da cidade que ele pranteava, mas todos os outros cadáveres combinados. Certa vez, mil e tantas pessoas tinham vivido aqui e todas, exceto meros 247 deles, foram mortas. Como sempre, os piores haviam sobrevivido e os melhores tinham morrido.

Pastern, o ministro Congregacional, e sua esposa Lorraine. Eles tinham sido bons para Buddy durante aquele ano, antes dele deixar a Universidade, quando a vida tinha sido uma longa rixa com seu pai, que queria que ele fosse para a escola de agricultura de Duluth. E Vivian Sokulsky, sua professora da quarta série. A única mulher mais velha da cidade com um senso de humor ou um grão de inteligência. E todos os outros também, sempre os melhores deles.

E agora Jimmie Lee. Racionalmente, não se podia culpar as plantas pela morte de Jimmie. Ele havia sido assassinado, embora como ou por quem, Buddy não imaginava. Ou por quê. Acima de tudo, por quê? A morte e as Plantas eram parentes próximos, de tal forma que não se podia sentir a respiração de um sem parecer ver a sombra do outro.

– Olá estranho.

A voz tinha um timbre musical muito forte, como a voz de contralto em uma opereta, mas a julgar pela reação de Buddy, poderia se pensar ser demasiado desagradável.

– Olá, Greta. Vá embora.

A voz riu, uma risada rouca que teria atingido as últimas fileiras de qualquer teatro; e Greta se aproximou, tão enérgica quanto seu riso, que agora cessara. Ela estava diante de Buddy como se estivesse apresentando uma queixa perante o tribunal.

Prova A: Greta Anderson, braços cruzados e ombros para trás, projetando os quadris para frente, com os pés descalços plantados na terra como raízes. Ela merecia roupas melhores que a camisa de algodão que usava. Em tecidos mais ricos e cores mais vivas e com os cuidados certos, o tipo de beleza de Greta poderia sobrepujar a qualquer outra, mas agora ela parecia apenas velha.

– Eu quase nunca mais o vejo. Sabe que nós somos praticamente vizinhos de porta. Só que não temos porta. Não te vejo faz uma semana. Às vezes eu acho

que você tenta me evitar.

– Às vezes eu tento, mas você pode ver por si mesmo que não funciona. Agora, por que você não vai fazer o jantar do seu marido como uma boa esposa? Tem sido um dia ruim para todos.

– Neil está deprimido. Espero que seja chicoteado hoje à noite. E eu não vou estar em casa - ou devo dizer na tenda? – quando ele chegar. Quando ele voltou para a cidade, amarrou a corda no catifeiro de Studs para tentar fazer parecer que não foi culpa dele Studs ter pulado a cerca. Clay e meia dúzia de outros viram ele fazendo isso. Ele vai pagar por isso.

– Que idiota!

Greta riu.

– Foi você quem disse, não eu.

Com uma naturalidade fingida, ela se sentou no degrau abaixo dele.

– Sabe Buddy, eu venho muito aqui também. Eu fico tão sozinha na nova cidade; nem é realmente uma cidade, é mais como um acampamento de verão com as barracas e tendo que carregar água do córrego. Oh, é tão chato. Você me entende. Sabe melhor do que eu. Eu sempre quis ir morar em Minneapolis, mas primeiro tinha o pai, e depois... Mas eu não preciso lhe dizer isso.

Tinha ficado bem escuro na cidade em ruínas. Uma chuva de verão começou a cair sobre as folhas das Plantas, mas apenas algumas gotas penetraram a sua cobertura. Era como estar sob o spray soprado do lago.

Depois de um silêncio considerável (durante o qual ela havia se recostado para descansar os cotovelos no degrau de Buddy, deixando o peso de seu cabelo espesso e queimado pelo sol puxar a cabeça para trás, de modo que, enquanto falava, olhava para as folhas longínquas da Planta), Greta soltou outra risada bem modulada.

Buddy não pode deixar de admirar seu riso. Era como se fosse a especialidade dela, uma nota que ela pudesse atingir e que outra contralto não poderia.

– Lembra da vez que você colocou vodca no suco da reunião de jovens do meu pai? E todos nós começamos a dançar aqueles discos horríveis e velhos dele? Oh, aquilo foi o máximo, foi tão divertido! Ninguém mais, além de você e eu, sabia dançar. Foi uma coisa terrível. A vodca, quero dizer. O Pai nunca soube o que aconteceu.

– Jacqueline Brewster sabia dançar bem, se bem me lembro.

– Jacqueline Brewster é uma otária.

Ele riu, e isso se tornara muito pouco habitual nele, o riso era grosseiro e um pouco estridente.

– Jacqueline Brewster está morta, – disse ele.

– É verdade. Bem, acho que além de nós dois, ela era a melhor dançarina que havia.

Depois de outra pausa, ela começou novamente com um grande vivacidade:

– E daquela vez que fomos para a casa de velho Jenkins, fora da Estrada Municipal, lembra disso?

– Greta, não vamos falar sobre isso.



– Mas foi tão engraçado, Buddy! Foi a coisa mais engraçada do mundo. Lá estávamos nós dois, naquele sofá velho e barulhento. Pensei que iria cair aos pedaços; e ele lá em cima, tão apagado, que nunca soube de nada.

Apesar de tudo, Buddy bufou.

– Bem, ele era surdo. – Pronunciou a palavra à maneira da cidade, com um longo “u”.

– Oh, nunca vamos ter momentos como aquele de novo. – Quando se virou para olhar Buddy, seus olhos brilharam com algo mais do que lembranças. – Você era um selvagem. Não havia nada que o parasse. Era o rei da colina e eu a rainha, não? Não era Buddy? – Ela agarrou sua mão e apertou-a. Antigamente suas unhas teriam cortado sua pele, mas as unhas tinham ido embora e sua pele era mais grossa.

Ele empurrou a mão e se levantou.

– Pare com isso, Greta. Isso não leva a nada.

– Eu tenho o direito de lembrar. Foi dessa maneira que aconteceu e você não pode me dizer que não foi assim. Eu sei que não é mais assim. Tudo o que preciso fazer é olhar ao redor para ver isso. Onde está a casa de Jenkins agora, hein? Alguma vez você já tentou encontrá-la? Ela se foi, simplesmente desapareceu. E o campo de futebol? Cada dia mais um pouco de tudo se perde. Fui ao MacCord outro dia, onde eles costumavam ter os mais belos vestidos da cidade. Não havia nada. Nem um botão. Parecia o fim do mundo; mas eu não sei, talvez estas coisas não sejam tão importantes. As pessoas é que são mais importantes. Mas todas as melhores pessoas se foram, também.

– Sim, disse Buddy – Sim, se foram.

– Salvo alguns poucos. Quando você foi embora, eu vi tudo acontecer. Alguns deles, os Douglas e outros, foram para as cidades, mas foi bem no início do pânico. Eles voltaram, como você, aqueles que conseguiram. Eu queria ir, mas depois Mãe morreu e o Pai ficou doente e eu tive que cuidar dele. Ele lia a Bíblia o tempo todo. E orou. Ele me fez ficar de joelhos ao lado de sua cama e orar com ele. Mas sua voz não era tão boa, então geralmente eu acabava orando por mim. Pensei que seria engraçado se rezasse para Papai, e não para Deus. Mas não havia ninguém a essa altura que pudesse rir. O riso tinha acabado de secar, como o rio Split Rock. A estação de rádio tinha parado de transmitir, exceto notícias, duas vezes ao dia, e quem quer ouvir notícias? Aquelas pessoas da Guarda Nacional tentando nos obrigar a fazer o que o Governo queria. Delano Paulsen foi morto na noite em que eles enfrentaram a Guarda Nacional, e eu fiquei uma semana sem saber disso. Ninguém quis me falar, porque depois que você partiu, Delano e ficamos juntos. Acho que talvez você nunca soube disso. Assim que papai ficou bom, ele casou nós dois. As plantas pareciam estar em toda parte. Elas quebraram as estradas e a rede de água. O lago velho era apenas um pântano e as Plantas cresciam lá também. Tudo era terrivelmente feio. É bonito agora, em comparação.

Mas a pior parte era o tédio. Ninguém se divertia. Vocês tinham ido embora e Delano estava morto e papai, bem, você pode imaginar. Eu não devia admitir isso, mas quando ele morreu foi uma espécie de alívio. Então seu pai foi eleito prefeito e realmente começou a organizar tudo, dizendo-lhes o que fazer e

onde viver, e eu pensei: “Não haverá espaço para mim”. Eu estava pensando na arca de Noé, porque o pai costumava ler de vez enquanto. Então pensei: “Eles vão embora sem mim.” Eu estava com medo. Acho que todo mundo estava com medo. A cidade devia ser assustadora também, com todas aquelas pessoas morrendo. Eu ouvi sobre isso. Mas eu estava realmente com medo! Como você explica isso? E então seu irmão começou a vir visitar-me. Ele tinha uns 21 anos e não era muito feio, do ponto de vista de uma garota. Exceto por seu queixo. Mas eu pensei: “Greta, você tem a chance de se casar com Jafé”.

– Quem?

– Jafé. Ele foi um dos filhos de Noé. Pobre Neil! Quer dizer, ele realmente não tinha a mínima chance, não?

– Acho que você já lembrou o bastante.

– Quer dizer, ele não sabia nada sobre garotas. Ele não era como você. Tinha 21 anos e não acho que pensasse em meninas. Ele disse mais tarde que foi seu pai quem me recomendou! Você consegue imaginar isso? Ele o estava criando como a um touro!

Buddy começou a caminhar para longe dela.

– O que eu deveria ter feito? Me diga! Eu deveria ter esperado por você? Colocar uma vela acesa na janela?

– Você não precisa de uma vela quando está carregando uma tocha.

Novamente o riso lírico, mas farpado, com uma estridência não dissimulada. Ela se levantou e caminhou em sua direção. Seus seios, que antes eram dignos de nota, estavam sensivelmente menores.

– Bem, você quer saber por quê? Você tem medo de ouvir a verdade. Se eu lhe dissesse você não acreditaria, mas eu vou lhe contar de qualquer maneira. Seu irmão é um quilo de macarrão molhado. Ele é completa e totalmente incapaz de cumprir com suas obrigações.

– Ele é meu meio irmão, - disse Buddy quase automaticamente.

– E ele é metade de um marido para mim.

Greta estava sorrindo estranhamente, e de alguma forma tinham chegado a ficar de pé frente a frente, a centímetros de distância. Ela tinha apenas que ficar na ponta dos pés para alcançar os lábios dele. As mãos dela não o tocavam.

– Não – ele disse se afastando dela. – Acabou. Foi há muito tempo. Foi há oito anos. Nós éramos crianças. Adolescentes.

– Oh, cara, você perdeu a coragem!

Ele bateu nela com força suficiente para derrubá-la ao chão, mas justiça seja feita, ela até pareceu saborear o golpe.

– Isto – disse ela, a música sumiu da sua voz, – É tudo que Neil pode fazer. E devo dizer que entre os dois, ele faz isso melhor.

Buddy deu uma risada sólida e bem-humorada, sentindo um pouco do sangue de garanhão velho subindo. Ah, ele tinha esquecido da magnífica sagacidade dela. *Com certeza a única que sobrou com senso de humor*, pensou. E ainda era bonita. Talvez ficassem juntos novamente. Eventualmente. Então se lembrou que não era um dia para se ficar bem humorado, e o sorriso deixou seus lábios e o garanhão aquietou-se e retornou ao estábulo.

## TRÊS

### PACOTE DE ALEGRIA

Havia algo de ratazana em Maryann Anderson. Era a cor de ratazana de seu cabelo: um cinza-escuro sem brilho. Havia algo de ratazana quando sua mente estava ocupada em outras coisas e seus lábios se separavam, revelando longos incisivos amarelados. Pior ainda, ela tinha, na idade de 23 anos, um fino bigode felpudo. Era pequena, não mais que um metro e sessenta, e magra: O polegar de Buddy e o dedo médio podiam envolver completamente seu braço. Mesmo suas boas qualidades eram de rato: era alegre, trabalhadora e se contentava com sucatas. Embora jamais tivesse sido uma beleza, ela poderia ter pensado que era. Ela era submissa. Ela não se intrometia.

Buddy não a amava. Houve momento sem qu e sua passividade o enfureceu. Ainda assim, era tão difícil encontrar uma falha em Maryann, tanto quanto era difícil encontrar alguma coisa especial para admirar nela. Buddy, confortavelmente, tinha a certeza de que ela nunca seria infiel e que enquanto seus desejos fossem atendidos, realmente não se ressentia de Maryann ser sua esposa.

Maryann, por sua vez, não poderia retribuir essa indiferença. Ela era servilmente dedicada ao marido e irremediavelmente apaixonada, do jeito que uma garota poderia ser apaixonada por ele. Buddy sempre fôra capaz de produzir uma espécie de devoção por auto-sacrifício, um tipo diferente de sacrifício; e os seus altares de certo modo estavam escuros com o sangue de suas vítimas. Mas nunca tinha tentado exercer essa influência sobre Maryann, que só lhe interessava por um breve momento e, além disso, de maneira não amorosa, por ser digna de pena.

Foi durante o outono do quarto ano, quando as plantas tinham vindo e Buddy tinha acabado de voltar a Tassel. Um grupo de saqueadores, Maryann entre eles, tinha conseguido vir de Minneapolis. Em vez de invadirem, eles tinham sido tolos o suficiente para virem para a aldeia e pedir comida.

Foi algo inédito. A regra invariável era a de que saqueadores fossem executados (a fome transformava cordeiros em lobos), mas uma pequena controvérsia surgiu por causa da aparente boa vontade dos prisioneiros. Buddy tinha sido um entre aqueles a favor de liberá-los, mas seu pai e a maioria dos homens insistiu na execução.

– Então pelo menos vamos poupar as mulheres. – Buddy tinha dito, sendo ainda bastante sentimental.

– A única mulher que ficará livre é aquela que você escolher como esposa, – Anderson tinha dito, improvisando uma lei, como era seu jeito. E, inesperadamente e por pura obstinação, Buddy escolheu uma delas, nem mesmo a mais bela, e fez dela sua esposa. Os outros 23 saqueadores foram executados e os corpos foram descartados.

Maryann não falava a não ser que falassem com ela, mas em seus três anos juntos, Buddy tinha captado o bastante para se convencer que seu interior não era mais interessante do que a sua superfície.

Seu pai tinha sido um funcionário de banco, pouco mais que um contador, e ela tinha trabalhado durante um mês como estenógrafa antes do mundo entrar em colapso. Embora ela tivesse ido a uma escola paroquial, e mais tarde a Santa Brígida, onde fez o curso comercial, o catolicismo nunca lhe foi mais do que indiferente, na melhor das hipóteses, com ondas de fervor nos feriados. Em Tassel ela foi capaz de adotar o ar caseiro e apocalíptico do Congregacionalismo de Anderson sem o menor escrúpulo.

Mas a distinção especial de Maryann não foi sua conversão, mas uma nova habilidade que ela tinha introduzido em Tassel. Uma vez, quase por acaso, tinha feito um curso noturno de cestaria em Cayo. Algo em Maryann, algo bastante fundamental, havia respondido à simplicidade deste ofício antigo. Ela experimentou com juncos grossos e gramíneas do pântano; e quando começou a escassez, Maryann saiu por conta própria e começou a descascar os troncos lisos verde das Plantas e rasgar suas folhas grandes em ráfia. A partir deste dia, quando os caminhões do Governo não apareceram mais com a caridade da manhã, ela passou a fazer seu cestos, chapéus, sandálias e tapetes de boas-vindas. As pessoas pensavam que era uma bobagem e consideraram uma fraqueza. Era a única coisa que o pobre rato tinha feito bem, mais do que a satisfação em ter escapado à atenção deles.

Em Tassel, o brilho de Maryann já não estava escondido. Sua cestaria transformara de alguma maneira a vida da aldeia. Depois do verão fatal, quando as plantas invadiram os campos, os moradores (os cinco mil que sobraram) apanharam tantas peças quanto podiam carregar e foram para as margens do Lago Superior, a poucos quilômetros de distância do rio Gooseberry. O lago estava recuando em um ritmo prodigioso e em várias áreas a água estava dois ou três quilômetros distante da antiga linha de pedras da costa. Sempre que a água recuava, as mudas sedentas surgiam afundando as raízes e o processo se acelerava.

Naquele outono e durante o inverno, os sobreviventes (e seu número, assim como o lago, foi sempre encolhendo) trabalhavam na limpeza de uma área tão grande quanto poderiam realisticamente esperar manter seus próprios campos no próximo ano.

Então eles começaram a plantar suas próprias raízes. Havia pouca madeira, somente o que tiraram da cidade velha. A madeira das plantas era menos substancial do que o bálsamo e a maioria das árvores nativas da região já tinha apodrecido. Os moradores tinham o barro, mas não a habilidade para fazer tijolos, e as pedras estavam fora de questão. Então passaram o inverno em uma cabana de palha grande, cujas paredes e teto eram tecidas sob a supervisão de Maryann. Foi um novembro frio e miserável, mas qualquer pessoa pode manter seus dedos aquecidos, tecendo. Houve uma semana, em dezembro, quando os painéis da Câmara comum foram destruídas. Mas em janeiro já tinham aprendido a fazer uma trama que aguentava a pior nevasca, e em fevereiro a Câmara comum era completamente aconchegante. Tinha até um tapete de boas

vindas em cada uma das portas.

Ninguém jamais lamentou ter admitido o rato inteligente na aldeia. Exceto, ocasionalmente, o marido do rato.

– Por que não tem jantar?,- Perguntou ele.

– Eu passei o dia com a Senhora. Ela está chateada por Jimmie Lee. Jimmie era o seu preferido, você sabe. Seu pai não ajudou muito também. Ele falou o tempo todo sobre a ressurreição. Ele deve saber agora que ela não acredita no mesmo que ele.

– Uma pessoa precisa ter o que comer.

– Eu estou preparando Buddy. Tão rápido quanto posso. Buddy, há algo que...

– O Pai está melhor?

– ...eu queria lhe dizer. Nunca sei como o seu pai está se sentindo. Ele está agindo como sempre. Ele nunca perde o controle. Neil será chicoteado hoje a noite... Suponho que você ouviu falar sobre isso?

– Bem feito. Se ele tivesse deixado a porta fechada, a coisa toda não teria acontecido.

– Que coisa Buddy! Como uma pessoa pode ser queimada até às cinzas no meio da floresta? Como pode?

– Você me pegou. Não parece possível. E as vacas... Sete toneladas de carne transformadas em cinzas, em menos de dez minutos.

– Foi um raio?

– Não, a menos que tenha sido o raio de Deus. Eu suspeito que foram saqueadores. Eles inventaram um novo tipo de arma.

– Mas por que eles iriam querer matar as vacas? Eles querem roubar as vacas e matar pessoas.

– Maryann, eu não sei o que aconteceu. Não me faça mais perguntas.

– Tem algo que eu queria dizer a você.

– Maryann!

Melancolicamente, ela voltou a agitar o mingau de milho na panela de barro aninhada sobre as brasas. Ao lado, envoltos em palha de milho, havia três peixes que Jimmie Lee tinha pescado de manhã na beira do lago.

A partir de agora não haveria leite, nem manteiga para adicionar na farinha de milho; eles teriam de se contentar com mingau, com um ovo batido ocasionalmente. Uma das coisas agradáveis sobre estar casada com um Anderson sempre fora o alimento extra. A carne extra. Maryann não tinha que questionar de onde vinha, só tinha que receber o que a Senhora, esposa de Anderson, oferecia. Bem, pensou ela, ainda há porcos e galinhas e um lago cheio de peixes. O mundo não chegou ao fim. Talvez os caçadores possam trazer o suficiente, após a colheita, para compensar os Herefords. Alguns anos atrás, a caça tinha sido tão boa, que não se falou mais de virar nômades como os índios estavam acostumados. Então os veados começaram a desaparecer. Houve um inverno de lobos e ursos e então foi como nos velhos tempos. Exceto para os coelhos. Os coelhos podem comer a casca das plantas. Os coelhos eram bonitos, do jeito que mexiam seus narizes.

Ela sorriu, pensando nos coelhos.

- Buddy, - disse ela, - há algo que eu deveria falar com você.

Maryann estava falando sobre algo que era quase um evento em si, mas a mente de Buddy, depois de um dia como aquele, não parecia se concentrar muito bem nas coisas. Ele estava pensando em Greta novamente: na curva de seu pescoço quando jogara a cabeça para trás, nos degraus da igreja. A ligeira protuberância de seu pomo de Adão. E os lábios dela. De alguma forma ainda tinha batom. E se ela tivesse usado só para ele?

- O que você estava dizendo? - Ele perguntou a Maryann.

- Oh, nada, nada.

Buddy sempre pensara em Maryann como a esposa ideal para Neil. Ela tinha o mesmo queixo, a mesma falta de humor, a mesma impassível laboriosidade. Ambos tinham os dentes da frente como os de um coelho ou um rato. Neil, que era desprezível, não encontraria defeito na passividade de Maryann. Com Maryann na cama, Buddy sempre lembrava da aula de ginástica no último ano, quando o Sr. Olsen obrigava-os a fazer cinquenta flexões a cada dia. Mas, aparentemente, estas coisas não significavam muito para Neil.

Tinha sido um choque voltar e encontrar Greta Pastern casada com seu meio-irmão. De alguma forma ele estava contando encontrá-la esperando por ele. Ela tinha sido uma parte importante de Tassel que ele tinha deixado para trás. Tinha sido uma situação delicada nas primeiras semanas. Buddy e Greta tinham mantido tudo, menos segredo, durante o último ano de Buddy em Tassel. O namoro era discutido em toda esquina e cerca da cidade. Greta, a única filha do pastor, e Buddy, o filho mais velho do maior e mais rico fazendeiro do município de toda Lake County.

Era do conhecimento de todos que Greta tinha passado de um irmão da família Anderson para outro, e havia a expectativa geral que algo ruim estava por acontecer. Mas o filho pródigo que voltou para Tassel não era o mesmo filho pródigo que a havia deixado. Entretanto, ele tinha perdido um terço do seu peso trabalhando nas turmas do Governo e tinha sido massacrado em seu caminho de Minneapolis para Tassel, unindo-se a matilhas de salteadores ou combatendo-os conforme a ocasião se oferecia. Até o momento que chegou a Tassel, ele estava muito mais interessado em salvar sua própria pele do que em ficar sob as saias de Greta.

Assim, além de ser um gesto humanitário, tinha sido prudente se casar com Maryann. Buddy, casado, parecia muito menos propenso a quebrar a paz da aldeia do que Buddy solteiro, e ele poderia passar por Greta na rua sem causar uma onda de especulação.

- Buddy?

- Me fale mais tarde!

- O mingau está pronto, é tudo.

*Que boba, - pensou. - Mas é uma cozinheira passável. Pelo menos melhor do que Greta, o que é um consolo.*

Ele despejou o mingau fumegante, amarelo, em sua boca, demonstrando a Maryann que estava satisfeito. Ela o viu pegar duas colheres de mingau e os três peixes, então ela comeria o que restara.

*Vou lhe contar agora, enquanto ele está de bom humor, - ela pensou. Mas*

antes que pudesse dar uma palavra, Buddy foi até a saída da barraca.

– Deve estar na hora das chicotadas – disse ele.

– Eu não quero ver. Isso me deixa doente.

– Nada diz que uma mulher tem que ir. – E com um meio sorriso para animá-la, ele saiu da tenda. Mesmo o se fosse sensível (o que ele não era), teria que estar lá, como todos os homens da aldeia acima dos sete anos de idade. Uma boa surra pode incutir quase tanto medo do Senhor no coração dos espectadores, como no coração do açoitado.

Na praça diante da Câmara, Neil já estava amarrado ao pelourinho. Suas costas nuas. Buddy fora um dos últimos a chegar. Anderson, com o chicote na mão, estava de prontidão. Rígido demais em sua postura... Buddy sabia o que devia estar custando ao velho continuar, como se não fosse nada mais do que um fiasco, vinte chicotadas e mais nada.

Quando Anderson tinha que chicotear Buddy ou Neil, ele encarava a dor de forma imparcial, nem mais nem menos do que teria que distribuir a qualquer outra pessoa para o mesmo delito. Seu toque era tão preciso como um metrônomo. Mas esta noite, após a terceira chicotada, seus joelhos se dobraram e ele desabou no chão.

Houve um suspiro no círculo de espectadores e, em seguida, Anderson estava de pé novamente. A cor tinha fugido do seu rosto, e, dando o chicote a Buddy, sua mão tremia.

– Você continua, – disse ele comandando. –

Se o velho tivesse lhe entregue sua Python, ou seu cetro... Buddy não teria ficado mais surpreso.

Maryann ouviu tudo de dentro da tenda, enquanto lambia a panela. Quando houve uma pausa após o terceiro golpe, ela esperava que pudesse ser o fim. Ela entendia, é claro, que essas coisas tinham que ser feitas, mas não significava que tinha que gostar. Não era correto apreciar alguém ser ferido, mesmo se você não gostasse dele.

As chicotadas recomeçaram.

Desejou que Buddy tivesse deixado mais comida. E agora, com o Guernseys todos mortos, não haveria mais leite! Tentou pensar no que iria dizer quando ele chegasse a casa. Então decidiu por: “Querido, vamos ganhar um pacotinho de alegria”. Era uma expressão tão agradável. Ela tinha ouvido primeiro em um filme há muito tempo. Eddie Fisher e Debbie Reynolds eram as estrelas. Por causa dele, ela esperava que fosse um menino. E caiu no sono imaginando que seu nome deveria ser Patrick, o mesmo de seu avô. Ou Lawrence? Ela sempre amara esse nome, por algum motivo. Joseph era um nome muito bom.

Buddy? Ela imaginou se havia um Santo Buddy. Nunca tinha ouvido falar de um. Talvez um santo Congregacional.

## QUATRO

### ADEUS CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Em 22 de agosto de 1979, conforme instruções de 4 de julho de 1979, foram iniciados os preparativos para a incineração do artefato mostrada nos mapas como "Duluth-Superior". As condições meteorológicas eram ideais: por 17 dias não houve chuva, apenas umidade no período da manhã.

"Duluth-Superior" foi esquartejada e cada um destas seções foi dividida em três seções, como mostrado nas fotografias, tiradas da altura de 133 km. A ação começou às 20:34 horas do dia 23 de agosto de 1979.

Este artefato fora construído sobre vários montes baixos de formação natural, topograficamente semelhante ao artefato "São Francisco". Aqui no entanto, os materiais principais de construção eram de madeira, que queimava rapidamente. A incineração começou nas áreas mais baixas de cada seção e as correntes ascendentes de ar naturais agiram quase tanto como os aparelhos de queima. Com exceção das seções II-3 e III-1 perto do lago antigo (ali por alguma razão, os elementos do artefato eram maiores e construídos de pedra e tijolo, em vez de madeira), a incineração completa foi alcançada em 3,64 horas.

Quando o trabalho em cada seção tinha sido realizado satisfatoriamente, o equipamento dessa seção foi transferido para as seções II-3 e III-1 e esses pontos foram incinerados às 01:12 de 24 de agosto 1979.

Houve falhas mecânicas na seção IV-3. A avaliação de danos foi enviada para o Instituto de Suprimentos e uma cópia da avaliação seguiu anexa.

Mamíferos que habitavam a periferia das Seções I, II, IV, fugiram para os campos adjacentes, devido à insuficiência de equipamentos e à abertura do terreno. As estimativas atuais são de 200 a 340 mamíferos de grande porte, construtores de artefatos, e entre 15.000 a 24.000 pequenos mamíferos, dentro dos limites estabelecidos de erro provável. Todos os insetos devoradores de madeira foram erradicados.

As operações foram iniciadas para rastrear os mamíferos que escaparam, e outros mamíferos que vivem além dos limites da "Duluth-Superior", mas o equipamento é limitado. (Consulte o formulário de requisição 80Q-B: 15 de agosto de 1979, 15 maio de 1979, 15 fevereiro de 1979.)

Após a incineração, as cinzas foram niveladas nas concavidades do artefato e as operações de semeadura foram iniciadas em 27 de agosto de 1979.

Com base nos resultados das amostras colhidas a partir de 12 de Maio de 1979 até 04 de julho de 1979, esta unidade será removida, seguindo uma rota ao longo da costa sul do Lago Superior (Consulte o mapa do "Estado de Wisconsin"). Amostragem indicou que esta área era a mais densamente povoada com mamíferos indígenas.

O obsoleto Modelo 37-MG esférico será utilizada para esta operação, devido à escassez dos modelos 39-MG e 45-MH. Apesar de seu volume, este



modelo é adequado para o extermínio da vida de mamíferos, tais como são susceptíveis de encontrar. De fato, seu mecanismo termotrópico é mais desenvolvido do que os dos modelos mais recentes. No entanto, em circunstâncias excepcionais, a operação do modelo 37-MG, não pode, sem atraso, ser assumido pelo Banco Central de Inteligência desta Unidade.

O novo processo de incineração deverá proceder de forma mais lenta, agora que este, o último dos artefatos chefe, foi nivelado e semeado. Os artefatos remanescentes são pequenos e espaçados. Apesar de nossa amostra ter revelado que a maioria destes não são mais habitados, vamos, nos termos das instruções de 4 de Julho de 1979, efetuar a incineração completa.

Previsão para a conclusão do projeto: 02 de fevereiro de 1980.

– O que você acha disso, querida? – Perguntou ele.

– É muito bonito, – disse ela. – E você fez isso só para mim?

– Querida, tanto quanto eu sei, você é a única mulher no mundo.

Jackie sorriu um sorriso amargo, reservado para catástrofes sem esperança. Ela fechou os olhos, não para não ver a cena, mas porque estava muito cansada, e sacudiu as cinzas de seu cabelo preto, curto e encaracolado.

Jeremiah Orville abraçou-a. Não estava frio, mas parecia a coisa certa a fazer naquele momento, um gesto tradicional, como tirar o chapéu em um funeral. Calmamente, assistiu a cidade queimar. Jackie estava esfregando o nariz ferido pela lâ áspera de sua camisola.

– Eu nunca realmente gostei dessa cidade, – disse ela.

– Ela nos manteve vivos.

– É claro, Jerry. Eu não quero ser ingrata. Eu só quis dizer que...

– Eu entendo. É apenas o meu conhecido sentimentalismo.

Apesar do calor dos braços, ela estremeceu.

– Nós vamos morrer agora. Nós vamos morrer com certeza.

– Queixo para cima, Miss Whythe! Tally-ho! Lembre-se do Titanic!

Ela riu.

– Eu me sinto como Carmen, na ópera, quando ela vira a Rainha de Espadas. – Ela cantarolou o tema e, quando a última nota pareceu muito baixa, murmurou: – Era uma produção amadora.

– Não é de admirar que se sinta deprimida com o mundo queimando, – disse ele, em sua melhor forma de David Niven. Então, com um autêntico sotaque do centro-oeste: – Ei, olha! Lá vai o Edifício Alworth!

Ela virou-se rapidamente, e seus olhos escuros dançaram na luz da fogueira. O Edifício Alworth, o mais alto em Duluth, queimou magnificamente. O centro da cidade estava em chamas agora. À esquerda do edifício Alworth, o First American National Bank, depois de um início tardio, inflamou-se ainda mais esplendidamente, devido à sua maior massa.

– Ooowh, – Jackie gritou. – Wheee!

Eles tinham vivido nestes últimos anos no cofre de depósito seguro, no porão do First American National Bank. Seu precioso estoque de latas de conserva e frascos ainda estava trancado no cofre e provavelmente o canário ainda estava na gaiola no canto. Tinha sido uma casa muito aconchegante,

embora houvessem poucos visitantes, e eles tiveram que matar a maioria das pessoas. Mas essa sorte não podia durar para sempre.

Jackie estava chorando lágrimas de verdade.

– Triste? – ele perguntou.

– Oh, triste não... *déracinér* (solitária) um pouco. E irritada comigo mesmo, porque não entendo. – Ela fungou ruidosamente, e as lágrimas foram todas embora. – É tão horrível, como eles costumavam chamar de um Ato de Deus. Como se Deus fosse a fonte de tudo que é irracional. Eu gostaria de saber o porquê das coisas. Então, depois de uma pausa: - Talvez tenham sido os cupins?

– Os cupins! – Ele olhou para ela incrédulo, e seu rosto começou a mostrar sua covinha de quando mentia. Ela puxou sua perna. Ele se caíram juntos na risada.

À distância, o edifício Alworth desmoronou. Além, no porto seco, um navio estava de lado e as chamas esguichavam para fora de suas vigias. Aqui e ali, corriam sobre os escombros os mecanismos incendiários que podiam ser vislumbrados trabalhando. Daquela distância pareciam realmente inócuos. Lembravam a Jackie nada mais que aqueles Volkswagens do início dos anos 50, quando todos Volkswagens eram cinza. Eles eram diligentes, limpos e rápidos.

– Devem estar vindo no nosso caminho –, disse ele. – Eles vão limpar os subúrbios em breve.

– Bem, adeus, Civilização Ocidental, – Jackie disse, acenando para o inferno brilhante sem medo. Pois, como se pode ter medo de Volkswagens?

Eles encostaram suas bicicletas ao longo da alameda Skyline, de onde tinham visto a cidade em chamas. Subindo a alameda eles tinham que andar com as bicicletas, porque a corrente de Orville estava quebrada.

A alameda abandonada por anos, estava cheia de buracos e detritos. Descendo de Amity Park, eles mergulharam no escuro, longe da luz do fogo. Desceram lentamente apertando os freios.

Na parte inferior do morro, uma voz clara, feminina, dirigiu-se para fora da escuridão:

– Pare!

Eles saltaram das bicicletas e atiraram-se no chão. Tinham praticado isso muitas vezes. Orville puxou sua pistola.

A mulher entrou na mira, os braços sobre a cabeça, as mãos vazias. Ela era muito velha, ou seja, sessenta ou mais, e de uma maneira desafiadora e inocente. Ela chegou muito perto.

– Ela é um chamariz! – Jackie sussurrou.

Isso era óbvio, mas onde os outros estavam, Orville não poderia dizer. Árvores, casas, coberturas, carros enguiçados. Cada um deles poderia fornecer uma cobertura adequada. Estava escuro. O ar estava enfumaçado. Ele havia perdido, por enquanto, sua visão noturna, observando o fogo. Determinado a parecer igualmente inocente, guardou sua arma e levantou-se. Ofereceu a mão para a mulher. Ela sorriu, mas não chegou mais próximo que isso.

– Eu não iria para lá meus queridos. Há uma espécie de máquina do outro lado. Uma espécie de lança-chamas, eu acho. Se vocês quiserem, eu vou lhe mostrar o melhor caminho.

– Como se parece esta máquina?

– Nenhum de nós a viu. Acabamos de ver as pessoas queimarem ao chegarem ao topo da colina. Chocante.

Não era impossível, nem mesmo improvável, era igualmente possível e provável que estivessem sendo levados para uma armadilha.

– Um momento. – Acenou para a mulher. Sinalizou para Jackie ficar onde estava e caminhou até o suave declive do morro.

Examinou os restos que os anos tinham amontoado lá e agarrou uma vareta que devia ter caído de um carrinho de lenha. No meio da encosta parou atrás de uma das Plantas que tinha quebrado o asfalto e atirou a vara por sobre a crista. Antes de chegar ao topo de seu arco, foi consumida por chamas e antes de cair fora de vista a chama estava morta. A madeira tinha sido totalmente incinerada.

– Você está certa – disse ele, voltando-se para a mulher. – E nós agradecemos. Jackie levantou-se.

– Nós não temos nenhuma comida – ela anunciou, menos para a velha que para aqueles que supostamente estavam escondidos ao seu redor. O hábito de desconfiança foi forte demais por um instante.

– Não se preocupem, meus caros, vocês passaram no primeiro teste. No que nos diz respeito, vocês mostraram o seu valor. Se você soubesse quantas pessoas caminham direto para lá. – Ela suspirou. – Meu nome é Alice Nemerov, R.N. Me chame de Alice. Então, quase como um adendo: – As letras significam que sou enfermeira, vocês sabem. Se você ficar doente, posso dizer-lhe o nome do que você tem. Até mesmo prestar uma pequena ajuda, às vezes.

– Meu nome é Jeremiah Orville, M.S. Chame-me Orville. As letras significam que sou um engenheiro de minas. Se você tiver uma mina, eu terei prazer em vê-la.

– E você, minha cara?

– Jack Janice Whyte. Nenhuma letra. Eu sou uma atriz, pelo amor de Deus! Tenho as mãos finas, de modo que eu as usava para fazer um monte de comerciais de sabão. Mas eu posso atirar, e não tenho nenhum escrúpulo, que eu saiba.

– Magnífico! Agora venha e conheça os outros lobos. Há um número suficiente de nós para um bando. Johnny! Ned! Christie! Todos vocês! Fragmentos de sombras, se desprendam da escuridão e venham para frente.

Jackie abraçou Orville pela cintura, deliciada. Aproximou a boca de sua orelha, e ele se inclinou para ela sussurrar.

– Sobreviveremos! Não é maravilhoso?

Era mais do que eles esperavam. Por toda sua vida Jeremiah Orville tinha esperado por coisas melhores. Ele esperava, quando começou a faculdade, se tornar um cientista de pesquisa. Ao contrário disso, tinha ido para um trabalho confortável com mais segurança (parecia) em San Quentin. Tinha a esperança de deixar o emprego e Duluth, logo que economizasse 10.000 dólares, mas antes desta soma fabulosa, nem metade disso, ser montada, estava casado e dono de uma bela casa suburbana (3.000 de entrada e dez anos para quitar o saldo). Esperava por um casamento feliz, mas até então (casou-se tarde, aos 30 anos) tinha aprendido a não esperar demais.

Em 1972, quando as Plantas vieram, estava a ponto de transferir toda essas esperanças para os ombros fracos de seu filho de quatro anos de idade. Mas Nolan mostrou-se incapaz até de suportar o peso da sua própria existência durante a primeira onda de fome que atingiu as cidades, e Theresa durou apenas um mês ou dois a mais. Ele previra sua morte: pouco antes dela morrer, ele a abandonara.

Como todo mundo, Orville fingiu odiar a invasão (nas cidades nunca se esperava nada mais que isso), mas secretamente ele a adorou, não queria mais nada. Antes da invasão, Orville havia parado no limiar de uma cinza e barriguda meia idade e de repente uma vida nova vida havia sido jogada para ele. Ele (e qualquer outra pessoa que sobreviveu) aprendeu a agir sem escrúpulos, como os heróis nas revistas de aventura baratas que havia lido quando garoto, às vezes tão sem escrúpulos quanto os vilões. O mundo poderia morrer. Não importa: ele estava vivo novamente.

Houve a intoxicação, enquanto durou, de poder. Não o poder bacana de luvas caras que havia experimentado antes, mas uma nova espécie (ou mais antiga) de poder, que vinha de ter a força para perpetuar a desigualdade extrema. Colocando a coisa de forma mais clara, ele trabalhara para o Governo. Primeiro como chefe de uma turma de trabalhos forçados, mais tarde (dentro de poucos meses, pois o ritmo dos acontecimentos estava acelerando), como diretor de operação da força de trabalho de toda cidade. Às vezes ele se perguntava qual a diferença que havia entre ele e, digamos, um Eichmann, mas não deixou que suas especulações interferissem em seu trabalho.

Na verdade, foi sua imaginação que o deixou ver a insustentabilidade da posição no Governo e então fez os preparativos adequados para o colapso. Os agricultores não podiam ser pressionados por muito mais tempo. Eles tinham o hábito de independência e ressentiram-se com o parasitismo das cidades. Eles se revoltariam para manter a sua pouca comida para si mesmos. Sem rações para os escravos da cidade (é isso que eles eram escravos), seria ou a revolta ou a morte. Em qualquer caso, eles morreriam. Então (depois das adequadas ficções burocráticas e subornos), Orville havia provisionado a sua fortaleza no porão do First American National Bank e aposentou-se da sua vida de serviço público.

Havia inclusive um romance que tinha progredido (ao contrário de seu casamento), exatamente como um romance deve progredir: um namoro fortemente contestado, declarações extravagantes, febres, ciúmes, triunfos... oh incessantes triunfos, e acompanhado sempre do afrodisíaco perigo mortal que cobria becos e lojas saqueadas da cidade que morria.

Por três anos, ele esteve com Jackie Whythe e não parecia mais do que um fim de semana de feriado. Se era assim para ele, por que não seria o mesmo para os outros sobreviventes também? Será que todos não sentiam essa alegria clandestina e em seus corações, como os adúlteros juntos, em segredo, em uma cidade estranha? Deve ser assim, pensou ele. Tem que ser assim.

Além da turística Brighton Beach, as plantas cresciam mais densas na expansão urbana diluída.

O grupo conhecido casualmente tinha vindo do território selvagem, onde poderiam ficar seguros. Conforme se deslocavam para nordeste na Rota 61, a

penumbra da cidade em chamas atrás deles desapareceu, e à pouca luz das estrelas desaparecia, devido a folhagem. Eles avançaram em total escuridão.

Moviam-se rapidamente, no entanto; apesar das Plantas terem quebrado a estrada, não tinham bloqueado o caminho. Não era como se precisassem lutar através do matagal antigo que crescia por aqui: os galhos não feriam os rostos, nem espinhos machucavam os pés de cada um. Sequer haviam mosquitos, uma vez que as Plantas tinham drenado os pântanos próximos. Os obstáculos só eram ocasionais buracos e, às vezes, onde as Plantas haviam quebrado o asfalto, o suficiente para avançar a erosão, um canal.

Orville e os outros seguiam a rodovia até que a manhã brilhou cinzenta através da massa da floresta, então se viraram em direção à luz, em direção ao lago, que tinha sido visível certa vez para os carros que trafegavam por esta estrada. Parecia perigoso seguir pela Rota 61 adiante, uma extensão da cidade e sujeita ao mesmo destino da cidade. E também estavam com sede. Se a sorte estivesse com eles, poderiam até conseguir peixes no lago.

A rota havia sido forçada para eles pelas circunstâncias. Teria sido mais sábio, com o inverno chegando, mover-se para o sul, mas isso teria significado circundar a cidade em chamas, e de modo algum valeria a pena. Não havia água para o oeste, e a leste havia muita água. O Lago Superior, embora diminuído, ainda era um reservatório eficaz.

Talvez uma das vilas à beira do lago tivesse barcos utilizáveis, e no caso eles poderiam virar piratas, como a frota de rebocadores tinha se tornado três anos antes, quando Duluth Harbor secou. Mas a melhor direção provável era a de continuar para nordeste ao longo da margem do lago, saqueando as fazendas e vilas, e se preocupar com o inverno, quando o inverno chegasse. O Lago Superior fervilhava com peixes-lua. Cozidos, eram bons mesmo sem sal.

Depois o grupo discutiu, numa tentativa de otimismo, sua situação e perspectivas. Não havia muito a decidir: a situação ditou seus próprios termos. A reunião foi, na verdade, menos uma discussão que uma competição, entre os dezesseis homens, para ver quem iria assumir a liderança. Exceto pelos casais, eles não conheciam uns aos outros. (Havia pouca vida social nesses últimos anos, as únicas comunidades qu e sobreviveram nas cidades foram bandos de pilhagem, e se algum desses homens estivera em um bando desses antes, não estava falando sobre isso agora). Nenhum dos candidatos à liderança parecia disposto a discutir os detalhes de sua própria sobrevivência. Tal reticência era natural e conveniente: ao menos eles não haviam se tornado embrutecidos a ponto de exultar sua depravação e se gabar de sua culpa. Eles tinham feito o que tinham feito, mas eles não estavam necessariamente orgulhosos disso.

Alice Nemerov salvou-os deste constrangimento, narrando sua própria história, que era totalmente livre de aspectos desagradáveis. A partir dos primeiros dias da fome ela tinha estado no hospital principal, vivendo na ala de isolamento. O pessoal do hospital vinha negociando suas habilidades e seus suprimentos médicos, conseguindo sobreviver até mesmo no pior dos tempos, exceto, aparentemente, no fim. Os sobreviventes eram principalmente enfermeiros e estagiários, os médicos tinham se retirado para suas casas de campo, quando, após o fracasso do Governo, a anarquia e a fome passaram a

dar as cartas na cidade. Nos últimos anos, Alice Nemerov tinha sobrevivido escondendo-se em sua inocência e com a certeza de que suas habilidades seriam um passaporte, mesmo entre os sobreviventes mais pobres, segura no conhecimento de que tinha ido muito além do ponto onde precisasse se preocupar com o estupro.

Assim, ela veio a conhecer muitos de seus colegas refugiados e efetuado suas apresentações com calma e tato. Ela contou também de outros sobreviventes e expedientes curiosos pelos quais eles mal se salvaram da inanição.

– Ratos? – Jackie perguntou, tentando não parecer hiper delicada em sua repulsa.

– Ah, sim, minha cara, muitos de nós tentam os isso. Admito que foi muito desagradável.

Vários de seus ouvintes balançaram a cabeça em concordância.

– E haviam canibais também, mas eles eram pobres almas culpadas, não com o você acha que um canibal seria. Eles estavam sempre pateticamente ansiosos por falar, viviam muito sozinhos. Felizmente, nunca me deparei com um quando estava com fome, ou o meu sentimento poderia ser diferente.

Como o sol elevado do meio-dia, o cansaço os fez baixar a guarda e as pessoas passaram a falar do seu próprio passado. Orville percebeu pela primeira vez que não era bem o monstro injusto que ele às vezes pensava de si mesmo. Mesmo quando revelou que tinha sido um chefe de equipes de trabalho do Governo, seus ouvintes não pareceram indignados ou hostis. A invasão tinha transformado todos em relativistas: tolerantes uns com os outros, como se fossem delegados na convenção de antropólogos culturais.

Estava quente e eles precisavam dormir. A quebra das barreiras da solidão tinha cansado seus espíritos, quase tanto como a marcha tinha cansado seus corpos. O bando estabelecera sentinelas, mas um deles deve ter dormido. A oportunidade para a resistência já tinha passado antes que se percebesse.

Os agricultores, seus ossos malvestidos de carne, como se a carne fosse jeans rasgados, estavam em desvantagem de três para um, mas os agricultores foram capazes, enquanto os lobos dormiam (cordeiros, talvez não seria melhor dizer?) de confiscar a maioria das armas e impedir a utilização do resto. Com uma exceção: Christie, a quem Orville tinha pensado que poderia vir a gostar, conseguiu atirar em um fazendeiro, um homem velho, na cabeça.

Christie foi estrangulada.

Tudo aconteceu muito rápido, mas não rápido demais para Jackie dar um último beijo em Orville. Quando foi puxada rudemente para longe dele por uma agricultora jovem que parecia melhor alimentada do que a maioria, ela estava sorrindo o sorriso especial, amargo, reservado apenas para ocasiões como aquela.

## CINCO

### RELAÇÕES DE SANGUE

Senhora acomodou Flor na cama aquela noite como ela se fosse ainda pequena. Ela tinha apenas treze anos, afinal. Do lado de fora os homens estavam agitados. Era uma coisa terrível. Se ao menos pudesse fechar os ouvidos para isso.

– Eu gostaria que eles não precisassem fazer isso, Mãe. – Flor sussurrou.

– É necessário, querida, um mal necessário. Essas pessoas não teriam hesitado em matar-nos. Você está aquecida sob esse cobertor fino?

– Mas por que não podemos apenas enterrá-los?

– Seu pai sabe bem disso, Flor. Tenho certeza de que está aflito por ter que fazer isso. Lembre-se que seu irmão Buddy... – Senhora sempre se referia a seu enteado como o irmão de Flor e de Neil, mas ela nunca pôde esquecer que esta era uma meia-verdade, na melhor das hipóteses, e tropeçou na palavra. – ...já sentiu o mesmo que você.

– Ele... não está lá hoje à noite. Perguntei a Maryann. Ela disse que ele tinha ido para o campo oeste. Para fazer guarda contra os saqueadores que possam vir.

O barulho constante lá fora penetrava a trama leve das paredes de verão e pairava no ar. Senhora afastou uma mecha de cabelos grisalhos e compôs-se com severidade.

– Querida, eu tenho trabalho a fazer agora.

– Será que você pode deixar a luz acesa? – Flor sabia que não era certo queimar óleo sem propósito, até mesmo esse óleo que havia sido extraído da planta. Ela só estava vendo o quão longe podia ir.

– Sim – admitiu Senhora (pois não era uma noite qualquer), – mas mantenha a chama baixa.

Antes de baixar a cortina que separava a cama de Flor do resto da Câmara comum, perguntou se Flor tinha feito suas orações.

– Oh, mãe!

Lady baixou a cortina sem qualquer apologia ou reprovação ao protesto ambíguo de sua filha. Seu marido certamente teria visto tal coisa com impiedade, punindo-a. Senhora não deixava de ficar satisfeita por Flor não ser tão impressionável (e se a menina tinha um defeito, era esse) para se deixar levar com fervor pelo medo irracional distribuído por seu pai, no seu calvinismo feroz. Se alguém fosse se comportar como um infiel, a Senhora acreditava, maior era a hipocrisia passar-se por um cristão. Na verdade, ela duvidava muito se o Deus para quem o marido orava tinha existido algum dia. Se existiu, por que rezar para ele? Ele tinha feito sua escolha eras atrás. Ele era como os antigos deuses astecas que exigiam o sacrifício de sangue em seus altares de pedra. Um Deus ciumentoso e vingativo, um Deus para os primitivos, um Deus sangrento. Qual fora a

escritura que Anderson tinha escolhido no último domingo? Um dos profetas menores. Senhora procurou através das páginas da grande Bíblia de seu marido. Lá estava, em Naum: "Deus é ciumento e vingador; o Senhor é vingador e cheio de indignação, o Senhor toma a vingança contra os seus adversários, e guarda ira contra os seus inimigos."

Ah, era tudo que Deus era!

Quando a cortina desceu, Flor se arrastou para fora da cama e disse obedientemente as suas orações. Gradualmente, os pedidos de rotina cediam lugar aos seus próprios primeiro, para benfeitoria impessoal (que a colheita fosse boa, que os saqueadores tivessem melhor sorte e escapassem), em seguida por favores mais delicados (que o cabelo dela pudesse crescer mais rápido para que ela pudesse colocá-lo em cachos novamente, que seus seios crescessem apenas um pouco mais, embora já fossem bastante bons para a sua idade – ao que ela dava graças). Enfim, de volta a cama, esses pedidos formais deram lugar a um desejo simples, e ela ansiava por coisas que ainda não aconteceriam.

Quando adormeceu, a máquina ainda estava triturando.

Um barulho a acordou, algo a acordou. Havia ainda um pouco de luz da lamparina.

– O que é isso? – ela perguntou sonolenta.

Seu irmão Neil estava ao pé na sua cama. Seu rosto estava estranhamente vazio. Sua boca estava aberta, o queixo pendurado. Ele parecia vê-la, mas ela não pôde interpretar a expressão de seus olhos.

– O que é isso? – ela perguntou de novo, de forma mais acentuada.

Ele não respondeu. Não se moveu. Estava vestindo as calças gastas e havia sangue nelas.

– Vá embora, Neil. O que você queria me acordando assim?

Os lábios dele se moviam, como se estivesse dormindo e sua mão direita fez vários gestos, enfatizando as palavras não ditas do seu sonho.

Flor puxou a fina coberta até o queixo e se sentou na cama. Gritou, apenas para dizer que fosse embora, um pouco mais alto, então ele iria ouvi-la. Senhora dormia leve e Flor não teve que gritar mais de uma vez.

– Você está tendo pesadelos, meu Neil! O que você está fazendo aqui?

Neil?

– Ele não vai dizer nada, mãe. Ele apenas fica assim; ele não vai responder.

Senhora pegou o filho mais velho, agora que Jimmie estava morto, seu único filho, pelo ombro, e sacudiu-o rudemente. A mão direita dele fez mais gestos enfáticos, mas os olhos pareciam menos extasiados agora.

– Hã? – ele murmurou.

– Neil, você vai ver Greta agora, você ouviu? Greta está esperando por você.

– Hein?

– Você tem sonambulismo, ou algo assim. Agora vá.

Ela já o tinha puxado para longe da cama e deixado cair a cortina, cobrindo Flor. Ficou mais alguns minutos vendo Neil do lado de fora da porta e em seguida voltou para Flor, trêmula.

– O que ele queria? Por que...



– Ele está chateado com as coisas que aconteceram esta noite, querida. Todo mundo está nervoso. Seu pai saiu e ainda não voltou. São só os nervos.

– Mas por que ele?

– Quem sabe por que fazemos as coisas que fazemos em nossos sonhos? Agora, é melhor você pegar no sono novamente. Ter seus próprios sonhos. E amanhã...

– Mas eu não entendo.

– Vamos esperar que Neil também não, amor. E amanhã, nem uma palavra disso para seu pai, você entendeu? Seu pai está chateado ultimamente, e é melhor manter isso em segredo. Apenas nós duas. Você promete?

Flor assentiu. Senhora enfiou-se na cama. Na cama esperou o marido retornar. Esperou até o amanhecer, enquanto no exterior a máquina moedora manteve sua música sombria e rascante.

Acordar era a dor. A consciência era a consciência da dor. Movimentos eram dolorosos. Foi doloroso respirar. Movendo-se dentro e fora da dor haviam figuras de mulheres, uma mulher velha, uma menina, uma mulher bonita e uma mulher muito velha. A bela mulher era Jackie e, já que Jackie estava morta, sabia que estava tendo alucinações. A mulher muito velha era a enfermeira, Alice Nemerov. Quando ela o tocou, sentiu mais dor, então soube que ela devia ser real. Ela moveu seus braços e, pior, a sua perna. *Pare com isso*, pensou. Às vezes ele gritava. Ele odiava porque ela estava viva, ou porque ela estava causando sua dor. Ele estava vivo, também, ao que parecia. Caso contrário, iria sentir essa dor? Ou foi a dor que o manteve vivo? Ah, pára com isso. Às vezes, ele conseguia dormir. Era melhor assim.

Ah, Jackie! Jackie! Jackie!

Logo ficou mais doloroso pensar em qualquer outra coisa, até mesmo na perna se movendo. Ele não era mais capaz de parar ou diminuir essa dor. Ficou ali, enquanto as três mulheres iam e vinham – a velha, a menina e a mulher que parecia velha.

A menina falou com ele.

– Olá –, disse ela, – como você está se sentindo hoje? Você pode comer isso? Não poderá comer se não abrir a boca. Você não vai abrir a boca? Só um pouco? Seu nome é Orville, não é? O meu nome é Flor. Alice nos contou tudo sobre você. Você era um engenheiro de minas. Deve ser muito interessante. Eu estive em uma caverna, mas eu nunca vi uma mina. A menos o que vocês chamam de minas de ferro. São apenas buracos, no entanto. Abra um pouco mais que é melhor. Na verdade, foi por isso que o papai... Ela parou. – Eu não deveria falar tanto. Quando você estiver melhor, podemos ter longas conversas.

– Foi por isso que papai o que? – perguntou ele. Era mais doloroso falar que comer.

– Foi por isso que o papai disse... disse que não... Quero dizer, você e Miss Nemerov estão vivos, mas tinha que fazer...

– Matar.

– Sim tivemos que fazer isso com os outros.

– As mulheres também?

– Mas entenda, nós tínhamos que fazer. Papai sabe explicar isso melhor do que eu, mas se nós não fizermos isso, então outros vão aparecer, muitos deles juntos, e estarão com muita fome e não temos comida suficiente, mesmo para nós. O inverno é tão frio. Você pode entender isso, não pode?

Ele não disse mais nada por alguns dias.

Era como se, durante todo esse tempo, tivesse vivido apenas para Jackie; e agora que ela se fora, ele já não tinha qualquer necessidade de viver. Fora drenado o desejo de qualquer coisa, com exceção do sono. Quando ela estava viva, não sabia que tinha tanto significado para ele. Ele nunca tinha medido o tamanho de seu amor. Devia ter morrido com ela, ele tentou. Somente a dor da memória poderia aliviar a dor do arrependimento, e nada podia aliviar a dor da memória. Queria morrer. Ele disse isso para Alice Nemerov, R.N.

– Cuidado com o que fala –, ela aconselhou: – ou eles farão este favor a você. Eles não confiam em nós dois. Nós não devemos nos falar, ou eles vão pensar que estamos fazendo planos. É melhor você tentar ficar bem de novo. Coma mais. Eles não gostam de você andando por aí sem fazer nada. Você compreende o que salvou a sua vida, não? Eu. Você é um idiota por deixá-los quebrar sua perna. Por que você não falou? Eles só queriam saber a sua ocupação.

– Jackie, ela era...

– Não foi diferente com ela do que para o resto. Você viu as máquinas. Mas você tem que esquecê-la. Você é sortudo por estar vivo. Ponto final.

– A menina que me alimenta, quem é ela?

– Filha de Anderson. Ele é o encarregado aqui. O homem magro de idade com o olhar constipado. Cuidado com ele. E seu filho, o grande, chama-se Neil. Ele é pior ainda.

– Lembro-me daquela noite. Lembro-me dos seus olhos.

– Mas a maioria das pessoas aqui não é diferente de você e eu. Só que eles são organizados. Eles não são pessoas más. Só fazem o que têm que fazer. Senhora, por exemplo, a mãe de Flor, é uma boa mulher. Eu tenho que ir agora. Coma.

– Você não consegue comer mais do que isso? – Flor repreendeu. – Você tem que ter sua força de volta.

Ele pegou a colher novamente.

– Assim é melhor. – Ela sorriu. Uma covinha profunda surgiu na bochecha sardenta dela, quando sorriu. Caso contrário, seria um sorriso comum.

– Que lugar é esse? Só a sua família mora aqui?

– Esta é a Sala comum. Só ficamos aqui no verão, por que o papai é o prefeito. Mais tarde, quando ficar frio, a cidade inteira se muda pra cá. É muito grande, maior do que você pode ver daqui, mas mesmo assim fica lotada. Há duzentos e quarenta e seis de nós. Duzentos e quarenta e oito, com você e Alice. Amanhã você acha que pode tentar andar? Buddy é meu irmão, meu outro irmão fez uma muleta para você. Você é como Buddy. Quando estiver saudável novamente, você vai se sentir melhor. Quer dizer, você será mais feliz. Nós não somos tão ruins quanto você pensa. Somos congregacionalistas. O que você é?

– Eu não sou.

– Então você não terá qualquer dificuldade em se juntar a nós. Mas não temos um ministro de verdade, não desde que o reverendo Pastern morreu. Ele era o pai de minha cunhada Greta. Você já viu ela. Ela é a mais bela entre nós. Papai sempre foi importante na igreja, por isso quando o reverendo morreu ele apenas naturalmente assumiu. Ele sabe pregar um bom sermão, você ficaria surpreso. Ele é realmente um homem muito religioso.

– O pai de vocês? Eu gostaria de ouvir um desses sermões.

– Eu sei o que você está pensando, Sr. Orville. Você pensa que por causa do que aconteceu com os outros, meu pai é mau. Mas ele não é deliberadamente cruel. Ele só faz o que tem que fazer. Foi um mal necessário, o que ele fez. Você não pode comer mais? Tente. Vou lhe contar uma história sobre o pai, e então você verá que não tem sido justo com ele. Um dia, no verão passado, no final de junho, o touro fugiu e começou a perseguir as vacas. Jimmie Lee, que era o mais jovem, saiu atrás delas. Jimmie Lee era uma espécie de preferido do pai. Ele colocava muito de sua esperança em Jimmie Lee, embora não demonstrasse. Quando o pai encontrou Jimmie Lee e as vacas, todos eles estavam queimados, exatamente como dizem ter acontecido em Duluth. Não houve sequer um corpo para levar para casa, apenas cinzas. Meu pai ficou quase fora de si de tanta tristeza. Esfregou as cinzas em seu rosto e chorou. Então ele tentou se comportar como se nada tivesse acontecido. Mas naquela noite ficou chorando e soluçando e saiu sozinho para o túmulo, onde ele tinha encontrado Jimmie, e ficou lá por dois dias inteiros. Ele tem sentimentos profundos, mas na maioria das vezes não demonstra.

– E Neil? Ele é assim também?

– O que você quer dizer? Neil é meu irmão.

– Foi ele quem me fez as perguntas naquela noite. E para as outras pessoas que eu conhecia. Ele é igual ao seu pai?

– Não sei nada sobre aquela noite. Eu não estava lá. Você tem que descansar agora. Pense no que eu lhe disse. E, Sr. Orville, tente esquecer aquela noite.

Crescia nele o desejo e a vontade de sobreviver, mas, ao contrário de qualquer desejo que tinha conhecido até então, este era um tumor canceroso, e a força que emprestou ao corpo foi a força do ódio. Apaixonadamente, ele não desejava a vida, mas vingança pela morte de Jackie, por sua própria tortura, por aquela noite terrível. Jamais sentira muita simpatia por pessoas vingativas. As premissas básicas da vingança sempre lhe pareceram bastante improváveis, como a cena de *Il Trovatori*, de modo que ficou surpreso ao encontrar-se insistindo exclusivamente sobre um só tema: a morte de Anderson, a agonia de Anderson, a humilhação de Anderson.

Inicialmente sua imaginação se contentou simplesmente em elaborar mortes para o velho; então, à medida que sua força crescia, essas mortes foram elaboradas com torturas e, finalmente, a morte. Torturas poderiam ser prolongadas, enquanto a morte era um fim.

Mas Orville, tendo ele próprio experimentado o amargo fel, sabia que havia um limite além do qual a dor não pode ser aumentada. Desejou para Anderson

suportar o sofrimento de Jó. Queria esfregar cinzas no cabelo grisalho do homem, para esmagar seu espírito, para arruiná-lo. Só então iria permitir que Anderson soubesse que tinha sido ele, Jeremiah Orville, quem tinha sido o agente de sua humilhação.

De modo que quando Flor lhe contou a história de como o velho havia sofrido por Jimmie Lee, percebeu o que tinha que fazer.

Os dois andavam por todo milharal juntos, Flor e Orville. A perna havia sarado, mas ele provavelmente iria coxear para sempre. Agora pelo menos podia coxear por conta própria, sem qualquer muleta que não fosse Flor.

– Esse é o milho que vai nos alimentar neste inverno? – questionou.

– É mais do que realmente precisamos. Um lote é para as vacas.

– Suponho que você estaria lá fora, na colheita, com o resto deles, se não fosse por mim.

Era costume, durante a colheita, as mulheres mais velhas e as meninas mais jovens assumirem funções na aldeia, enquanto as mulheres mais fortes iam para o campo junto com os homens.

– Não, eu não sou velha o suficiente.

– Oh, deixe disso. Você deve ter uns quinze anos ou quase.

Flor deu uma risadinha.

– É você quem está dizendo isso. Tenho treze. Só farei quatorze anos no dia 31 de janeiro.

– Você poderia ter me enganado. É muito bem desenvolvida para treze anos.

Ela corou.

– Quantos anos você tem? – Perguntou ela.

– Trinta e cinco anos.

Era mentira, mas ele sabia que poderia ir longe com isso. Sete anos atrás, quando tinha trinta e cinco, ele parecia mais velho do que agora.

– Eu sou jovem o suficiente para ser sua filha, Sr. Orville.

– Por outro lado, Miss Anderson, você está quase com idade para ser minha esposa.

Ela corou mais violentamente desta vez, e o teria deixado se ele não precisasse de seu apoio. Isto foi o mais distante que ele andou sozinho.

Pararam para descansar. Exceto pela colheita, era difícil reconhecer setembro. As plantas não mudavam de cor com as estações do ano: elas simplesmente fechavam as folhas como guarda-chuva para que a neve escorresse para o chão. Também não havia qualquer indício de outono no ar. O frio da manhã era um frio como outro qualquer.

– É bonito aqui no interior – afirmou Orville.

– Ah, sim. Eu também penso assim.

– Você viveu aqui toda a sua vida?

– Aqui ou na parte antiga da cidade. – Ela lançou um olhar de soslaio para ele. –

Sim, Você está se sentindo melhor agora, não é?

– Sim. É ótimo estar vivo.

– Eu estou contente. Estou feliz que você esteja bem novamente.

Impulsivamente, ela pegou sua mão e ele respondeu com um aperto. Ela riu com prazer. Eles começaram a correr. Esta então parecia ser a etapa final de sua longa reversão ao primitivo.

Orville não poderia imaginar uma ação mais inadequada do que a que ele se destinava, e sua baixeza só aumentou a paixão sangrenta que continuou a crescer dentro de si. Sua vingança agora exigia mais do que Anderson, mais que a família inteira do homem. Ele exigia toda a comunidade. E o tempo para saborear a sua aniquilação. Ele deveria arrancar cada gota de agonia deles, de cada um deles, deveria, gradualmente, levá-los até o limite de sua capacidade de sofrimento e só então enviá-los para o outro lado.

Flor mexia-se em seu sono, as mãos agarrando o travesseiro de palha de milho. Sua boca abriu e fechou, abriu e fechou, e grânulos de suor estouravam em sua testa e no delicado vazio entre seus seios. Um peso no peito, como se alguém estivesse pressionando-a para baixo com botas pesadas. Ele ia beijá-la. Quando a boca se abriu, viu o giro da máquina moedora dentro dela. Pedacos de carne moída tombado adiante. E a máquina fazia um som rascante e triste.

## SEIS AÇÃO DE GRAÇAS

Nuvens cinzentas estavam se concentrando acima. O chão estava seco, nu, cinzento, sem grama, sem árvores, só as plantas dobrando-se para o inverno, com o guarda-sóis, cresciam aqui. A luz sem brilho outonal, às vezes enfraquecida, e uma brisa passava pelo parque, trazendo poeira.

Sentado à mesa de piquenique de concreto em bancos frios, uma pessoa poderia ver a sua própria respiração. As mãos nuas dormentes e duras de frio. Por todo o parque, as pessoas exercitavam seus dedos congelados dentro de seus sapatos e desejavam que Anderson terminasse logo a oração. Em frente ao parque estava o que restara da Igreja Congregacional. Anderson não tinha deixado que seu próprio povo canibalizasse a madeira da igreja, mas no último inverno saqueadores tinham arrancado as portas para usar como lenha e quebrado as janelas para se divertir. Os ventos tinham enchido a igreja de neve e poeira e na primavera o chão de carvalho tinha sido coberto com um tapete verde de plantas jovens. Felizmente, ele descobrira a tempo (pelo que eles deveriam ser gratos), mas mesmo assim o chão em breve provavelmente sofreria o colapso de seu próprio peso.

Buddy, vestindo seu único terno, tremia com a oração se arrastando lenta. Anderson, em pé na cabeceira da mesa, também vestindo um terno para a ocasião, mas Neil, sentado no lado esquerdo de seu pai em frente a Buddy, nunca tinha possuído um terno. De camisa de lã e jaqueta jeans, ele estava injeavelmente confortável.

Era costume da gente da cidade, como expatriados que voltavam para casa em breves visitas para estabelecer a sua residência de posse, celebrar todas as festividades, exceto Natal, aqui no parque e da cidade velha. Devido as tantas coisas desagradáveis e desanimadoras que tiveram que fazer, aquilo era necessário para a sua moral.

Anderson, tendo finalmente estabelecido o princípio de que o Deus Todo-Poderoso fora responsável por suas múltiplas bênçãos, começou a enumerá-las. A mais notável dessas bênçãos nunca foi diretamente referida, que depois de sete anos e meio eles estavam todos vivos (todos os que estavam), enquanto muitos outros, a grande maioria, estava morta. Anderson, porém, se ocupava em bênçãos mais periféricas, relativas a esse ano: a abundância da colheita, a saúde de Gracie em seu décimo mês com bezerro (não se referindo às perdas associadas), as duas últimas ninhadas de porcos, e os caçadores terem voltado para casa com caça. Infelizmente, esta tinha sido pouca (um cervo e vários coelhos), uma nota mal-humorada ao final da oração. Anderson logo chegou ao fim, agradecendo ao seu Criador pela riqueza de sua criação e ao grande Salvador pela promessa da Salvação.

Orville foi o primeiro a responder. Seu amém era reverente e ao mesmo

tempo viril. Neil resmungou alguma coisa como o resto deles e estendeu a mão para a jarra de uísque (aquilo que chamavam de uísque), que ainda estava três quartos cheia. Senhora e Flor, que estavam sentadas junto da cabeceira da mesa mais próxima da churrasqueira, começaram a servir a sopa. Tinha um leve sabor de coelho e era temperada com ervas do lago.

– Mandem ver! – Disseram alegremente. – Há muito mais chegando.

O que mais você poderia dizer na Ação de Graças? Já que era um feriado importante, toda a família reunira-se em ambos os lados da mesa. Além dos sete Andersons, estavam Mae, a irmã mais nova da Senhora, o marido Joel Stromberg, ex-Lakeside Stromberg's Resort Cabanas, e os dois pequenos Strombergs, Denny, de dez anos e Dora, de oito. Além destes, os “convidados especiais” dos Andersons (ainda em liberdade condicional), Alice Nemerov RN e Jeremiah Orville.

Senhora não podia fazer nada a não ser lamentar a presença dos Strombergs, pois tinha certeza de que Denny e Dora só a fariam lembrar do marido ausente da mesa. Aquele ano não tinha sido amável com a sua querida irmã.

Mae era admirada pela beleza da sua juventude (embora provavelmente não no mesmo grau que Senhora tinha sido), mas aos quarenta e cinco anos ela era uma mulher desmazelada e uma encrenqueira. Na verdade, ela ainda tinha o cabelo vermelho-fogo, mas que apenas apontava para a decadência do que restara. A única virtude que restava era que ela era uma mãe solícita. Demais, Lady pensava.

Para Senhora, que sempre odiara feriados, agora, quando não havia nem mesmo a gula do ritual de um jantar com peru para aliviar a tristeza sob a aclamação do feriado, a única esperança era terminar o mais rapidamente possível. Estava agradecida, pelo menos, por estar ocupada com o serviço. Se fosse cuidadosamente desleixada, poderia sair de perto.

– Neil, – Greta sussurrou. – Você está bebendo demais. É melhor você parar.

– Hã? – Neil respondeu, olhando para a esposa (ele tinha o hábito, quando comia, de se inclinar sobre o alimento, especialmente se fosse sopa).

– Você está bebendo demais.

– Eu não estava bebendo, pelo amor de Deus! – Disse ele, para a plateia inteira ouvir. – Eu estava tomando minha sopa!

Greta levantou os olhos para o céu, uma mártir da verdade. Buddy sorriu, transparecendo seu propósito, e ela notou o seu sorriso. Houve um lampejo de cílios, nada mais.

– Em qualquer caso, não é problema de vocês o quanto eu bebo ou não bebo. Eu vou beber tanto quanto quiser. – Para demonstrar isso, serviu-se de um pouco mais da bebida destilada a partir do bagaço das folhas da Planta. Não possuía o gosto de Jim Beam, mas Orville era testemunha da sua pureza por sua própria experiência em Duluth. Fora a primeira utilização, como alimento, que Anderson tinha encontrado para as plantas, e desde que ele não era um abstêmio, deu sua benção ao projeto.

Anderson franziu as sobrancelhas pela forma que Neil enchia a cara, mas

não disse nada, não querendo que pensassem que ele estivesse tomando as dores de Greta. Anderson acreditava firmemente na supremacia do sexo masculino.

– Alguém quer mais sopa? – Flor perguntou.

– Eu – disse Maryann, que estava sentada entre o marido e Orville. Ela comia tudo o que podia agora, por causa do bebê. Por seu pequeno Buddy.

– E eu também – afirmou Orville, com aquele sorriso especial dele.

– Eu também – disse Denny e Dora, cujos pais lhes tinham dito que poderiam comer tudo durante o jantar que Anderson estava oferecendo.

– Alguém mais?

Todos os demais tinham se voltado para o uísque, que tinha se provado desagradável como licor.

Joel Stromberg estava descrevendo o progresso de sua doença para Alice Nemerov RN.

– E isso realmente não dói, essa é a coisa mais engraçada. E sempre que eu quero usar as minhas mãos, elas começam a tremer. E agora a minha cabeça da mesma maneira. Alguma coisa tem de ser feito.

– Temo, Sr. Stromberg, que nada possa ser feito. Costumava haver algumas drogas, mas mesmo elas não funcionam muito bem. Seis meses, e os sintomas reaparecem. Felizmente, como você diz, não dói.

– Você é uma enfermeira, não é?

Ele ia ser um desses! Muito cuidadosamente, ela começou a explicar tudo o que sabia sobre a doença de Parkinson e algumas coisas que ela não sabia. Se ela pudesse envolver mais alguém na conversa! A outra única alma próxima era o menino Stromberg roubando bebidas dos outros copos (o gosto ruim fora o suficiente para Alice), sentado diante do prato vazio de Senhora. Se Senhora ou Flor pudessem parar de servir comida e se sentarem por um minuto, ela poderia escapar do hipocondríaco intolerável.

– Diga-me – ela disse, – quando tudo começou?

Os peixes foram comidos e Flor começou a recolher os restos. O momento que todos estavam esperando, o momento terrível, não poderia ser mais adiado. Enquanto Flor trazia o prato de polenta fumegante na qual tinham sido jogados alguns poucos fragmentos de frango e de legumes, Senhora distribuía as salsichas.

Um silêncio caiu sobre a mesa.

Cada um deles tinha uma única salsicha. Cada salsicha tinha cerca de nove centímetros de comprimento e três quartos de polegada de diâmetro. Tinham sido grelhadas sobre o fogo e chegaram à mesa ainda chiando. Tinha alguma carne de porco nelas, Alice tranquilizou-se. Provavelmente não seriam capazes de notar a diferença.

A atenção de todos voltou-se para a cabeceira da mesa.

Anderson ergueu a faca e o garfo. Então, ciente da solenidade do momento, cortou um pedaço de salsicha quente, colocou na boca e começou a mastigar. Depois do que pareceu um minuto inteiro, ele engoliu.

*Pela graça de Deus...* Alice pensou.

Flor estava muito pálida, e debaixo da mesa Alice alcançou a sua mão para emprestar a sua força, apesar de não se sentir tão bem assim...



– O que todo mundo está esperando? – Anderson reclamou. – Tem comida na mesa.

A atenção de Alice se desviou para Orville, que estava sentado ali com a faca e o garfo na mão, e aquele sorriso estranho dele. Ele pegou Alice fitando-o e piscou para ela. Por tudo que era sagrado! Seria para ela? Orville cortou um pedaço da salsicha, e mastigou com gosto. Ele sorriu otimista, como um homem em um anúncio de creme dental.

– Sra. Anderson – ele disse: – você é uma cozinheira maravilhosa. Como consegue isso? Eu não tinha um jantar de Ação de Graças assim desde Deus sabe quando.

Alice sentiu os dedos de Flor relaxar e largá-la. *Ela está se sentindo melhor, agora que o pior já passou*, pensou Alice. Mas estava errada. Houve um barulho forte, como um saco de farinha ao cair no chão, e Mae Stromberg gritou. Flor tinha desmaiado.

Ele, Buddy, não devia ter permitido isso, muito menos ter dado a ideia e insistido nisso, mas provavelmente ele, Buddy, não teria sido capaz de manter a aldeia durante esses sete anos infernais. Primitivo, pagão sem precedentes, como era, havia uma lógica para isso. Isso. Estavam todos com medo de chamar pelo seu nome correto. Mesmo Buddy, na privacidade inviolável de seu próprio conselho, evitara a palavra para isso.

A necessidade pode ter algum a justificativa. Havia todo um amplo precedente (O banquete Donner, o naufrágio da Medusa), e Buddy não teria que ir mais longe que isso para arranjar uma desculpa, se eles estivessem famintos.

Além da necessidade, explicações podiam ser elaboradas particularmente pela metafísica. Assim, metafisicamente, nesta refeição a comunidade estava unida por um complexo vínculo, o ponto central pelos quais os elementos uniam-se na cumplicidade do assassinato, cumplicidade alcançada por um ritual tão solene e misterioso quanto o beijo com que Judas traiu Jesus Cristo, um sacramento. Inclusive o mero horror da tragédia; e o almoço de Ação de Graças da cidade fora o crime e a expiação, por assim dizer, de um só golpe.

Apesar da teoria em seu coração, Buddy não sentia nada além do que horror, o horror apenas, e nada em seu estômago, senão náuseas. Bebeu outro gole firme do álcool com sabor de alcaçuz.

Neil, tinha terminado com sua segunda salsicha e começou a contar uma piada suja. Todos, com exceção de Orville e Alice, tinham-no ouvido contar a mesma piada no almoço de Ação de Graças passado. Orville foi o único a rir, o que piorou a situação ao invés de melhorar.

– Onde diabos está o veado? – Neil gritou, como se naturalmente fosse a continuação do desfecho da piada.

– O que você está falando? – perguntou o pai. Anderson, quando bebia (e hoje ele quase se equiparava a Neil), alterava-se. Em sua juventude ele tinha uma reputação de brigão depois da oitava ou nona cerveja.

– O veado, por amor de Cristo! O cervo! Eu atirei noutro dia! Não vamos ter um veado? Que raio de Ação de Graças é essa?

– Neil – Greta repreendeu: - Você sabe que tem que ser salgado para o

inverno. Haverá pouca carne até lá.

– Bem, onde estão os outros veados? Três anos atrás as florestas estavam repletas de veados.

– Estive pensando sobre isso mesmo, – afirmou Orville, e novamente ele era David Niven ou, talvez, um pouco mais sombrio, James Mason. – A sobrevivência é uma questão de ecologia. Isso é como eu explico. Ecologia é a maneira das plantas e animais diferentes viverem juntos. Ou seja, quem come quem; o veado... e tudo mais, eu temo, estão se tornando extintos.

Houve um silêncio, mas um perceptível suspiro de diversas pessoas na mesa que também tinham pensado o mesmo, mas que nunca tinham ousado dizer na presença de Anderson.

– Deus proverá, – Anderson contrapôs sombriamente.

– Sim, deve ser a nossa esperança, para a Natureza por si só, não. Basta considerar o que aconteceu com o solo. Isto costumava ser o solo da floresta. Olhe para ele! – Pegou um punhado de pó cinzento no chão. – Poeira. Em alguns anos, sem grama para segurá-lo, cada centímetro do solo irá para o lago. O solo é uma coisa viva. Está cheio de insetos, vermes, e não sei o quê.

– Toupeiras, – Neil colocou.

– Ah, toupeiras! – disse Orville. E todas aquelas coisas que vivem sob as plantas e nas folhas em decomposição no solo, ou que dependem delas, da mesma maneira que fazemos. Você já deve ter notado que as Plantas não perdem as folhas. Assim, exceto onde plantamos, o solo está morrendo. Não, ele já está morto. E quando o solo está morto, as plantas, as nossas plantas não serão capazes de viver novamente. Não do jeito que costumavam.

Anderson bufou seu desprezo por tão absurda noção.

– Mas veados não vivem no subsolo! – Neil opôs.

– É verdade, eles são herbívoros. Herbívoros precisam comer grama. Por um tempo, eu suponho que possam ter vivido das plantas jovens surgindo perto do lago, ou então, como coelhos, podem comer a casca das plantas mais velhas. Mas nem isso serve como uma dieta nutricionalmente adequada, ou não foi suficiente ou...

– Ou o quê? – Anderson exigiu saber.

– Ou a vida selvagem está sendo eliminada, da mesma maneira como suas vacas foram no último verão, do jeito que Duluth foi, em agosto.

– Não pode prová-lo! – Neil gritou. – eu vi montes de cinzas nas florestas. Eles não provam nada. Nada! Tomou um longo gole da jarra e levantou-se, acenando com a mão direita para mostrar que não podia ser provado. Ele não estimou a posição ou a inércia da mesa de concreto muito bem, de modo que, vindo de encontro a ela, bateu de volta ao seu assento e em seguida, puxado pela gravidade para o chão, rolou na lama cinza, gemendo. Tinha se machucado.

– Ele está bêbado! – Greta cacarejou desaprovando, e levantou-se da mesa para ajudá-lo.

– Deixe-o! – Anderson disse.

– Perdão! – ela declamou grandiosamente. – Desculpe-me por viver.

– De que cinzas ele estava falando? – Orville perguntou a Anderson.

– Eu não tenho a menor ideia – disse o velho. Tomou um gole do jarro e

lavou sua boca com aquilo. Então deixou escorrer pela garganta, tentando esquecer o sabor, concentrando-se no efeito.

O pequeno Denny Stromberg se inclinou sobre a mesa e perguntou a Alice Nemerov se ela ia comer mais de sua linguiça. Ela tinha comido apenas uma única mordida.

– Não – Alice respondeu.

– Posso comer então? – perguntou ele. Seus olhos verdes azulados brilhavam por causa do licor que ele tinha ingerido durante toda a refeição. Caso contrário, Alice estava certa, seus olhos não brilhariam. – Por favor?

– Não perturbe Miss Nemerov, Denny. Ele não quis ser rude. Não é querido?

– Pode comê-la – disse Alice empurrando a linguiça fria no prato do menino. *Coma e que se dane*, pensou.

Mae tinha acabado de observar que eles eram treze à mesa.

– ...por isso, se você acredita nas superstições antigas, um de nós vai morrer antes do fim do ano, - ela concluiu com um riso alegre, ao qual apenas se juntou seu marido.

– Bem, acredito que está ficando muito frio – acrescentou ela, levantando as sobrancelhas para mostrar que suas palavras tinham mais que um significado, – Mas o que podemos esperar se já é final de novembro?

Ninguém parecia esperar qualquer coisa.

– Sr. Orville, me diga, você é nativo de Minnesota? Pergunto por causa do seu sotaque. Parece inglês, se entende o que eu quero dizer. Você é americano?

– Mae, que coisa! – Senhora repreendeu-a.

– Ele fala engraçado. Denny notou isso também.

– Sério? – Orville olhou para Mae Stromberg atentamente, como se quisesse contar cada cabelo crespo vermelho, e com um estranho sorriso falou: – Isso é estranho. Fui criado toda a minha vida em Minneapolis. Acho que é apenas a diferença entre a cidade e o interior.

– E você é uma pessoa da cidade, de verdade, tal como o nosso Buddy. Aposto que você queria estar lá agora, não? Eu conheço o seu tipo. Ela piscou, lasciva, para indicar o tipo que era.

– Mae, pelo amor de Deus!

Mas Denny teve sucesso onde Senhora não conseguira: fazer a Sra. Stromberg parar. Vomitou tudo sobre a mesa. Os respingos salpicaram as quatro mulheres ao redor dele – Senhora, Flor, Alice, e sua mãe – e houve uma grande comoção ao tentarem escapar do perigo que era a boca de Denny. Orville não podia ajudar a si mesmo, e riu. Foi acompanhado, felizmente, por Buddy e a pequena Dora, cuja boca estava cheia com salsicha. Mesmo Anderson fez um barulho que poderia caridosamente ser interpretado como riso.

Buddy desculpou-se e Orville fez mais elogios para o cozinheiro e um gesto quase imperceptível na direção de Flor, que percebeu. Stromberg levou seu filho para a floresta, mas não longe o suficiente para impedir que o resto deles ouvisse as chicotadas. Neil dormia no chão.

Maryann, Dora, e Anderson ficaram sozinhos na mesa. Maryann, ora chorando, ora não, o dia todo. Agora, uma vez que ela também bebera, começou

a falar:

– Ah, eu lembro do tempo...

– Perdoe-me – disse Anderson deixando a mesa e levando a jarra com ele.

– ...nos velhos tempos – Maryann continuou – era tudo tão bonito, o peru, torta de abóbora, e todo mundo feliz..

Greta, depois de sair da mesa, tinha ido vagar pela igreja. Antes de desaparecer no vestibulo escuro, ela e Buddy haviam trocado um olhar e Buddy fez um sinal com a cabeça afirmativamente. Quando o jantar acabou, ele seguiu para lá.

– Olá, estranho! – Aparentemente, ela insistia nesta jogada permanentemente.

– Olá, Greta. Você está em forma hoje.

No vestibulo, eles estavam fora da linha de visão da área de piquenique. O chão era sólido. Greta segurou a nuca de Buddy firmemente em suas duas mãos frias e puxou seus lábios para os dela. Seus dentes rangiam e as suas línguas reconheceram-se com familiaridade.

Quando ele começou a puxá-la para mais perto, ela recuou, rindo baixinho. Tendo conseguido o que queria, ela podia se dar ao luxo de provocar. Sim, esta era a velha Greta.

– Neil não estava bêbado? – Ela sussurrou – Ele não estava chapado?

A expressão em seus olhos não era exatamente como ele se lembrava, e não poderia dizer se o corpo sob suas roupas de inverno havia mudado da mesma forma. Ocorreu-lhe perguntar o quanto ela havia mudado, mas o desejo crescendo dentro dele anulou tais irrelevâncias. Agora foi ele quem a beijou. Lentamente, em um abraço, que começou a descer ao chão.

– Oh não – ela sussurrou – Não.

Eles estavam de joelhos quando Anderson entrou. Ele não disse nada durante muito tempo, nem eles se levantaram. Um olhar estranho, manhoso no rosto de Greta, e Buddy pensou que tinha sido por isso que Greta esperava. Ela tinha escolhido a igreja para isso mesmo. Anderson fez um gesto para que se levantassem e permitiu que Greta saísse, depois de cuspir na cara dela.

Foi por paixão, que ele não exigiu punição pela lei... a sua própria, de adúlteros: “que sejam apedrejados!” Ou era apenas fraqueza em relação a família? Buddy não conseguia ler nada na expressão do velho.

– Eu vim aqui para rezar – disse ele ao seu filho, quando estavam a sós. Então, ao invés de terminar sua frase, balançou a perna e o chutou (lentamente, talvez fosse pelo licor) a tempo de Buddy escapar do pontapé. – Ok, garoto, vamos cuidar disso mais tarde – prometeu Anderson, sua voz engolindo as palavras. Então entrou na igreja para rezar.

Parecia que Buddy não desfrutaria da posição que tinha herdado em junho do ano passado, de ser o preferido de seu pai. Assim que deixou a igreja, os primeiros flocos de neve da nova estação caíam do céu cinzento. Buddy assistiu-os se derretendo na palma de sua mão.

## SETE O ADVENTO

Gracie, a vaca, vivia ali na sala comum com todo mundo. As galinhas também tinham um canto para elas, mas os suínos eram alojados em um chiqueiro do lado de fora.

Durante quatro dias, a partir daquele da Ação de Graças, a neve tinha caído lentamente, pesadamente, como neve a se instalar em uma cidade em miniatura, dentro de um peso de papel de vidro.

Depois de uma semana de tempo invernal as crianças já usavam o trenó nas margens do velho lago. Depois a neve começou a cair a sério, impulsionada por ventos que faziam Anderson temer pelas paredes reforçadas. Três ou quatro vezes por dia, os homens saíam ao exterior para limpar a cobertura que se formava no teto da sala comum.

Assim que a metade da cobertura de neve pesada era limpa, a outra metade surgia para substituí-la. Além desta tarefa e dos cuidados com os suínos, os homens ficavam ociosos durante uma nevasca. O resto do trabalho, cozinhar, tecer, cuidar das crianças e dos doentes, era trabalho das mulheres. Mais tarde, quando o tempo melhorasse, eles podiam caçar novamente, ou, com mais esperança de sucesso, encontrar peixes no gelo do lago.

Havia também uma abundância de Plantas para cortar.

Era difícil passar por esses dias ociosos. Bebida não era permitida na sala comum (do jeito como estava, já havia brigas suficiente) e o jogo de cartas logo perdia seu atrativo quando o dinheiro em disputa não era diferente daquele com que as crianças brincavam de Monopólio.

Havia poucos livros para ler, com exceção da Bíblia de couro de bezerro de Anderson (a mesma que certa vez estivera no púlpito da Igreja Episcopal), e o espaço interior era valioso. Mesmo se tivessem livros, era improvável que alguém iria ler. Orville talvez, ele parecia uma espécie de amigo dos livros. Buddy também. E a Senhora também tinha lido muito.

A conversa, nunca ia além das reclamações. A maior parte dos homens imitava Anderson, sentado imóvel na orla de sua cama, mastigando a polpa da Planta. Era questionável contudo se, como Anderson, eles poderiam usar este tempo para fins úteis. Quando a primavera chegava, todas as ideias, os projetos, as inovações vinham de Anderson e de mais ninguém.

Agora, parecia haver mais alguém capaz de pensar que, pelo contrário, preferia pensar em voz alta. Para o velho ali sentado, ouvindo Jeremiah Orville, as ideias apresentadas por ele às vezes pareciam positivamente não religiosas. A maneira como ele falava sobre as Plantas, por exemplo, como se fossem apenas uma espécie de laboratório. Como se ele admirasse a sua conquista. Disse muitas coisas, quase no mesmo fôlego, que fazia sentido. Mesmo quando o tempo era o assunto da conversa (e muito frequentemente era), Orville tinham algo a dizer

sobre isso.

– Eu ainda insisto – disse Clay Kestner (isso foi no primeiro dia da nevasca ruim, mas Clay tinha que manter a mesma coisa há vários anos) – que o tempo não está mais frio, mas nós sentimos mais frio. É psicossomático. Não há razão alguma para que o tempo esteja mais frio.

– Droga, Clay –, respondeu Joel Stromberg, balançando a cabeça em reprovação (embora pudesse ser apenas reflexo da doença), – se o inverno hoje não é mais frio que o inverno nos anos sessenta e cinquenta, eu como o meu chapéu. Costumávamos nos preocupar se íamos ter um Natal branco. Eu digo que é pelo que aconteceu com o lago.

– Bobagem! – Clay insistiu, não sem justiça.

Normalmente, ninguém teria dado mais atenção para Clay e Joel do que para o vento se lamentando sobre as Plantas lá fora, mas desta vez Orville se intrometeu:

– Vocês sabem, pode haver uma razão para estar ficando mais frio. O dióxido de carbono.

– O que o cu tem a ver com as calças? – Clay brincou.

– O dióxido de carbono é o que as Plantas, qualquer planta, usa para combinar com a água quando estão fazendo seus próprio alimento. É também o que nós, ou seja, os animais, exalamos. Desde que as Plantas chegaram, eu suspeito que o velho equilíbrio entre o dióxido de carbono que utilizam e a quantidade que emitimos já começou a favorecer as Plantas. Portanto, há menos dióxido de carbono na atmosfera. Agora, o dióxido de carbono é um grande absorvedor de calor. Ele armazena o calor do sol e mantém o ar quente. Assim, com menos dióxido de carbono, mais frio e neve. Isso é apenas uma teoria, é claro.

– Isso é uma teoria dos infernos!

– Concordo com você, Clay, uma vez que não é minha. É uma das razões que os geólogos dão para a idade do gelo.

Anderson não acreditava em geologia, uma vez que era contra o que dizia a Bíblia, mas sobre o que Orville disse sobre o dióxido de carbono era verdade, então o agravamento dos invernos (e que estes eram piores, ninguém duvidava disso) poderia muito bem ter uma causa. Mas, verdade ou não, havia algo que ele não gostava no tom de Orville, algo mais do que apenas a atitude de "sabe-tudo pós-graduação da faculdade", que Anderson usava para ferir Buddy. Era como se essas pequenas palestras sobre as maravilhas da ciência (e foram mais do que algumas poucas), tivessem um único objetivo: levá-los ao desespero. Mas ele sabia mais ciência do que ninguém, e Anderson a contragosto respeitava isso. Além disso, ele tinha impedido que Clay e Joel ficassem argumentando sobre o tempo e, por essa pequena bênção Anderson não podia deixar de dar graças.

Não estava ainda tão ruim quanto ficaria em fevereiro e março, mas já era muito ruim: o espaço mínimo, as discussões bobas, o barulho, o fedor, o atrito de carne na carne e nervo no nervo. Seria muito ruim. Quase intolerável.

Duzentas e cinquenta pessoas vivendo em 2.400 metros quadrados, e muito do espaço fora entregue ao armazenamento. No inverno passado, quando havia quase o dobro de pessoas na mesma sala, quando todos os dias testemuhávamos

uma nova morte, a cada mês uma nova epidemia causada pelo frio mortal, havia sido imensuravelmente pior. Os mais sensíveis, aqueles que não conseguiam suportar, tinham enlouquecido, passando a cantar e rir, para enganar o degelo do mês de Janeiro, e estes tinham ido embora naquele ano.

Este ano as paredes estavam firmemente ancoradas desde o início, este ano o racionamento não foi tão desesperadamente rígido (apesar de haver menos carne). Ainda assim, apesar de todas estas melhorias, ainda era uma forma intolerável de viver e todo mundo sabia disso.

A única coisa que Buddy não conseguia suportar, a pior coisa era a presença de tanta carne. Todos os dias ela se esfregava nele, exibia-se, fedia em suas narinas. E qualquer uma das centenas de mulheres na sala, mesmo Flor, pelo simples gesto, pela palavra mais mansa, desencadeava sua luxúria. Simplesmente não havia lugar durante o dia ou a noite, na acanhada Sala Comum, para o sexo. Sua vida erótica era limitada a ocasiões em que ele poderia impor a Maryann ir com ele visitar a casinha onde congelavam a comida, atrás do chiqueiro. Maryann, em seu sétimo mês e propensa a qualquer resfriado, raramente ia com ele. Não ajudava que, enquanto havia luz na sala, Buddy pudesse olhar por cima de tudo que estavam fazendo (ou, mais provavelmente, não estavam fazendo) e ver Greta a não mais de vinte metros de distância.

Mais e mais, ele buscava refúgio na companhia de Orville Jeremiah. Orville era o tipo de pessoa familiar para Buddy, da época da universidade, de quem ele sempre gostou muito mais do que eles gostavam dele. Embora ele nunca contasse uma piada para Buddy, quando o homem falava, e ele falava incessantemente, Buddy não podia deixar de rir. Era como se as conversas sobre livros e filmes, ou a forma como as pessoas falavam no velho Jack Paar Show, pudessem tornar divertida a coisa mais banal. Orville nunca bancava o palhaço, era o seu humor, a maneira como ele olhava para as coisas com uma irreverência, (não tanto que alguém como Anderson pudesse reclamar), uma paródia oblíqua. Nunca se sabia onde poderiam chegar, de modo que a maioria das pessoas, caipiras como Neil, ficavam relutantes em conversar com ele, embora o escutassem com prazer.

Buddy se viu imitando Orville, usando suas palavras, pronunciando-as da sua maneira (ge-nu-í-no ao invés de ge-nui-no), adotando suas ideias. Era uma constante fonte de saber. Buddy, que considerava sua própria educação apenas suficiente para avaliar o âmbito de outra pessoa, considerada Orville enciclopédico. Buddy caiu de quatro, tão completamente sob a influência do homem, que não seria injusto dizer que ele estava apaixonado.

Houve momentos (por exemplo, quando Orville passava muito tempo com Flor) que Buddy sentia algo como o ciúme. Ele ficaria surpreso ao saber que Flor se sentia da mesma forma quando Orville gastava seu tempo com Buddy. Era evidentemente um caso de paixão, de primeiro amor. Mesmo para Neil ele tinha algo a dizer, o recém-chegado; um dia Orville o levou para um canto e lhe ensinou um monte de piadas sujas.

Os caçadores caçavam sozinhos, os pescadores pescavam juntos. Neil, um caçador, estava agradecido pela oportunidade de estar sozinho, mas a falta de

caçada de dezembro agravou-lhe quase tanto quanto a pressão e o clamor da Sala Comum. Mas no dia que a nevasca parou, ele encontrou rastros de veados na neve ainda fresca, perto do milharal oeste. Seguiu-os por quatro milhas, tropeçando em seus próprios sapatos de neve, em sua ânsia.

Os rastros terminavam em uma concavidade de cinzas e gelo. Não havia rastros indo para longe ou se aproximando da área. Neil blasfemou em voz alta. Ele gritou por um tempo, sem estar ciente de que estava gritando. Era para livrar-se da pressão.

*Nenhuma caça agora*, pensou ele, quando começou a pensar novamente. Decidiu que iria descansar o resto do dia. Descansar! Ha! Ele teria que lembrar-se disso. Com os outros caçadores e pescadores ainda longe da Sala Comum talvez ele tivesse um pouco de privacidade. Isso foi o que ele fez, foi para casa e bebeu um chá fétido com sabor de alcaçuz (ou o que eles chamavam de chá) e começou a se sentir sonolento, e sabia que estava olhando, ou pensando (ele estava olhando para Flor e pensando nela) quando de repente Gracie começou a fazer um alvoroço como nunca tinha ouvido antes. Ele só tinha ouvido isso antes uma vez: Gracie estava parindo. A vaca estava fazendo grunhidos como um porco. Virada de lado, mexia-se no chão. Era a primeira cria de Gracie, e ela não era grande o bastante. Era de se esperar problemas.

Neil atou uma corda ao redor do pescoço, mas ela estava se debatendo e ele não podia prender as pernas, então tinha que deixar isso de lado. Alice, a enfermeira, estava ajudando ele, mas desejava que seu pai estivesse lá. A velha Gracie estava berrando como um touro agora. Qualquer vaca que demora mais de uma hora parindo é uma perda certa, até meia hora já é ruim. Gracie estava com dor e gritando já por meia hora. Manteve-se contorcendo-se para tentar escapar das dores. Neil prendera a corda para evitá-la de fazer isso.

– Eu posso ver a cabeça. A cabeça está saindo agora, – disse Alice. Ela estava de joelhos na traseira de Gracie, tentando aumentar a abertura.

– Se isso é tudo que você consegue ver, como sabe que é ela?

O sexo do bezerro era crucial, e todos na Sala Comum se reuniam em volta para assistir ao parto. Após cada urro de dor, as crianças gritavam como encorajamento para Gracie. Então as contorções pioraram, enquanto seu bezerro acalmou.

– É isso aí, é isso! – Alice estava gritando e Neil colocava força na corda. – É um menino! – Alice exclamou. – Graças a Deus, é um menino!

Neil riu da velha.

– É um touro, é o que você quer dizer. Vocês da cidade são todos iguais!

Sentia-se bem porque não tinha cometido qualquer erro e tudo estava uma maravilha. Foi até o barril, retirou a parte de cima e serviu-se de um a bebida para comemorar. Perguntou a Alice se ela queria, mas ela apenas olhou de um jeito engraçado para ele e disse que não.

Ele sentou-se na única cadeira da sala (a de Anderson) e assistiu o bezerro mamar o úbere cheio de Gracie. Gracie não tinha levantado. Ela devia estar esgotada. Por que se Neil não estivesse por perto, ela provavelmente não iria sobreviver. O sabor de alcaçuz não era tão ruim, depois que você se acostumava com ele.



Todas as mulheres estavam quietas agora, e os filhos também.

Neil olhou para o bezerro e pensou como um dia ele seria um touro grande com tesão por pegar Gracie – a mãe dele! *Animais*, pensou confuso, *apenas animais*. Mas não era exatamente isso. Ele precisava beber um pouco mais.

Quando Anderson chegou, a casa parecia que tinha tido um dia ruim (a tarde já se foi?), mas Neil se levantou da cadeira quente e gritou feliz:

– Ei, papai, é um touro!

Anderson veio e olhou para Neil parecendo muito com a noite de Ação de Graças, de preto e com aquele sorriso feio (mas ele não tinha dito uma palavra sobre beber demais no jantar), e bateu no rosto de Neil, que simplesmente foi direto ao chão.

– Maldito idiota estúpido! – Anderson gritou. – Seu bosta, idiota! Você não sabe que Gracie morreu? Você é estrangulou até a morte, seu filho da puta!

Então chutou Neil e foi cortar a corda ainda apertada em torno do peixeço de Gracie. O sangue derramou no chão e Senhora recolheu algum com uma bacia. O bezerro puxava o úbere da vaca morta, mas não havia mais leite. Anderson cortou a garganta do bezerro também.

Não era culpa dele, era? A culpa era de Alice. Ele odiava Alice. Odiava seu pai também. Odiava todos aqueles bastardos que pensava m ser tão inteligentes. Odiava todos eles. Odiava todos eles. Cobriu sua dor com as duas mãos e tentou nã o gritar de dor nas mãos, dor na cabeça, a dor de odiar, mas talvez gritesse, quem sabe?

Pouco antes de escurecer a neve começou a cair novamente, uma queda perfeitamente perpendicular, através do ar sem vento. A única luz na Sala Comum vinha do lampião queimando na alcova da cozinha, onde Senhora estava vasculhando potes bem lavados. Ninguém falava. Quem ousava negar o quão gostoso ficara o mingau de fubá e o coelho temperado com o sangue da vaca e do bezerro? Estava calmo o suficiente para se ouvir as galinhas cacarejando em seus refúgios no canto distante.

Quando Anderson saiu para comandar o abate e a salga da carcaça, nem Neil nem Buddy foram convidados a participar. Buddy estava sentado na cozinha, no tapete sujo de boas-vindas, e fingiu ler um texto de biologia na penumbra. Ele o tinha lido por várias vezes antes e conhecia algumas passagens de cor. Neil estava sentado perto da porta, criando coragem de ir lá fora e juntar-se aos homens.

De todos os habitantes da cidade, Buddy era provavelmente a única pessoa que sentira prazer na morte de Gracie. Naquelas semanas desde a Ação de Graça, Neil havia ganho seu lugar de predileto de seu pai. Agora, desde que Neil tinha sido tão eficaz na reversão dessa tendência, Buddy argumentou que seria apenas uma questão de tempo antes de voltar a gozar dos privilégios de sua primogenitura. A extinção da espécie (eram os Herefords uma espécie?) não fora um preço muito alto a pagar.

Havia um outro que se alegrou com essa sucessão de eventos, mas ele não era, nem na sua própria estimativa, um deles, um dos moradores. Jeremiah

Orville tinha esperança de que Gracie ou seu bezerro, ou ambos, pudessem morrer, já que a preservação do gado tinha sido uma das realizações mais orgulhosas de Anderson, uma lembrança que a civilização-como-nós-aconhecemos não estava fora de moda e um sinal, para aqueles que acreditam em sinais, que Anderson era realmente um dos Eleitos. Que aquele que realizaria as esperanças de Orville fosse a incompetência do próprio filho do homem, dava a Orville um prazer quase estético: como se alguma divindade estivesse acompanhando a sua vingança, e escrupuloso para que as leis de justiça poética fossem observadas.

Orville estava feliz esta noite, e trabalhou para esquartejar a vaca com uma fúria silenciosa. De vez em quando, quando não podia ser visto, engolia um bocado de carne crua, já que estava tão faminto quanto qualquer homem ali. Mas ele passaria fome de bom grado se antes pudesse ver Anderson passando fome também.

Um barulho estranho, um som de vento, mas não era vento, chamou sua atenção. Parecia familiar, mas não conseguia defini-lo. Era um som que pertencia aos da cidade.

Joel Stromberg, que estava cuidando dos porcos, gritou:

– Ah, heí, não... que porr...

De repente Joel foi metamorfoseado em um pilar de fogo.

Orville viu isso tão claramente quanto tinha ouvido o som anterior, mas sem pensar atirou-se sobre um banco de neve nas proximidades. Rolou na neve até estar fora da vista de tudo, das carcaças, dos outros homens, do chiqueiro. As chamas subiam a partir da queima do chiqueiro.

– Sr. Anderson! – Gritou. Apavorado para não perder sua pretensa vítima para os incendiários, ele rastejou de volta para resgatar o velho.

Três corpos esféricos, cada um com cerca de cinco metros de diâmetro, fluuavam pouco acima da neve na periferia das chamas. Os homens (com exceção de Anderson, que estava agachado atrás do flanco da vaca morta, mirando com a sua pistola a esfera próxima) ficaram olhando as chamas, como se enfeitiçados. Nuvens de vapor escapavam de suas bocas abertas.

– Não desperdice balas nos escudos Mr. Anderson. Venha, eles irão incendiar a Sala Comum em seguida. Temos que tirar as pessoas de lá.

Anderson concordou, mas não se mexeu. Orville teve que puxá-lo. Nesse momento de incapacidade e estupor, Orville pensou ver em Anderson a semente do que Neil tinha se tornado.

Orville entrou na Sala Comum primeiro. Como as paredes tinham sido reforçadas para suportar a neve, nenhum deles tinha conhecimento do fogo lá fora. Estavam como antes, durante toda a noite, pesados de tanta infelicidade. Vários deles já na cama.

– Todo mundo pegue suas roupas, – Orville ordenou com uma voz calma e autoritária. – Deixem este local o mais rapidamente possível pela porta da cozinha e corram para a floresta. Levem só o que estiver à mão, mas não percam tempo procurando coisas. Não esperem ninguém. Rápido! Agora. – Muitos que tinham ouvido Orville olhavam estupefatos. Não era para ele estar dando ordens.

– Rápido – Anderson dirigiu, – e sem perguntas. – Eles estavam acostumados a obedecer Anderson sem questionar, mas ainda havia muita confusão. Anderson, acompanhado de Orville, entrou diretamente na área da cozinha, onde sua família estava alojada. Estavam todos empacotando suas roupas pesadas, mas Anderson os apressou mais ainda. Lá fora havia gritos, breves como o de um coelho abatido, conforme os dispositivos incendiários iam se virando contra seus espectadores. Um homem em chamas correu para a Sala e caiu no chão, morto.

O pânico começou. Anderson, já perto da porta, impunha respeito mesmo no meio da histeria e conseguiu tirar sua família entre os primeiros.

Passando pela cozinha, Senhora agarrou uma panela vazia. Flor carregava uma cesta de roupa para lavar, muito pesada, que ela esvaziou na neve. Orville, na sua ansiedade de vê-los fora e em segurança, não levou nada consigo. Não haviam nem cinquenta pessoas correndo pela neve quando o canto mais distante da Sala comum pegou fogo.

As primeiras chamas subiram dez metros acima do telhado, em seguida começou a escalar os sacos de milho empilhados contra as paredes. Era muito difícil correr na neve carregando pacotes, assim como é difícil correr com água até os joelhos: assim que você consegue o *momentum*, está apto a cair para a frente.

Senhora e Greta haviam saído de casa vestindo apenas chinelos de palha e, como os outros, só com seus camisolões ou embrulhados em cobertores. Anderson tinha chegado quase ao limite da floresta, quando Senhora jogou a lado sua panela e exclamou:

– A Bíblia! A Bíblia ficou lá!

Ninguém a ouviu. Ela correu em direção ao prédio em chamas. No momento em que Anderson ficou ciente da ausência de sua esposa, não tinha mais como impedi-la. Seu próprio grito não foi ouvido entre tantos outros. A família parou para ver.

– Continuem correndo – Orville gritou para eles, mas não ganhou nenhuma atenção. A maioria dos que tinham fugido da casa chegavam à floresta agora. As chamas iluminavam a vizinhança do prédio por uma centena de metros, fazendo a neve brilhar com um brilho laranja instável de sombras, devido a fumaça ondulada, como o fogo das trevas.

Senhora entrou pela porta da cozinha e não reapareceu mais. O teto desabou, as paredes caíram para fora, como peças de dominó. Os três corpos esféricos poderiam ser vistos em silhueta, subindo. Em formação cerrada, eles começaram a deslizar em direção a floresta, seu “hummmmm” disfarçado pelo crepitar das chamas. Dentro do triângulo definido por eles, a neve derreteria e o vapor subia ao ar.

– Por que ela faria uma coisa dessas? – Anderson perguntou para sua filha, mas vendo que ela estava delicadamente equilibrada à beira da histeria, ele a pegou com uma mão, enquanto na outra trazia uma corda que tinha pego de um carrinho de mão fora de casa e correram atrás dos outros.

Orville e Neil praticamente carregavam Greta, que gritava obscenidades em seu rico contralto. Orville estava frenético, e além do frenesi havia uma

sensação de alegria e prazer que o fazia querer comemorar, como se a conflagração atrás deles fosse tão inocente como uma fogueira festiva. Quando gritou “Depressa, Depressa!” era difícil saber se chamava Anderson e Flor ou os três incendiários não muito atrás deles.

## OITO

### O CAMINHO PARA BAIXO

*Talvez nós vamos morrer,* Maryann pensou quando eles tinham finalmente parado de correr e ela conseguiu pensar. Mas isso era impossível. Estava tão frio! Ela desejava entender o que Anderson estava falando. Ele apenas disse:

– Vamos ter que fazer um inventário.

Estavam todos parados na neve. Estava tão frio. E quando ela tinha caído, a neve tinha entrado dentro de seu casaco, por seu colarinho. A neve ainda estava caindo no escuro. Ela ia pegar um resfriado e o que faria? Onde viveria? E seu bebê, o que seria dele?

– Maryann? – Anderson perguntou. – Está conosco, não é?

– Maryann! – Buddy latiu impaciente.

– Estou aqui – disse ela, fungando o líquido que escorria de seu nariz.

– Bem, o que você trouxe com você?

Cada uma de suas mãos dormentes (ela tinha esquecido as luvas também) estava segurando algo, mas ela não sabia o quê. Ela ergueu as mãos para que pudesse ver.

– Candeeiros, – disse ela. – Eram da cozinha, mas um deles está quebrado. Então se lembrou de ter caído sobre ele e do corte em seu joelho.

– Quem tem fósforos? – Orville perguntou.

Clay Kestner os tinha encontrado. Acendeu o candeeiro bom. Com a luz Anderson contou os restantes:

– Trinta e um.

Houve um longo silêncio, enquanto cada sobrevivente examinava outros trinta rostos e registrava suas próprias perdas. Dezoito homens, onze mulheres e duas crianças.

Mae Stromberg começou a chorar. Ela perdera o marido e uma filha, embora seu filho estivesse com ela. Em meio ao pânico, Denny não tinha sido capaz de encontrar o sapato do pé esquerdo, e Mae o tinha arrastado do incêndio em um dos trenós das crianças. Anderson, que tenham concluído o inventário, mandou que Mae ficasse quieta.

– Talvez haja mais comida lá atrás, – Buddy estava dizendo a seu pai. – Talvez não esteja tão queimada que não possamos comê-la.

– Eu duvido, – afirmou Orville. – Os lança-chamas malditos são muito rigorosos.

– Quanto tempo poderemos durar racionando? – Buddy perguntou.

– Até o Natal, – Anderson respondeu secamente.

– Se durar até o Natal, – afirmou Orville. – Essas máquinas estão provavelmente vasculhando a floresta agora, atrás de qualquer um que escapou do fogo. Há também a questão de onde passaremos a noite. Ninguém pensou em trazer tendas.

– Nós vamos voltar para a cidade velha, – disse Anderson. – Podemos ficar na igreja e usar as tábuas como lenha. Alguém sabe onde estamos agora? Toda Planta maldita nesta floresta parece com outra Planta maldita.

– Eu tenho uma bússola, – Neil se voluntariou. – Vou levar-nos lá. Apenas me sigam.

Na distância um grito, um grito muito breve.

– Acho que veio daquele lado, – disse Neil, que se deslocou em direção ao grito.

Formaram uma falange larga com Neil à cabeça e caminharam pela neve. Orville puxando Greta no trenó e Buddy com Denny Stromberg em suas costas.

– Posso segurar sua mão? – Maryann perguntou a ele. – As minhas estão adormecidas.

Buddy deixou que ela unisse sua mão à dele e caminharam juntos durante meia hora em absoluto silêncio. Então ele disse:

– Estou feliz que você esteja salva.

– Oh! – Foi tudo que ela conseguiu dizer. Seu nariz estava escorrendo como uma torneira pingando, e ela começou a chorar também. As lágrimas congelaram em seu rosto frio. Ah, ela era tão feliz!

Eles quase atravessaram a aldeia sem perceber. Uma polegada de neve tinha coberto as cinzas frias e niveladas. Denny Stromberg foi o primeiro a falar.

– Aonde nós vamos agora, Buddy? Onde vamos dormir?

Buddy não respondia. Trinta pessoas esperaram em silêncio por Anderson, que estava chutando as cinzas com a ponta da bota, conduzindo-os através daquele Mar Vermelho.

– Nós devemos ajoelhar e rezar, – disse ele. – Aqui, nesta igreja, devemos ajoelhar e pedir perdão pelos nossos pecados. – Anderson ajoelhou sobre neve e cinzas.

– Deus onipotente e misericordioso...

Uma figura saiu do mato, correndo, tropeçando, sem fôlego, uma mulher em roupas de dormir, com um cobertor enrolado como xale. Caiu de joelhos no meio do grupo, não conseguia falar. Anderson acabou de orar. Na direção de onde ela tinha vindo, a floresta brilhava fracamente, como se à distância uma vela estivesse queimando em uma janela.

– É a Sra. Wilks – Alice Nemerov anunciou, e no mesmo momento Orville disse:

– É melhor rezar em outro lugar.

– Não há nenhum outro lugar, – disse Anderson.

– Deve haver – Orville insistiu. Sob a pressão das horas de crise, ele tinha perdido a noção da sua motivação original de salvar os Andersons para sua vingança pessoal, para uma agonia lenta. Seu desejo era mais primário: autopreservação. – Se não sobraram casas, ainda deve haver lugar para se esconder: uma toca, uma caverna, um bueiro...

Algo que ele disse tocou-lhe a memória. Uma toca? Uma caverna?

– Uma caverna! Flor, muito tempo atrás, quando eu estava doente, você me disse que tinha estado em uma caverna. Você nunca tinha visto uma mina, mas você esteve em uma caverna. Era aqui perto?

– Perto da margem do lago... do velho lago. Próximo do Resort Stromberg. Não é longe, mas eu não vou lá desde que era uma garotinha. Não sei se ainda é lá.

– Como um grande caverna, é isso?

– Muito grande. Pelo menos, eu achava.

– Você poderia nos levar até lá?

– Eu não sei. É difícil no verão encontrar o caminho através das plantas.

Todos os marcos antigos se foram, e com a neve...

– Leve-nos lá, menina! Agora! – Anderson disse asperamente. Era ele novamente, nem mais nem menos.

Deixaram a mulher seminua para trás, deitada na neve. Não era crueldade: era simplesmente o esquecimento. Quando eles foram embora, a mulher olhou para eles e disse:

– Por favor!

Mas o povo a quem ela se dirigia não estava mais lá. Talvez nunca tenham estado lá. Ela se levantou e deixou cair o cobertor. Fazia muito frio. Ela ouviu o som de zumbido novamente e correu cegamente de volta para a floresta, na direção oposta daquela que Flor tinha tomado.

As três esferas incendiárias deslizaram para o local onde a mulher se deitara, rapidamente convertendo a manta em cinzas, e seguiram atrás de Sra. Wilks, seguindo o rastro de sangue.

Grande parte da costa do antigo lago ainda era reconhecível sob o manto de neve: a formação das rochas, as escadas descendo para a água e até um poste que tinha feito parte do píer do resort.

A partir do cais, Flor estimou uma centena de metros até a entrada da caverna. Ela passou ao longo do rochedo que subira três metros acima da praia e jogou a luz da lanterna em fendas. Para onde quer que ela apontava, Buddy retirava a neve com uma pá, que, junto com um machado, ele tinha resgatado da Sala Comum. Os outros raspavam a neve (que tinha mais de um metro de profundidade entre as pedras) com as mãos nuas ou como estivessem.

O trabalho era lento, Flor lembrou-se da entrada da caverna na metade do rochedo, então alguém tinha que escalar as rochas cobertas de neve para poder cavar. Apesar do perigo envolvido, eles não tiveram tempo de se r cuidadosos. Atrás das nuvens, a partir do qual a neve caía com constância, não havia lua, a escavação prosseguiu na escuridão quase total. Em intervalos regulares um deles pedia uma parada repentina no trabalho e eles ficavam se esforçando para ouvir sons reveladores de seus perseguidores, que alguém tinha pensado ter ouvido.

Flor, sob o peso da responsabilidade a qual estava desacostumada, tornou se errática, correndo de pedra em pedra.

– Aqui – ela dizia e, em seguida – Ou aqui?

Ela estava a quase duzentos metros do cais, e Buddy começou a duvidar de que havia uma caverna. Se não existisse, então certamente eles tinham chegado ao fim.

A perspectiva da morte perturbou-o mais do que não entender o propósito dessas queimadas. Se isto fosse uma invasão (e até mesmo seu pai não poderia duvidar de que agora, o Bom Deus não precisava construir máquinas para sua

vingança), o que os invasores queriam? Seriam as Plantas os invasores? Não, não, eram apenas Plantas. Aquele infeliz que supostamente era o real invasor – dentro dos globos incendiários (ou quem os construiu e os colocou-os para trabalhar) – queria a Terra não por outra razão, mas para suas malditas Plantas.

Seria a Terra então, a sua fazenda? Se sim, porque nunca houve nenhuma colheita? Isso feria seu orgulho, pensar que sua raça, sua espécie, o seu mundo estava sendo derrotado com tal aparente facilidade. O pior, o que não podia suportar era a suspeita de que tudo isso não significava nada, que o processo de aniquilação era algo quase mecânico: em outras palavras, os destruidores da humanidade não estavam numa guerra, mas apenas pulverizando o jardim.

A abertura da caverna foi descoberta inadvertidamente, Denny Stromberg caiu através dela. Sem o acaso feliz, eles poderiam muito bem ter passado a noite inteira sem encontrá-la, já que haviam passado por ela. A caverna se estendia além do que a luz do lampião permitia ver da entrada, mas antes de explorar sua profundidade, todos já estavam lá dentro. Todos os adultos, exceto Anderson, Buddy e Maryann (todos com menos de um metro e sessenta e oito) tiveram que se curvar ou mesmo rastejar pra não bater a cabeça ao teto. Anderson declarou ser o momento certo para uma oração silenciosa, pelo que Orville foi grato. Encolhidos, próximos uns dos outros, buscando o calor, suas costas contra a parede inclinada da caverna, tentaram recuperar o seu sentido de identidade, de propósito, de qualquer sentido perdido nas horas passadas em debandada em meio à neve. A lamparina foi deixada acesa, uma vez que Anderson considerou que os fósforos eram mais preciosos que o óleo.

Depois de cinco minutos entregue à oração, Anderson, Buddy, Neil e Orville (embora não da hierarquia da família, mas aquele que pensou nas cavernas e em mais coisas além do que Anderson se importava de contar) exploraram o fundo da caverna. Era grande, mas não tão grande quanto eles esperavam, estendendo-se cerca de vinte metros e estreitando-se continuamente. Na sua extremidade distante, havia uma pequena reentrância cheia de ossos.

– Lobos! – Neil disse.

Uma inspeção mais detalhada confirmou serem esqueletos dos lobos, limpos, no topo da pilha.

– Ratos, – Neil afirmou. – Só ratos.

Para alcançar a área mais profunda da caverna tinham que se espremer, passando pela raiz gigante de uma Planta que tinha quebrado a parede da caverna. Além da pilha de ossos que os homens examinaram, esta era a única outra característica excepcional da caverna. A raiz da Planta neste nível muito pouco se distinguia do seu tronco. A parte exposta na caverna tinha o mesmo diâmetro do tronco da Planta, cerca de quatro a cinco metros de diâmetro. Perto do chão da caverna, a superfície lisa da raiz estava desgastada, assim como os troncos lisos verdes eram muitas vezes mastigados por coelhos famintos. Aqui, no entanto, parecia haver mais de uma mordidela.

Orville inclinou-se para examiná-la.

– Coelhos não fazem isso. Atingiu o cerne da madeira.

Ele estendeu a mão para dentro do buraco escuro. A camada periférica de madeira não penetrava mais do que trinta centímetros, além disso, seus dedos



encontraram o que parecia um emaranhado de cipós e, além disso (com o ombro todo pressionando contra o buraco), nada, o vazio, o ar.

– Esta coisa está oca!

– Bobagem, – disse Anderson. Ficou ao lado de Orville e enfiou o braço dentro do buraco. – Não pode ser, – disse, sentindo o mesmo que o outro.

– Coelho certamente não fariam esse buraco Orville insistiu.

– Ratos – Neil repetiu, mais do que nunca confirmando seu julgamento. Mas, como de costume, ninguém prestou atenção nele.

– Vazio como o caule de um dente de leão, vazio.

– Ela está morta. Cupins devem ter feito o serviço.

– As únicas Plantas que vi mortas, Sr. Anderson, são aquelas que matamos. Se você não se opor, eu gostaria de ver o que há lá embaixo.

Eu não vejo que bem isso possa fazer. Você tem uma curiosidade doentia sobre estas Plantas, rapaz. Às vezes tenho a impressão de que você está mais do lado delas do que do nosso.

– Seria bom, – afirmou Orville dizendo uma meia verdade (pois ele ainda não se atrevia a expressar sua esperança real), – se puder fornecer uma porta dos fundos para a caverna, uma saída de emergência para a superfície, no caso de sermos seguidos até aqui.

– Ele está certo sobre isso, você sabe – Buddy disse.

– Eu não preciso de sua ajuda para fazer a minha cabeça. Nem de você, – acrescentou Anderson, quando viu que Neil tinha começado a sorrir.

– Você está certo de novo Jeremiah...

– Me chame de Orville, senhor. Todo mundo me chama assim. Anderson sorriu com azedume.

– Muito bem. Vamos começar a trabalhar agora? Pelo que me lembro, um dos homens conseguiu trazer um machado. Ah, foi você, amigão? Traga isso aqui. Enquanto isso, você (indicando Orville), vai garantir que todos vão para o fundo da caverna, onde está mais quente. E talvez mais seguro. Além disso, encontre alguma maneira de bloquear a entrada, senão a neve vai cobri-la de novo. Use o seu casaco, se necessário.

Quando a abertura para a raiz ficou suficientemente alargada, Anderson empurrou a lamparina e apertou seu torso ossudo através dela. A cavidade estreitava-se rapidamente acima, tornando-se mais um emaranhado de cipós, havia pouca possibilidade de uma saída, pelo menos não sem muito trabalho duro. Mas abaixo havia um abismo que se estendia muito além do alcance da luz da lamparina. A eficácia da lamparina era ainda mais reduzida pelo que parecia ser uma rede de gaze ou teia de aranha que enchia a cavidade da raiz. A luz que passava através desse material mostrava-se difusa e suavizada; para além de uma profundidade de cinco metros, apenas se podia discernir um brilho rosado disforme. Anderson atacou estas tranças de gaze sem resistência e elas se romperam. Suas mãos calejadas nem mesmo podiam senti-las. Anderson contorceu-se para fora do buraco estreito, para a caverna propriamente.

– Bem, não vai ser útil para escapar. É sólido para cima. Mas vai para baixo mais longe do que eu posso ver. Olhem por si mesmos, se quiserem.

Orville afundou-se no buraco. Ficou lá muito tempo, Anderson tornou-se

irritado. Quando reapareceu, ele quase sorria.

– É para onde nós vamos, Sr. Anderson. É perfeito!

– Você está louco, – disse Anderson com naturalidade. – Já está ruim onde estamos.

– Mas o ponto é que (E esta tinha sido a sua esperança, não expressa originalmente) que vai estar quente lá embaixo. Depois de conseguir descer uns quinze metros abaixo da superfície, encontraremos confortáveis dez graus centígrados. Não há inverno nem verão lá embaixo. Se preferir mais quente basta apenas ir para baixo, mais para o fundo. Aumenta um grau para cada dezoito metros.

– Ah, o que você está falando? – Neil chiou. – Isso soa como um monte de besteira. – Ele não gostou da maneira que Orville, um estranho, estava dizendo a eles o que fazer todo o tempo. Ele não tinha o direito!

– Não é uma coisa que eu deveria saber, sendo um engenheiro de minas? Não é por isso que estou vivo, afinal?

Ele deixou que pensassem sobre isso e em seguida, continuou calmamente:

– Um dos maiores problemas em trabalhar em minas profundas é mantê-las a uma temperatura suportável. O mínimo que podemos fazer é ver o quanto desce. Deve ser uns quinze metros, pelo menos, que seria apenas um décimo da profundidade.

– Não tem nada a quinze metros abaixo do solo – Anderson se opôs. – Nada além de pedra. Nada cresce na rocha.

– Diga isso à Planta. Eu não sei se ela continua tão fundo, mas volto a dizer que deveríamos explorar. Nós temos um pedaço de corda e, mesmo se não tivéssemos, aqueles cipós aguentariam qualquer um de nós. Eu os testei.

Fez uma pausa antes de voltar para o argumento decisivo:

– Além do mais, é um lugar para se esconder se essas coisas vierem atrás de nós.

– Seu último argumento era tão válido quanto eficaz.

Buddy desceu pela corda para a primeira ramificação secundária a partir da raiz vertical principal (Buddy tinha sido escolhido porque era o mais leve dos homens), quando houve um rangido na entrada da caverna, como quando as crianças tentam encher uma garrafa de vidro com areia. Uma das esferas os tinha seguido à caverna, estava agora tentando abrir caminho através da estreita entrada.

– Atire! – Neil gritou para seu pai. – Atire! – Começou a pegar a Python no coldre de seu pai.

– Eu não pretendo desperdiçar munição boa. Agora, tire suas mãos de mim e vamos empurrar as pessoas para baixo pelo buraco.

Orville não precisou argumentar mais. Não havia nada mais a fazer. Nada. Eles eram bonecos do destino agora. Recuou e ouviu como se a esfera tentasse entrar na caverna à força. *De certa forma*, pensou, *essas esferas não são mais inteligentes que uma galinha tentando abrir caminho através de uma cerca de arame*. Porque não bastava atirar? Talvez as três esferas tivessem que estar agrupadas sobre o seu alvo antes que pudessem disparar. Elas eram, quase

certamente, autômatos. Orientavam os seus próprios destinos não mais do que os animais que foram programados para perseguir.

Orville não tinha nenhuma simpatia pelas máquinas burras e nenhuma pelas suas presas. Ele se imaginou naquele momento como senhor das marionetas, até que, real senhor das marionetes, movimentaria um dedo e passaria a correr atrás de seus semelhantes.

A descida pelo buraco da raiz foi rápida e eficiente. O tamanho do buraco assegurava que não mais de uma pessoa passasse por vez, mas o medo fazia com que essa pessoa conseguisse descer tão rápido quanto podia. O invisível (a lamparina ia abaixo com Buddy), a presença da esfera de metal batendo no teto e nas paredes da caverna era uma forte motivação para a velocidade.

Anderson fez cada pessoa retirar sua roupa de frio volumosa e empurrá-la através do buraco à sua frente. Por fim, só Anderson, Orville, Clay Kestner, Neil e Maryann permaneciam. Era evidente para Clay e Neil (o maior dos homens da aldeia) e para Maryann, agora em seu oitavo mês, que o buraco teria que ser ampliado. Neil cortava a madeira macia com uma prensa frenética. Maryann desceu primeiro pela abertura ampliada. Quando ela alcançou seu marido, que estava escarranchado no V invertido formado pela divergência do ramo novo com a raiz maior principal, suas mãos estavam feridas, por ter escorregado na corda com demasiada presa. Assim que ele a abraçou, toda a sua força pareceu escapar de seu corpo. Ela não podia ir em frente. Neil foi o próximo a descer, em seguida Clay Kestner. Juntos, carregaram Maryann até a raiz secundária.

Anderson gritou:

– Cuidado aí embaixo! – E uma chuva de objetos, alimentos, cestas, potes, roupas, o trenó, tudo que o povo havia trazido com eles caiu no abismo. Buddy tentou contar os segundos entre o momento em que eles foram soltos e o momento em que bateram no fundo, mas depois de um certo ponto ele não conseguia distinguir os sons dos objetos ricocheteando nas paredes da raiz e a queda marcante ao final, se é que havia.

Anderson desceu após a última das provisões ter caído.

– Como Orville vai descer? – Buddy perguntou. – Quem vai segurar a corda para ele?

– Eu não me preocupei em perguntar. Onde está todo mundo?

– Lá em baixo...

Buddy fez um gesto vago na escuridão da raiz secundária. A lamparina iluminava o eixo principal, onde a descida era mais perigosa. A raiz secundária divergia em um ângulo de quarenta e cinco graus. O teto (por aqui poderia se dizer que havia piso e teto) erguia-se a uma altura de pouco mais de dois metros. Toda a superfície da raiz era um emaranhado de cipós, de modo que a inclinação era fácil de escalar. O espaço interior era preenchido com a mesma teia frágil, embora aqueles que tinham precedido Anderson tivessem arrancado a maior parte dela. Orville desceu pelos cipós, com o final da corda atado à sua cintura, à maneira de um alpinista. Uma precaução desnecessária, uma vez que os cipós, ou o que quer que fossem, aguentavam firmes. Quase rígidos na verdade, por estarem tão estreitamente unidos.

– Bem, – afirmou Orville com uma voz tão grotesca quanto de bom ânimo,

– aqui estamos, sãos e salvos. Vamos descer até onde os mantimentos estão?

Naquele momento ele sentiu uma sublimidade quase divina, pois tinha segurado a vida de Anderson em suas mãos, literalmente, por uma corda, e cabia a ele decidir se o velho morreria naquele momento ou se sofreria ainda mais um pouco.

Não tinha sido uma escolha difícil, mas, ah, tinha sido sua!

**NOVE**  
**OS VERMES PASTARÃO DOCEMENTE**

Quando eles se aventuraram para baixo na raiz nova, sete metros abaixo (onde como Orville havia prometido, era razoavelmente mais quente), chegaram a uma espécie de encruzilhada. Havia três novos ramais para escolher, cada um tão cômodo quanto aquele através do qual estavam viajando. Dois descendentes, com raízes adequadas, embora na frente continuassem perpendicularmente à direita e à esquerda da principal, e o outro direto para cima.

– Isso é estranho – Buddy observou. – Raízes não sobem.

– Como você sabe que está subindo? – Orville perguntou.

– É só olhar. Está subindo. Para cima é... para cima. O oposto de para baixo.

– Este é o ponto. Nós estamos olhando para a raiz de cima, que pode estar sob nós, crescendo de outra planta, talvez.

– Você quer dizer que essa coisa poderia ser apenas uma única grande Planta? – Anderson perguntou, entrando no círculo de luz da lamparina, carrancudo. Ele se ressentia de cada atributo adicional da Planta, mesmo aqueles que serviriam ao seu propósito. – Todas ligadas aqui em baixo desse jeito?

– Há um modo de descobrir, senhor, seguir a raiz. Se nos levar para outra raiz primária...

– Nós não temos tempo de brincar de escoteiros. Não até que tenhamos encontrado o material que caiu por este buraco. Será que vamos chegar até eles desta maneira? Ou será que temos de recuar e descer pela raiz principal pela corda?

– Eu não saberia dizer. Desta forma é mais fácil, mais rápido e, no momento, mais seguro. Se as raízes se juntam como esta, talvez possamos encontrar um outro caminho de volta para a raiz principal mais para baixo. Então, eu diria que...

– Eu direi – disse Anderson, retomando de alguma forma sua autoridade.

Buddy foi enviado à frente com a lamparina em uma ponta da corda, os outros trinta seguiram depois, em fila indiana. Anderson e Orville na retaguarda, tendo somente os sons à frente para orientá-los, mas tanto a luz quanto a corda não estavam longe. Mas havia uma plenitude de som: o arrastar dos pés sobre os galhos, os palavrões, Denny Stromberg chorando. Por vezes Greta perguntava nas trevas: "Onde estamos?" ou "Onde diabos estamos?" Mas isso era apenas um ruído entre muitos outros.

As trinta e uma pessoas que se deslocavam através da raiz ainda estavam bastante chocados. A corda que seguravam era sua motivação e vontade. Anderson tropeçava nas raízes. Orville colocou um braço em volta da cintura do homem velho para firmá-lo. Anderson afastou-o com raiva.

– Acha que estou sou algum tipo de inválido? – disse. – Saia daqui!

Mas da próxima vez que tropeçou, caiu de cabeça no chão áspero, arranhando o rosto. Levantando-se, teve uma vertigem e teria caído novamente sem a ajuda de Orville. Apesar de tudo, sentiu uma pontada de gratidão pelo braço que lhe segurara.

Na escuridão, ele não podia ver Orville sorrindo.

O trajeto seguia para baixo com a raiz, passando por dois cruzamentos como aquele acima. Em ambas as vezes Buddy virou à esquerda, de modo que desciam em espiral. O oco da raiz não dava nenhum sinal de diminuir. Não havia perigo de perderem-se, já que o rendado do interior da raiz era uma trilha inconfundível através do labirinto.

Um tumulto na frente da fila os obrigou a parar. Anderson e Orville abriram caminho para frente. Buddy entregou a luz a seu pai.

– É um beco sem saída, – anunciou. – Vamos ter que voltar por onde viemos.

A raiz oca era larga neste ponto, mas a teia se raízes preenchia-a de forma condensada. Em vez de quebrar sob a força da golpe de Anderson, que a arrancou aos punhados, parecia um tecido podre. Anderson pressionou uma dessas peças entre as mãos. Era como o algodão doce e rosa das festas.

– Vamos avançar através dessa coisa, – anunciou Anderson. Deu um passo para trás, em seguida, jogou o seu ombro, como um jogador de futebol americano atacando-a. Seu impulso levou-o dois metros e meio à frente. Então, já que não havia nada sólido sob seus pés, ele começou lentamente a afundar. Sob seu peso, o algodão doce cedeu.

Buddy esticou o braço para frente, e Anderson só conseguiu agarrar a ponta dos dedos. Anderson puxou Buddy para aquilo junto com ele. Buddy, caindo em posição horizontal, serviu como paraquedas, e afundaram mais lentamente até pararem de todo, em segurança, alguns metros abaixo. Assim que caíram, um cheiro doce e forte, como de frutas podres, encheu o ar.

Orville foi o primeiro a perceber a boa sorte. Agarrou um pedaço da massa densa e a mordeu. Pode sentir o sabor anis característico da Planta, mas havia além disso uma plenitude e doçura, uma satisfação que era nova. Sua língua reconheceu antes de sua mente e quis mais. Não, não apenas a língua, a barriga dele. Cada célula do seu corpo desnutrido quis mais.

– Atira-nos a corda – Anderson gritou com voz rouca. Ele não estava ferido, mas abalado.

Em vez de jogar a corda, Orville, com um grito de felicidade, despreocupado, mergulhou na massa sedosa. Assim que foi engolido em sua escuridão, ele se dirigiu ao velho e disse:

– Suas orações foram atendidas, senhor. Nos conduziu através do Mar Vermelho e agora o Senhor está nos alimentando do maná. Prove isso! Não temos que nos preocupar com os mantimentos. Este é o fruto das Plantas. Este é o maná do céu.

No breve tumulto sobre a borda, Mae Stromberg torceu o tornozelo. Anderson sabia manter sua autoridade contra a fome cruel. Ele hesitou em comer a fruta, pois poderia ser venenosa, mas precisava de seu corpo tenso contra uma vontade por demais cuidadosa. Se o resto deles iria ser envenenado,

ele poderia muito bem se juntar a eles.

Tinha um gosto bom. *Sim*, pensou, *deve parecer como maná para eles*. E assim que o fio açucarado se condensou em sua língua em gotas de mel, ele odiou a Planta por parecer tão amiga deles e sua libertadora. Por fazer o seu veneno tão delicioso.

Aos seus pés a lamparina queimava brilhante. O piso, apesar de forte o suficiente para segurá-lo, não era sólido. Ele tirou a faca do bolso e cortou uma fatia da substância mais sólida do fruto. Era crocante como uma batata de Idaho, e suculenta. Tinha uma acidez mais branda e menos gosto. Cortou um outro pedaço. Não conseguia parar de comer.

Ao redor de Anderson, fora do alcance da luz, estavam os cidadãos de Tassel (mas ainda haveria um Tassel da qual eles pudessem ser chamados de cidadãos?) fungavam e comiam como porcos em um cocho. A maioria deles não se preocupou em arrancar nacos adequados, mas empurravam cegamente em sua boca, mordendo seus próprios dedos e engasgando na sua pressa gananciosa. A polpa aderiu às suas roupas e aos seus cabelos emaranhados. Prendia-se nos cílios de seus olhos fechados.

Uma figura de pé avançou para a esfera da luz da lamparina. Era Orville Jeremiah.

– Sinto muito, – disse ele, – se eu comecei tudo isso. Eu não deveria ter falado. Devia ter esperado você dizer o que fazer. Eu não estava pensando direito.

– Está tudo bem – Anderson garantiu-lhe, com a boca cheia de frutas semi-mastigadas. – Teria acontecido mesmo, não importa o que você fez. Ou o que eu fiz.

Orville sentou-se ao lado do homem mais velho.

– Pela manhã... Começou a dizer.

– Manhã? Dever ser manhã agora.

De fato, eles não tinham como saber. Os únicos relógios que funcionavam, um alarme de relógio e dois relógios de pulso, eram mantidos em uma caixa na Sala Comum, por segurança. Ninguém, ao escapar do fogo, tinha pensado em resgatar a caixa.

– Bem, quando todos estiverem alimentados e depois de dormirem um pouco, foi o que eu quis dizer, então você pode prepará-los para o trabalho. Perdemos uma batalha, mas ainda há uma guerra para lutar.

O tom de Orville foi educadamente otimista mas Anderson achou-o opressivo. Ter chegado a um santuário depois de um desastre não apagava a memória do desastre. De fato, Anderson só agora tinha parado de lutar contra isso, para ter o reconhecimento da magnitude.

– Que trabalho? – perguntou, cuspidando o resto do fruto.

– Qualquer trabalho que você disser, senhor. Explorar. Limpar um espaço aqui embaixo para se viver. Voltar à raiz principal para recuperar os suprimentos que caíram por lá. Logo, você pode até enviar um olheiro para ver se algo se salvou do fogo.

Anderson não respondeu. Mal humorado, reconheceu que Orville estava certo. Mal humorado admirou a sua desenvoltura, assim como, vinte anos antes, ele poderia ter admirado o estilo de luta de um oponente em uma briga na Red

Fox Tavern. Embora Anderson achasse seu estilo um pouco extravagante, tinha que dar crédito pelo bastardo se manter em pé. Foi estranho, mas todo o corpo de Anderson ficou tenso, como se para uma luta, como se tivesse bebido.

Orville estava dizendo alguma coisa.

–...o que... você disse? – Anderson perguntou em tom zombeteiro. Ele esperava que fosse algo que lhe desse uma desculpa para arrebentar a cara dele, maldito pilantra inteligente.

– Eu disse que estou muito triste por sua esposa. Não consigo entender por que ela fez aquilo. Sei como você deve estar se sentindo.

Os punhos de Anderson se distenderam, a mandíbula fechou-se. Sentiu a pressão das lágrimas por trás de seus olhos, a pressão que estava lá o tempo todo, mas sabia que não podia se dar ao luxo de deixá-las sair. Não podia demonstrar a menor fraqueza.

– Obrigado, – disse. Em seguida, cortou um outro pedaço sólido em forma de cunha, da fruta suculenta, dividiu-o em dois, e deu uma parte a Jeremiah, Orville. – Você se saiu bem esta noite, – disse. – Não vou esquecer.

Orville deixou-o com seus pensamentos, quaisquer que fossem, e foi à procura de Flor.

Anderson, sozinho, pensava em sua esposa com uma tristeza dura e muda. Não podia entender por que ela tinha, como ele achava, cometido suicídio. Ele nunca saberia, ninguém saberia, que ela tinha voltado pelo seu próprio bem. Ele ainda não tinha lembrado da Bíblia que tinha sido deixada para trás, e, mais tarde, quando lembrasse, iria se arrepender, nem mais nem menos do que a morte de Gracie ou das centenas de outras perdas irremediáveis que tinha sofrido. Mas Senhora tinha previsto com bastante precisão que, sem um artefato, no qual ela mesma não tinha fé, sem a sanção que emprestou a sua autoridade, o velho seria despojado, e que a sua força há tanto tempo preservada em breve entraria em colapso, como um telhado quando as madeiras estão podres. Mas ela não tinha conseguido e seu fracasso nunca seria compreendido.

Mais do que o apetite, as pessoas exigiam por satisfação naquela noite. Saciados pelo alimento, homens e mulheres sentiam uma fome insaciável que o restrito código da Sala Comum tanto tempo lhes havia negado. Ali, no calor e na escuridão, tal código não tinha vez. Em seu lugar, a democracia perfeita do carnaval se proclamou, a liberdade reinou durante uma breve hora. Mãos acariciando, como que acidentalmente, outras mãos. A morte não teve escrúpulos para escolher maridos e mulheres, e nem eles. Línguas se limpavam da doçura pegajosa de lábios encontrando outras línguas e se beijando.

– Eles estão bêbados – Alice Nemerov declarou de forma inequívoca. Ela, Maryann e Flor sentaram-se em separado numa depressão escavada na polpa da fruta, ouvindo e tentando não ouvir. Embora cada casal tentasse observar um silêncio decoroso, o efeito acumulativo era inconfundível, mesmo para Flor.

– Bêbados? Como pode? – Maryann perguntou. Ela não queria falar, mas a conversa foi a única defesa contra os sons voluptuosos das trevas. Falar e ouvir Alice falar a impediria de ouvir os suspiros, os sussurros, ou pensaria que seriam do seu marido.

– Estamos todos bêbados, minhas queridas. Bêbados de oxigênio. Mesmo



com este fruto fedorento, eu sei como uma tenda de oxigênio cheira.

– Eu não sinto cheiro de nada – disse Maryann. Era verdade, seu resfriado havia atingido o estágio em que ela não podia mais sentir o cheiro adocicado da fruta.

– Eu trabalhei em um hospital, não? Então, devo saber. Meus queridos, estamos todos altos que nem pipas.

– Alta como a bandeira no quatro de julho – Flor disse. Ela realmente não se importava em estar bêbada, se fosse assim. Flutuante. Ela queria cantar, mas percebeu que não era a coisa certa a fazer. Agora não. Mas a canção, uma vez iniciada e mantida dentro de sua cabeça não faria mal: Estou apaixonada, apaixonada, estou apaixonada, estou apaixonada, estou apaixonada por um rapaz maravilhoso.

– Shhh! – Alice fez.

– Desculpe-me! – Flor disse com uma risadinha. Talvez a música não tivesse sido, afinal, totalmente dentro de sua cabeça. Então, porque sabia que era a coisa certa a fazer quando embriagada? Soluçou, graciosa, pressionado delicadamente as pontas dos dedos nos lábios. Então arrotou o gás em seu estômago.

– Está tudo bem, querida? – Alice perguntou, colocando a mão sobre o ventre cheio de Maryann. – Quero dizer, com tudo o que aconteceu...

– Sim. Vê! Ele se mexeu!

A conversa morreu, e o som recomeçou. Agora era um som irritante e persistente, como o zumbido de uma abelha. Maryann sacudiu a cabeça, mas o zumbido não parou.

– Oh! – ela ofegou. – Oh!

Alice acalmou-a.

– Quem você acha que está com ele? – Maryann desabafou.

– Por que você está brava sem nenhum motivo? – disse Flor. – Ele provavelmente está com o papai e Orville.

A convicção de Flor quase balançou Maryann. Era possível. Uma hora atrás (Ou menos? Ou mais?) Orville tinha procurado Flor e explicado que estava levando seu pai (que, naturalmente, estava muito chateado) para um local mais privado, longe dos outros. Ele tinha encontrado um caminho para uma outra raiz, uma raiz enterrada ainda mais fundo na terra. Será que Flor queria ir lá com ele? Ou talvez preferisse ficar com as mulheres?

Alice pensou que Flor preferia ficar com as garotas no momento. Ela iria morar com o pai mais tarde, se quisesse.

Com a partida de Anderson, foi-se a lamparina. Foi a deixa para tudo o que se seguiu: uma mão se estendeu das trevas e tocou a coxa de Flor. A mão de Orville! Não podia ser outro. Ela tomou a mão e apertou-a nos lábios. Não era a mão de Orville. Ela gritou. No mesmo instante, Alice pegou o intruso pela nuca. Ele gritou.

– Neil – exclamou ela. – Pelo amor de Deus! Esta é a sua irmã, seu idiota! Agora, saia! Vá procurar Greta... Ou, por outro lado, talvez melhor não.

– Cale a boca! – Neil gritou. – Você não é minha mãe!

Ela finalmente empurrou Neil para longe. Então deitou a cabeça no colo da

Flor.

– Bêbado – ela censurou sonolenta. – Absolutamente bêbado.

Então começou a roncar. Em poucos minutos Flor também dormiu e sonhou, e acordou com um grito.

– O que foi isso? – Maryann perguntou.

– Nada, foi só um sonho, – disse Flor. – Você não estava dormindo?

– Eu não consigo. – Apesar de estar tranquilo agora, Maryann ainda ouvia com atenção. O que ela mais temia era que Neil encontrasse sua esposa e Buddy, juntos.

Buddy acordou. Ainda estava escuro. Seria sempre escuro daqui em diante. Havia uma mulher ao lado dele, a quem ele tocou, apesar de não acordá-la. Não era nem Greta nem Maryann, então ele reuniu suas roupas e se esgueirou para longe. Pedacos da polpa pegajosa estavam agarrados em suas costas nuas e em seus ombros, derretidos, desagradavelmente. Ele ainda sentia a embriaguez. Bêbado e exaurido. Orville tinha uma palavra para isso qual era mesmo? Desinchado. O líquido escorrendo granulado pela sua pele nua fê-lo tremer. Mas não de frio. Embora estivesse frio, chegou a pensar nisso. Rastejando em frente com as mãos e os joelhos, encontrou outro casal dormindo.

– O quê? – disse a mulher. Soou como a voz de Greta. Não importava.

Rastejou para outro lugar. Encontrou um onde a polpa não tinha sido perturbada e recostou-se. Quando você se acostumava com a sensação pegajosa, era bastante confortável: macia, quente, aconchegante. Queria luz: a luz solar, da lamparina, mesmo a luz vermelha e instável da queima da noite passada. Algo na situação atual o horrorizava de uma forma que ele não entendia, não podia definir. Era mais do que as trevas. Pensou sobre isso e, assim que caiu no sono novamente, a coisa veio até ele:

Vermes. Eram vermes rastejando através de uma maçã.

**DEZ**  
**CAINDO AOS PEDAÇOS**

– Quem é seu astro de cinema favorito, Florzinha? – Greta perguntou.

– Audrey Hepburn. Eu só vi um filme dela quando tinha nove anos, mas ela estava maravilhosa. Não há mais filmes. Papai nunca aprovaria, eu acho.

– Papai! – Greta bufou. Arrancou um fio de polpa da fruta e colocou preguiçosamente na boca, amassando com a língua contra a parte de trás de seus dentes. Sentados em uma cavidade de breu, seus ouvintes não podiam vê-la fazer isso, mas era evidente que ela estava comendo novamente.

– E você, Neil? Quem é o seu favorito?

– Charlton Heston. Eu costumava assistir a qualquer filme com ele.

– Eu também – disse Clay Kestner. – Ele e Marilyn. Vocês mais velhos se lembram de Marilyn Monroe?

– Marilyn Monroe foi muito superestimada em minha opinião – Greta falou.

– O que me diz sobre isso, camarada? Ei, amigo! Ainda está aqui?

– Sim, eu ainda estou aqui. Eu nunca vi Marilyn Monroe. Foi antes do meu tempo.

– Oh, você perdeu, rapaz. Realmente perdeu.

– Eu vi Marilyn Monroe – disse Neil. – Ela não era de antes do meu tempo.

– E você ainda diz que Charlton Heston é o seu favorito?

Clay Kestner emitiu uma risada franca, de caixeiro viajante, forte e sem graça. Anos antes ele tinha sido meio-proprietário de um posto de gasolina.

– Oh, não sei, – disse Neil nervosamente. Greta riu também, pois Clay começou a fazer cócegas em seu pé.

– Você está todo molhado, todos vocês – disse ela ainda rindo. – Eu continuo dizendo que Kim Novak é a maior atriz que já viveu. Ela estava repetindo isso por quase quinze minutos, e parecia que iria repetir de novo.

Buddy estava entediado ao extremo. Pensou que seria melhor ficar lá trás com os outros do que ir junto com seu pai para mais uma exploração tediosa e sem propósito, através das raízes do labirinto da Planta. Agora que os mantimentos tinham sido reunidos, agora que eles tinham aprendido tudo que havia para aprender sobre a Planta, não havia nenhum motivo em perambular. E não adiantava ficar parado também. Não tinha percebido até então, que não havia nada a fazer, que escravo do trabalho ele tinha se tornado!

Levantou-se e o seu cabelo (curto agora, como todos os outros) roçou o fruto. A polpa dos frutos, quando secava emaranhada ao cabelo, era pior que mordida de mosquito que não podia ser coçada.

– Onde você vai? – Greta perguntou, ofendida que seu público a abandonasse no meio da sua análise sobre o charme peculiar de Kim Novak

– Eu tenho que vomitar – disse Buddy. – Vejo vocês mais tarde.

Era uma desculpa bastante plausível. Os frutos, embora os nutrisse, possuíam efeitos colaterais. Um mês depois (era a estimativa mais próxima), todos ainda estavam ainda sofrendo de diarreia, cólicas e dor de barriga. Buddy quase desejava ter o que vomitar: assim teria algo para fazer.

Pior que o problema do estômago eram os resfriados. Quase todo mundo sofria com estes também, e não havia outro remédio a não ser ter paciência, dormir e a vontade de recuperar-se. Na maioria dos casos, isso era suficiente, mas três casos de pneumonia haviam se desenvolvido, Denny Stromberg entre eles. Alice Nemerov fez o que podia fazer mas, como foi a primeira a confessar, não podia fazer grande coisa.

Buddy subiu a corda pela raiz. Aqui ele precisava andar agachado, o espaço vazio na raiz era de apenas um metro e trinta centímetros de diâmetro. Pouco a pouco, a o longo do mês passado, tinham ido para baixo algumas centenas de metros de profundidade, Orville tinha estimado pelo menos 300 metros. Ora, o Edifício Alworth não era tão alto. Nem mesmo a Torre Foshay em Minneapolis! Nessa profundidade, a temperatura chegava a agradáveis 21 graus.

Houve um rumor à frente.

– Quem é? – Buddy e Maryann perguntaram quase em uníssono.

– O que você está fazendo aqui? – Buddy perguntou à sua esposa, em tom ríspido.

– Fazendo mais corda, mas não me pergunte porquê. É apenas algo para fazer. Isso me mantém ocupada. Venho desfiando algumas raízes e agora estou amarrando-as. – Ela riu baixinho. – As raízes são provavelmente mais fortes do que as cordas. Aqui, pegue minhas mãos e vou te mostrar como fazer.

– Você! – Quando as mãos de Buddy tocaram a dela, ela continuava tricotando.

– Por que você quer fazer isso?

– Como você mesmo diz, é algo para se ocupar.

Ela começou a guiar seus dedos desajeitados.

– Talvez se eu me sentar atrás de você... – ele sugeriu. Mas não conseguia nem fechar os braços ao redor dela. Sua barriga estava no caminho.

– Como ele está? – Buddy perguntou. – Será que demora?

– Ele está bem. Deve ser para qualquer dia desses.

Funcionou como ela esperava: Buddy sentado atrás dela, apertou suas coxas contra as pernas dela, os braços peludos embaixo dos dela, apoiando-os como os braços de uma cadeira.

– Então me ensine – disse ele.

Ele era um aluno lento, não habituado a este tipo de trabalho, mas sua lentidão só fez dele um aluno mais interessante. Foi preciso uma hora ou mais antes dele estar pronto para iniciar sua própria corda. Quando terminou, as fibras escapavam, como pedaços de fumo no cigarro feito por um novato.

De dentro do túberculo veio a música do riso de Greta, e depois o grave de Clay, acompanhando. Buddy não tinha desejo de voltar. Nenhum desejo de ir a qualquer lugar, exceto de voltar à superfície, ao ar fresco, seu brilho, sua mudança de estações. Maryann aparentemente, tinha pensamentos semelhantes.

– Você acha que já é o Dia da Marmota?

– Oh, eu diria que mais uma semana. Mesmo se fôssemos até lá, onde poderíamos ver ou não o sol, duvido que ainda exista alguma marmota para procurar por sua sombra.

– Então o aniversário de Flor deve ser hoje. Devemos lembrá-la.

– Quantos anos ela tem agora? Treze?

– É melhor não deixá-la ouvir isso. Ela tem quatorze anos e é muito enfática sobre o assunto.

Outro som saiu da fruta: o grito angustiado de uma mulher. Em seguida, um silêncio sem ecos. Buddy deixou Maryann no mesmo instante para descobrir o que tinha causado-o. Voltou logo.

– Foi Mae Stromberg. Denny está morto. Alice Nemerov está com ela agora.

– Pneumonia?

– Isso, ele já não conseguia mais se alimentar.

– Ah, pobrezinho.

A Planta era muito eficiente. De fato, não podia ser batida. Já havia provado isso. Quanto mais você aprendia sobre o assunto, mais você tinha que admirá-la. Se você fosse o tipo que admira essas coisas. As suas raízes, por exemplo, eram ocas. As raízes das plantas da Terra, (o pau-brasil é comparável) são sólidas e todas de madeira. Mas para quê? A maior parte das raízes, na verdade, é matéria morta. O único trabalho da raiz é o transporte de água e minerais até as folhas e, depois de serem sintetizados em alimentos, levá-los de volta para baixo novamente. Para isso uma raiz deve manter-se rígida o suficiente para suportar a pressão constante do solo e da rocha ao redor dela. Todas essas coisas a Planta fazia muito melhor, considerando suas dimensões, mais eficiente do que as plantas da Terra.

O espaço aberto dentro da raiz permitia uma maior passagem de água, mais rapidamente e mais longe. As traqueoides e os vasos que conduzem a água de uma raiz comum não tem um décimo da capacidade dos capilares expansíveis que formam as teias de aranha da Planta. Do mesmo modo, as vinhas que revestiam as raízes ocas podiam, em um único dia, transportar toneladas de glicose e outros materiais líquidos, das folhas até os tubérculos dos frutos e das raízes ainda em crescimento, nos níveis mais baixos. Estes estavam para o floema das plantas comuns, o que um gasoduto intercontinental está para uma mangueira de jardim.

O espaço oco dentro da raiz servia a um propósito maior: abastecer regiões inferiores da Planta com ar. Essas raízes, que se estendiam até abaixo do solo arejado, não tinham, como outras raízes, uma fonte independente do oxigênio que precisava ser trazido até elas. Assim, desde as pontas de suas folhas até o mais distante broto, a Planta respirava. Era essa capacidade de variar o transporte rápido e de grande escala que tinha que ser levado em conta para a taxa de crescimento da Planta.

A Planta era econômica, não desperdiçava nada. Como suas raízes eram profundas afundando-se espessamente, a Planta digeriria até a si mesma,

formando assim o buraco no qual a complexa rede de capilares e vinhas tomava m forma. A madeira que não era mais necessária para manter o exoesqueleto rígido virava alimento. Mas a economia fundamental da Planta, sua excelência final, não consistia em nenhum a dessas características parciais, mas sim no fato de todas as Plantas serem uma só Planta.

Como alguns insetos têm em sua organização social, conquistar seus membros individuais teria sido impossível, de modo que as plantas, formavam um todo único e indivisível, aumentando sua potência efetiva exponencialmente. Os materiais que não estavam disponíveis para uma, poderiam ser supérfluo para outra. Água, minerais, ar, alimentos, tudo era compartilhado no espírito do verdadeiro comunismo: de acordo com sua capacidade e sua necessidade. Os recursos de um continente inteiro estavam à sua disposição. O mecanismo pelo qual ocorria a socialização das Plantas individuais era muito simples.

Assim como as raízes, o primeiro ramo brotado da raiz primária vertical, movia-se por uma espécie de tropismo comum em direção às raízes parentes de outras plantas. Quando se reconheciam, se fundiam. Quando estavam indissolúvelmente mescladas, se separaram, buscando a união em um nível mais profundo. Muitos se tornando um.

Você tinha que admirar a Planta. Era realmente uma coisa muito bonita, se olhasse para ela de forma objetiva, como por exemplo, Jeremiah Orville olhava. Claro, tivera vantagens que outras plantas não tinham tido. Não tivera que evoluir por si mesma. Também fora muito bem cuidada. Mesmo assim, ocorreram pragas. Mas que estava m sendo cuidadas. Esta era, afinal, apenas sua primeira temporada na Terra.

Quando Anderson, Orville e os outros homens (aqueles que tinham se oferecido pata colaborar) retornaram da exploração profunda na Planta, Mae Stromberg já havia desaparecido com o cadáver do filho. Em suas últimas horas com o menino, ela não havia dito uma palavra ou chorado uma lágrima. E quando ele morreu, ela enlouqueceu. A perda do marido e da filha tinha se dado com muito menos calma, ela sentia talvez, que poderia se dar ao luxo de perdê-los, poderia pagar por isso e lamentar posteriormente. Angústia é um luxo. Agora ela era só pesar.

Havia 29 pessoas sem contar Mae Stromberg. Anderson chamou-os para uma assembleia de imediato. Dos 29, apenas duas mulheres, com pneumonia, e Alice Nemerov estavam ausentes.

– Tenho medo – Anderson começou, depois de uma breve oração, – de estarmos caindo aos pedaços.

Havia alguma tosse e um arrastar de pés. Ele aguardou, e em seguida, continuou:

– Não posso culpar ninguém aqui por Mae ter fugido. Não posso culpar Mae também. Mas aqueles de nós que foram poupados deste último golpe e guiados pela Divina Providência, aqui, aqueles de nós, isto é ...– parou, emaranhado em suas próprias palavras, algo que acontecia com ele cada vez mais. Apertou a mão à testa e respirou fundo. O que eu quero dizer é isto: Nós não podemos apenas comer leite e mel. Há trabalho a ser feito. Temos de nos

fortalecer para o que vem pela frente, e ... isto é, não devemos deixar-nos espairecer. Eu tenho ido mais para baixo nesses túneis infernais e descobri que a fruta lá é melhor. Menor e mais firme, menos doce. Também descobri que há menos oxigênio... Quero dizer que estamos nos transformando em um bando de... qual era a palavra?

– Viciados – Orville, disse.

– Um bando de viciados. Exatamente. Agora isso deve parar – bateu a palma da mão com o punho cerrado em ênfase.

Greta, que levantara sua mão durante a segunda parte do discurso, enfim falou sem esperar permissão:

– Posso fazer uma pergunta?

– O que é Greta?

– Que trabalho? Eu simplesmente não consigo ver o que é que estamos negligenciando.

– Bem, nós não temos feito o trabalho, menina. Isso é fácil de ver.

– Você não respondeu à minha pergunta.

Anderson ficou horrorizado com a desfaçatez dela. Dois meses atrás, ela poderia ter tido apedrejada como uma adúltera, e agora a prostituta exibia seu orgulho e rebeldia para que todos vissem. Ele deveria ter respondido com um golpe. Deveria ter domado seu orgulho. Ela tinha agido como uma meretriz com o irmão do seu marido. Não ter reagido ao desafio era uma fraqueza, e todos puderam ver isso também.

Depois de um longo silêncio, ele retornou ao seu discurso como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

– Temos que combater a letargia! Não podemos parar. Vamos nos manter em movimento a partir de agora. Todo dia. Não vamos sentar. Nós vamos explorar.

– Não há nada para explorar, Sr. Anderson. E por que deveríamos passar todos os dias explorando? Por que não limpar um lugar que é confortável e viver lá? Há comida suficiente em apenas uma dessas batatas grandes.

– Chega! Já basta, Greta! Eu já disse tudo o que vamos fazer. Amanhã!

Greta se levantou, mas ao invés de avançar para a luz do lampião, ela se afastou.

– Não! Eu estou farta e cansada de receber ordens como um escravo. Eu já tive o suficiente, estou indo embora! Mae Stromberg fez a coisa certa!

– Sente-se Greta! – o velho ordenou estridente. – Sente-se e cale a boca.

– Não mesmo. Não mais. Estou indo embora. Chega. De agora em diante, eu farei o que quiser e qualquer um que quiser vir será bem-vindo.

Anderson puxou da pistola e apontou para a figura sombria fora da luz da lamparina.

– Neil, você deve dizer para sua esposa se sentar. Ou vou matá-la. E vou atirar para matar, por Deus, eu vou!

– Senta Greta! – Neil pediu.

– Não vai atirar em mim. E quer saber por que você não vai atirar em mim? Porque eu estou grávida. Não iria matar seu próprio neto agora, iria? E não há dúvida de que ele é seu neto.

Era uma mentira, uma mentira completa, mas serviu ao seu propósito.

– Meu neto? – Anderson repetiu espantado. – Meu neto! – virou a Python para Buddy. Sua mão tremia com raiva ou simplesmente com uma enfermidade, não se podia dizer.

– Não fui eu! – Desabafou Buddy. – Juro que não fui eu.

Greta tinha desaparecido na escuridão e três homens saíram correndo atrás, ansiosos para segui-la. Anderson disparou quatro tiros mirando as costas de um dos homens. Então, totalmente exaurido, sem sentidos, caiu sobre a lanterna que apagou-se. Extinguiu-se.

O homem que ele havia matado fora Clay Kestner. A quarta bala, passando pelo peito de Clay, tinha perfurado o cérebro de uma mulher, que pulara em pânico, reagindo ao primeiro disparo de Anderson.

Havia agora 24 deles, sem contar com Greta e os dois homens que se foram com ela.



## ONZE

### UMA MORTE NATURAL

O cabelo de Anderson estava caindo aos punhados. Talvez fosse a idade, mas ele culpou a sua dieta. Os suprimentos escassos resgatados do fogo havia sido racionados, e o pouco milho que restava agora era de Maryann e para plantar, quando voltassem para a superfície.

Ele coçou o couro cabeludo esquisito e amaldiçoou a Planta, mas era um ódio parcial, como se estivesse irritado com um empregador, ao invés de um inimigo em uma guerra. Seu ódio tornou-se contaminado com gratidão, sua força se esvaía. Mais e mais ele ponderou sobre a questão de quem iria sucedê-lo. Era uma questão de peso: Anderson fora talvez o último líder do mundo quase rei, sem dúvida um patriarca. Embora geralmente acreditasse no direito de primogenitura, ele se perguntou se uma diferença de apenas três meses, não poderia ser entendida como caridade em favor do filho mais novo. Recusou-se a pensar em Neil como um bastardo, e foi assim obrigado a tratar os meninos como gêmeos, de forma imparcial. Havia algo a ser dito sobre cada um deles. Neil era trabalhador, não era dado a reclamações e era forte, tinha os instintos de um líder de homens, se não possuía todas as habilidades. No entanto, ele era estúpido. Anderson não podia deixar de ver. Ele também era... assim, meio perturbado. Anderson não sabia, mas suspeitava que Greta era de alguma maneira responsável por isso. Considerando este problema, ele tendia a vê-lo obliquamente, através de um vidro baço, como se faz para observar um eclipse. Ele não queria saber da verdade, se assim podia ajudá-lo.

Buddy por outro lado, apesar de possuir muitas das qualidades que faltavam ao meio irmão, não suportava ser contrariado. Ele havia provado isso quando, sob a desaprovação de seu pai, tinha ido morar em Minneapolis. Quando Anderson encontrou seu filho durante a Ação de Graças, se tornou bastante claro que Buddy não teria sucesso em ocupar seu lugar no mais alto posto.

Anderson, na passagem da puberdade precoce para a meia idade, tinha desenvolvido um horror irracional ao adultério. Ele mesmo tinha sido um adúltero, e um dos seus filhos era o fruto de tal união. Ele tinha, na verdade, negado-o de imediato e acreditara em sua negação. Durante muito tempo parecera para ele que ninguém poderia tomar seu lugar. Por isso teria que carregar o fardo sozinho. Seus filhos haviam mostrado fraquezas de novo, Anderson sentiu o efeito disso como um aumento em suas próprias forças. Secretamente ele prosperava em suas falhas.

Então Jeremiah Orville tinha entrado em cena.

Em agosto, Anderson havia sido movido por razões obscuras e que foram (agora parecia) providas por Deus para poupar o homem. Hoje ele tremia na sua visão, como Saulo deve ter tremido quando percebeu que o jovem Davi iria subsistir ele e seu filho Jonathan. Anderson tentou desesperadamente negar isso e

proteger seu herdeiro. (Ele sempre temeu que, como aquele rei, começaria uma guerra contra o ungido do Senhor, e seria sua derrota. A crença em predestinação tinha decididamente, algumas desvantagens.) Aos poucos ele passou a dedicar atenção a esta sua tarefa ingrata (pois, embora admirasse Orville, não gostava dele), à medida em que sua força e propósito o abandonavam. Orville, mesmo sem saber, estava matando-o.

Era noite e eles tinham mais uma vez caminhado até a exaustão. Como Anderson era o árbitro do que constituía a exaustão, ficou evidente a todos que o velho estava desgastado: como após o equinócio primaveral, cada dia era mais curto do que o dia anterior. O velho coçou o couro cabeludo escamoso e amaldiçoou alguma coisa que não conseguia se lembrar exatamente e adormeceu sem pensar em contar as cabeças.

Orville, Buddy e Neil fizeram a contagem. Orville e Buddy contaram 24. Neil, de algum modo, tinha encontrado 26.

– Mas isso não é possível, – disse Buddy.

Neil foi categórico: ele contara 26.

– Diabos, não posso contar, por amor de Cristo?

Desde a partida de Greta, um mês ou quase se passara. Ninguém estava mantendo o controle do tempo. Alguns achavam ser fevereiro, outros março. A partir das expedições à superfície só sabiam que ainda era inverno. Eles não precisavam saber mais do que isso.

Nem todo mundo continuava com eles. Com efeito, além de Anderson, dos seus dois filhos e Orville, havia apenas outros três homens. Uma equipe base permanecera para trás, já que outros, como Maryann e Alice, não podiam passar o dia rastejando através das raízes. O número daqueles que julgavam incapazes crescia diariamente até que houvessem tantos viciados como antes. Anderson fingira ignorar a situação, temendo provocar algo pior.

Anderson levava os homens pela via normal, que era marcado por cordas que Maryann tinha trançado. Não era mais possível para eles encontrar seu caminho pelo fio de Ariadne das vinhas capilares, em suas explorações tinham quebrado tantas, que criaram um labirinto de suas próprias explorações.

Foi perto da superfície, a cerca de sessenta graus de inclinação, que se depararam com os ratos. Primeiro foi como o zumbido de uma colmeia, embora de maior frequência. O primeiro pensamento dos homens foi de que os incendiários tinham finalmente conseguido descer até eles. Quando eles se aventuraram no túnel pelo qual o barulho estava vindo, o murmúrio elevou-se até se tornar estridente, como se uma ária sendo transmitida no volume máximo por um sistema de som ruim.

A escuridão de aparência sólida, fora do alcance da lamparina, vacilou e dissolveu-se para uma tonalidade mais clara, quando milhares de ratos caíram uns sobre os outros para entrar no fruto. As paredes da passagem eram qual uma colmeia de ratos.

– Ratos! – Neil exclamou. – Eu não disse que tinham sido os ratos que roeram o seu caminho através da raiz até lá em cima? Eu não disse, hein? Bem, aqui estão eles. Deve haver um milhão deles.

– Se não há agora, logo haverá – Orville concordou. – Eu me pergunto se

estão todos no mesmo tubérculo.

– Que diferença faz? – Anderson perguntou, impacientemente. – Eles nos deixaram isolados, e eu não quero a companhia deles. Parecem contentes em comer a maçã maldita cristalizada, e eu estou contente em deixá-los comer. Podem comer toda ela, não me importo. Sentindo que tinha ido longe demais, disse em um tom mais suave: Não há nada que possamos fazer contra um exército de ratos. De qualquer forma, eu só tenho um cartucho no revólver. Não sei para que estou guardando-o, mas sei que não é para um rato.

– Eu estava pensando no futuro, Sr. Anderson. Com toda essa comida disponível e sem inimigos naturais para mantê-los aqui embaixo, esses ratos multiplicar-se-iam sem limites. Eles não podem ameaçar a nossa alimentação agora, mas e daqui a cerca de seis meses? Daqui a um ano?

– Antes que o verão comece, Jeremiah, nós não estaremos vivendo aqui. Os ratos são bem-vindos.

– Nós ainda estaremos dependendo dela para nos alimentar. É o único alimento, a menos que queira comer ratos. Pessoalmente eu nunca gostei do sabor. E há o próximo inverno para se pensar. Com as poucas sementes que restam para o plantio, mesmo que boas, não podemos passar outro inverno. Eu não gostaria de viver assim mais do que qualquer outro, mas é uma maneira de sobreviver. A única maneira no momento.

– Ah, isso é um monte de besteira! – Disse Neil em apoio ao pai.

Anderson parecia cansado, e a lamparina que estava segurando, a fim de examinar as perfurações da parede da passagem, baixou.

– Você está certo Jeremiah. Como de costume. – Seus lábios se curvaram em um sorriso de raiva, e ele balançou o pé descalço (sapatos eram preciosos demais para serem desperdiçados aqui), sobre um dos buracos de rato, no qual dois olhos brilhantes estavam olhando fixamente para cima, examinando os examinadores. – Bastardos – gritou. – Filhos da puta!

Houve um guincho e uma bola de gordura peluda fez um grande arco para longe do alcance da luz do lampião. O lamento, que havia ficado um pouco mais silencioso, subiu em volume reagindo a Anderson.

Orville colocou a mão no ombro do velho. Seu corpo inteiro estava tremendo de raiva impotente.

– Senhor... – Orville disse. – Por favor.

– O bastardo me mordeu! – Reclamou Anderson.

– Não podemos nos dar ao luxo de assustá-los agora. Nossa melhor chance é...

– Quase arrancou meu dedo do pé! – disse ele, inclinando-se para ver a lesão. – O bastardo.

– Temos que contê-los aqui. Bloquear todas as passagens para fora desse tubérculo. Senão... – Orville encolheu os ombros. A alternativa era clara.

– Então como vamos sair? – Neil opôs presunçosamente.

– Ah, cala a boca Neil! – Anderson disse cansado. – Com o quê? – pergunto u para Orville. Não temos nada que um rato faminto não consiga mastigar abrindo caminho em minutos.

– Temos um machado. Podemos enfraquecer as paredes das raízes, para

que entrem em colapso. A pressão nessa profundidade é tremenda. Deve ser dura como o ferro, mas se pudermos raspar o suficiente nos pontos certos, a própria terra bloquearia as passagens. Os ratos não podem mastigar seu caminho através de basalto. Há o perigo da caverna ceder, mas acho que não vai. Um engenheiro de minas tem geralmente que evitar desabamentos, mas é um bom treino produzi-los.

– Eu vou deixar você tentar. Buddy, volte e pegue o machado e qualquer outra coisa com uma borda de corte. E mande aqueles viciados aqui em cima. Neil e o resto de vocês, espalhem-se para cada uma das entradas do túnel e façam o que puderem para manter os ratos dentro. Eles não parecem muito ansiosos para sair, mas quando as paredes começarem a desmoronar-se... Jeremiah, você vem comigo e me mostra o que quer que eu faça. Eu não entendo porque a coisa toda não vai cair sobre nossas cabeças malditas...Deus!

– O que foi?

– Meu dedo do pé! O rato maldito arrancou um pedaço. Bem, vamos mostrar a estes bastardos!

O extermínio dos ratos conseguiu alguma coisa. Orville atacou a primeira raiz até o ponto onde esta escapava para fora, para tornar-se a casca dura dos frutos. Trabalhava muitas horas, raspando fatias finas de madeira, observando qualquer sinal de estresse que lhe daria a oportunidade de fuga, raspava um pouco mais, observava. Quando veio abaixo, não houve aviso. De repente, Orville estava no meio do trovão. Ele foi arremessado de volta para o corredor. O túnel inteiro desabara sobre si mesmo.

Os homens vigilantes em outras entradas não relataram nenhum rato que escapasse, mas não tinha sido sem uma fatalidade: um homem, depois de seu almoço (Anderson insistira em que só comessem três vezes ao dia, e depois com moderação), entrara no túnel para pegar um punhado de polpa de frutas, exatamente no momento errado. Ele, a polpa da fruta e alguns poucos milhares de ratos seriam transformados, em um ritmo lento, geológico, em petróleo.

Uma parede de basalto nivelara com perfeição euclidiana bloqueando cada uma das entradas para o túnel, que tinha descido de forma rápida como uma guilhotina.

Anderson, que não estivera presente para testemunhar o evento (logo após Orville ter começado seu trabalho, teve outro desmaio; vinham com maior frequência nos últimos tempos), ficou incrédulo quando lhe foi reportado.

A explicação posterior de Orville não o convenceu.

– O que é Buckminster não sei-o que tem a ver com isso? Faça uma pergunta simples, e ganho uma aula sobre cúpulas.

– É apenas uma suposição. As paredes do túnel têm que suportar uma pressão incrível. Buckminster Fuller foi um arquiteto, um engenheiro, se preferir, que construiu coisas que faziam exatamente isso. Ele projetou os esqueletos, você poderia dizer. Projetou-os de modo que, se a parte menor for enfraquecida, o corpo todo cede. Como quando você remove a pedra angular de um arco, exceto que todos eram peças fundamentais.

– Esta é uma boa hora para aprender sobre Buckminster Fuller, quando um homem foi morto.

– O senhor me desculpe. Compreendo que era minha responsabilidade. Eu deveria ter dado mais atenção ao assunto antes de agir.

– Isso não ajuda em nada agora. Vá procurar Alice e traga-a aqui. Eu estou com febre e a mordida do rato dói mais a cada minuto.

*É sua responsabilidade mesmo!* Anderson pensou quando Orville se foi. Bem, seria a sua responsabilidade em breve. Ele poderia convocar uma assembleia enquanto ainda tinha o seu juízo e anunciá-lo de fato. Mas isso equivaleria à sua própria abdicação. Não, ele ia dar tempo ao tempo.

Enquanto isso teve uma nova ideia, uma forma de legitimar Orville como seu herdeiro: Orville seria seu filho, seu filho mais velho, por meio de casamento. Mas recusou esta ideia também. Flor ainda era tão jovem, pouco mais que uma criança. Apenas alguns meses atrás, ele tinha visto ela com as outras crianças brincando no chão da Sala comum. Casamento? Ele iria conversar com Alice Nemerov sobre isso. Uma mulher sempre sabia melhor sobre esses as coisas. Anderson e Alice eram os sobreviventes mais velhos. Esse fato, e a morte da esposa de Anderson, forçou-os a ter confiança um no outro.

Enquanto esperava por ela, massageou o dedo mínimo. Agora que estava dormente, a dor era proveniente do resto do pé.

Naquela noite, quando foi contado o número de sobreviventes (Anderson tinha cada vez menos condições de fazê-lo), Orville e Buddy vieram com o número de vinte e três. Neil, desta vez, contou vinte e quatro.

– Ele é lento – Buddy brincou. – Dê-lhe tempo. Ele vai alcançar a gente ainda.

Alice Nemerov, RN, sabia que Anderson ia morrer. Não só porque ela era uma enfermeira e reconhecia o início de uma gangrena. Ela tinha visto muitos morrerem antes dele ser mordido pelo rato, mesmo antes dos desmaios que haviam se tornado uma ocorrência diária. Quando um velho está se preparando para morrer, você pode ver estas coisas claramente. Isso porque ela era uma enfermeira, e porque havia tentado fazer alguma coisa para mantê-lo vivo.

Por este motivo, ela o havia persuadido a não falar com Orville e Flor sobre suas intenções para eles. Ela lhe oferecia uma esperança de vida. Pelo menos parecia uma esperança. No início, quando a esperança era real, ela já havia tentado sugar a infecção, como em um acidente ofídico. O único efeito foi que ela ficou com náuseas e não conseguiu comer por dois dias. Agora, metade do pé dele estava azul escuro, morto. A decomposição agia muito rapidamente, se é que não tinha começado.

– Por que você não continuou sugando a infecção? – Neil perguntou.

– Não faria nenhuma diferença agora. Ele está morrendo.

– Você poderia tentar. Isso é o mínimo que poderia fazer.

Curvado para baixo, Neil examinava o rosto adormecido de seu pai.

– Ele está respirando melhor agora?

– Às vezes, a respiração fica muito difícil. Às vezes, ele mal parece respirar. Nenhum dos sintomas é fora do comum.

– Os pés dele estão frios – disse Neil crítico.

– O que você esperava? – Alice gritou para ele, já sem paciência alguma. –

seu pai está morrendo. Você não entende isso? Apenas uma amputação poderia salvá-lo e neste ponto, na sua condição, ele não poderia sobreviver à amputação. Ele está exaurido, é um homem velho. Ele quer morrer.

– Isso não é culpa minha, não é? – Neil gritou.

Anderson acordou por um momento e Neil foi embora. Seu pai havia mudado muito nos últimos dias e Neil sentia-o estranho com ele. Era como estar diante de um estranho.

– O bebê é um menino ou uma menina? – a voz de Anderson era quase inaudível.

– Nós não sabemos ainda, Sr. Anderson. Pode demorar uma hora. Mas não mais do que isso. Tudo está pronto. Ela fez as ligaduras com as sobras de corda. Buddy trouxe da superfície um balde de neve, ele disse que foi uma nevasca de março de verdade, lá em cima, e fomos capazes de esterilizar a faca e lavar um par de peças de algodão. Não vai ser um parto hospitalar, mas tenho certeza que vai dar tudo certo.

– Nós devemos orar,

–...Você deve orar, Sr. Anderson. Você sabe que eu não sou ligada a essas coisas. – Anderson sorriu, e não foi por um milagre, uma expressão não muito desagradável. Morrer parecia suavizar o homem velho, e nunca tinha sido mais agradável do que agora.

– Você é como minha esposa, como Senhora. Ela deve estar no inferno por seus pecados e por seu escárnio, mas o inferno não pode ser muito pior do que isso. De alguma forma, porém, eu não posso imaginá-la lá.

– Não julgueis para que não sejam julgados, Sr. Anderson.

– Senhora sempre disse isso também. Era a sua escritura favorita. Buddy interrompeu-os:

– O tempo acabou, Alice. Temos que ir.

– Vá lá, vá na frente, não fique aqui – Anderson pediu. Desnecessariamente, pois ela já tinha ido embora, levando a luz com ela. A escuridão começou a cobri-lo como um cobertor de lã, como um cachecol.

Se for um menino, Anderson pensou, *eu posso morrer feliz*.

Era um menino.

Anderson estava tentando dizer algo. Neil não conseguia entender bem o que era. Inclinou o ouvido próximo à boca seca do velho. Não podia acreditar que seu pai estava morrendo. Seu pai! Ele não gostava de pensar nisso.

O velho murmurou algo.

– Tente falar mais alto, – disse Neil gritando em seu ouvido. Em seguida, aos outros que estavam ao redor: – Onde está a luz? Onde está Alice? Ela deveria estar aqui agora. Porque vocês estão em pé ao meu redor assim?

– Alice está com o bebê – Flor sussurrou. – Ela disse que levaria apenas mais um minuto.

Em seguida, Anderson falou de novo, alto o suficiente para Neil e mais ninguém ouvir.

– Buddy, – Foi tudo que ele disse, embora tenha dito várias vezes.

– O que ele disse? – Flor perguntou.

– Ele disse que quer falar comigo sozinho. O resto de vocês, vá embora e deixe-nos juntos. Papai quer falar-me sozinho.

Houve suspiros das poucas pessoas que ainda não estavam dormindo (o período de vigília terminara muitas horas atrás) e afastaram-se do tubérculo para deixar pai e filho juntos. Neil esforçou-se para ouvir o menor som além, o que significaria que alguém permanecera nas proximidades. Nessa escuridão abissal, a privacidade nunca era uma coisa certa.

– Buddy não está aqui – disse finalmente com a certeza de que estavam a sós. – Ele está com Maryann, o bebê e Alice. Há algum tipo de problema no jeito que ele respira.

Neil tinha a garganta seca e quando tentou engolir saliva, isso o machucou. *Alice*, pensou com raiva, *deveria estar aqui*. Todas as pessoas falavam, era o bebê, o bebê. Ele estava farto do bebê. Curiosamente, a mentira de Greta tinha causado efeito sobre Neil. Ele acreditava nela de verdade, inquestionavelmente, assim como Maryann acreditava no nascimento virginal de Cristo. Neil tinha a capacidade de simplesmente afastar fatos inconvenientes e considerações da lógica, tal como teias de aranha. Ele já tinha decidido que o nome do seu bebê seria Neil Júnior. Isso mostraria ao velho Buddy!

– Encontre Orville – Anderson sussurrou. – E traga os outros para cá. Eu tenho algo a dizer.

– Você pode dizer para mim? Hein, pai?

– Traga Orville, eu disse! – O velho começou a tossir.

– Ok ok!

Neil andou uma certa distância na pequena cavidade no fruto onde seu pai estava, contando até cem (na sua pressa, saltou tudo entre cinquenta e nove e setenta), e voltou.

– Aqui está ele meu pai, como você pediu.

Anderson não achou estranho que Orville não o cumprimentasse. Todo mundo, nestes últimos dias, ficava mudo em sua presença, na presença da morte.

– Eu deveria ter dito isso antes, – Jeremiah começou, falando rapidamente, com medo de que essa renovação súbita de força o abandonasse antes que ele pudesse terminar. – Esperei muito tempo. Embora eu saiba que você esteja esperando por isso. Posso dizer pelos seus olhos. Portanto, não havia necessidade de... – parou tossindo. – Aqui – (ele gesticulou debilmente na escuridão) – tome o meu revólver. Há somente uma bala, mas alguns deles o vêem como uma espécie de símbolo. É bom que seja assim. São tantas coisas que eu queria lhe dizer, mas não tive tempo.

Neil ficava mais e mais agitado durante a despedida de seu pai e finalmente não se conteve:

– O que você está falando, papai? Anderson riu.

– Ele ainda não entendeu. Você quer dizer a ele ou eu digo?

Houve um longo silêncio.

– Orville? – Anderson perguntou.

– Dizer o que, papai? Eu não entendo!

– Isso: Orville Jeremiah está assumindo a partir de agora. Então, traga-o

aqui!

– Papai, você não pode estar falando isso. – Neil começou a mastigar aflito seu lábio inferior. – Ele não é um Anderson. Ele nem é da vila. Ouça, Pai, eu lhes direi que vou assumir, né? Eu faria um trabalho melhor do que ele. Apenas me dê uma chance. Isso é tudo que peço, apenas uma chance.

Anderson não respondeu. Neil começou tudo de novo, num tom mais suave, mais persuasivo:

– Pai, você tem que entender...Orville não é um de nós.

– Ele vai ser em breve, pequeno bastardo. Agora traga-o aqui.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que eu vou casar ele com sua irmã. Agora, deixe de besteira e traga-o aqui. E sua irmã também. Traga-os todos aqui.

– Papai, você não pode, pai!

Anderson não disse outra palavra. Neil mostrou-lhe todos os motivos que tornava impossível casar Flor com Orville. Por que Flor tinha apenas doze anos de idade! Ela era irmã de sua irmã! Não entende isso? E quem era esse tal de Orville? Ele não era ninguém. Eles deveriam tê-lo matado há muito tempo, juntamente com os outros saqueadores. Neil não tinha dito isso na época? Neil o mataria agora, se Anderson pedisse.

Não importava que argumentos Neil oferecesse, o velho apenas descansava ali. Estaria morto? Neil se perguntou. Não, ele ainda estava respirando. Neil sentiu-se mal. Seus ouvidos aguçados pegaram sons dos outros retornando.

– Deixem-nos em paz! – Gritou para eles.

Eles foram embora de novo, incapazes de ouvir Anderson ordenar o contrário.

– Nós temos que falar sobre isso, você e eu pai confessou Neil.

Anderson não iria dizer uma palavra, nem uma palavra. Com lágrimas nos olhos, Neil fez o que tinha que fazer. Pressionou as narinas do velho e segurou a outra mão firmemente em cima de sua boca. Ele mexeu-se um pouco no início, mas estava muito fraco para lutar. Quando o velho ficou muito, muito calmo, Neil pegou em suas mãos e procurou sentir se ele ainda estava respirando. Ele não estava. Em seguida, Neil pegou o coldre e pistola do velho e prendeu ao seu próprio corpo. Era uma espécie de símbolo.

Pouco depois Alice chegou com a luz, e foi sentir o pulso do homem morto.

– Quando ele morreu? Perguntou ela.

– Só um minuto atrás – disse Neil. Foi difícil compreendê-lo, ele chorava. – E ele me pediu que tomasse o seu lugar. E me deu a sua pistola.

Alice olhou para Neil desconfiada. Em seguida inclinou-se sobre o rosto do cadáver e examinou-o atentamente sob a lâmpada. Havia manchas nas laterais do nariz e o lábio fora cortado e sangrava. Neil estava curvado para trás. Não conseguia entender de onde o sangue tinha vindo.

– Você o matou.

Neil não podia acreditar em seus ouvidos: ela o tinha chamado de assassino! Ele bateu na cabeça de Alice com a coronha da pistola. Então limpou o sangue que escorria pelo queixo do pai e a polpa de frutas espalhada pelo lábio



cortado.

Mais pessoas vieram. Ele explicou-lhes que seu pai estava morto, que ele, Neil Anderson, iria assumir o lugar de seu pai. Também explicou que Alice Nemerov tinha deixado seu pai morrer, quando poderia tê-lo salvo. Toda a conversa dela sobre cuidar do bebê era tolice. Foi tão ruim quanto se ela o tivesse matado. Ela teria que ser executada como um exemplo. Mas não imediatamente. Por enquanto apenas iriam amarrá-la e amordaçá-la.

O próprio Neil cuidou da mordança. E todos obedeceram. Estavam acostumados a obedecer Anderson, e estavam esperando Neil assumir a tarefa por anos. Naturalmente, eles não acreditavam que Alice fora de alguma forma culpada, mas não tiveram tempo de acreditar em um monte de coisas que Anderson havia dito a eles, e eles sempre obedeceram de qualquer maneira. Talvez se Buddy estivesse lá, ele teria algo a dizer. Mas ele estava com Maryann e seu filho recém-nascido, que ainda estava fraco. E eles não ousariam trazer o bebê para perto de seu avô, por medo de infecção. Além disso, Neil acenava com a Python livremente. Todos sabiam que havia uma bala sobrando e ninguém queria ser o primeiro a iniciar uma discussão.

Quando Alice ficou firmemente amarrada, Neil perguntou onde estava Orville. Ninguém o vira sair, ou ouvira falar dele por alguns minutos.

– Encontrem-no e tragam-no aqui. Agora mesmo! Flor! Onde está Flor? Eu a vi aqui um minuto atrás.

Mas Flor também não foi encontrada.

– Ela se perdeu! – Neil exclamou num lampejo de compreensão. – Ela se perdeu nas raízes. Nós precisamos criar um grupo de busca. Mas primeiro encontrem Orville. Não, primeiro alguém me ajude com isso.

Neil agarrou Alice pelos ombros. Alguém pegou seus pés. Ela não pesava mais do que um saco de ração e a na raiz, mais perto, havia agora um abismo vertical que não existia dois minutos antes. Jogaram-na lá. Não conseguiram ver onde ela caiu porque Neil tinha esquecido a lanterna.

Sem dúvida, ela caiu por um longo, longo tempo. Agora seu pai estava vingado.

Agora ele iria procurar Orville. Havia apenas uma bala no Colt Python .357 Magnum. E era para Orville. Mas primeiro ele deveria encontrar Flor. Ela devia ter fugido para algum lugar quando ouviu que seu pai estava morto. Neil conseguia entender isso. A notícia o tinha aborrecido também.

Em primeiro lugar procuraria Flor. Depois Orville. Esperava não encontrá-los juntos. Isso seria terrível demais.

## DOZE

### FANTASMAS E MONSTROS

*É melhor eu se esconder*, ela pensou, e foi assim que se perdeu.

Certa vez, quando Flor tinha sete anos, seus pais tinham ido para Duluth no fim de semana, levando o bebê Jimmie Lee com eles, deixando-a sozinha na grande casa de dois andares na periferia de Tassel. Era o décimo oitavo aniversário de casamento deles. Buddy e Neil, eram meninos grandes, um fora ao baile e outro ao um jogo de beisebol. Ela assistiu um pouco de televisão e em seguida brincou com suas bonecas.

A casa estava muito escura, mas era regra do pai nunca ligar mais de uma lâmpada por vez. Ela não se importava em sentir-se um pouco assustada. Havia algo de bom nisso. Então ela apagou todas as luzes e fingiu que um monstro estava tentando encontrá-la no escuro. Mal ousando respirar e nas pontas dos pés, descobriu esconderijos seguros para todos os seus filhos: Lulu no depósito de carvão no porão, porque era negra; Ladybird, atrás de caixa dos gatos; Nelly, a mais velha, na lixeira sob a mesa do papai. Ficou mais e mais assustador. O monstro procurava-a por todos os lugares da sala, exceto no único lugar onde ela estava, atrás do pedaço de pedra.

Quando saiu da sala, Flor subiu as escadas, mantendo-se próxima à parede para que não rangesse. Mas fez um rangido e o Monstro ouviu e veio atrás dela. Com um grito excitado, ela correu para o primeiro quarto e fechou a porta atrás dela. Era o quarto de Neil, e a imensa cabeça de alce com grandes chifres a olhou com raiva do seu lugar sobre a cômoda. Ela sempre tivera medo dos alces, mas estava com mais medo ainda do Monstro lá fora no corredor, escutando em cada porta para saber se ela estava lá dentro.

Entrou no armário de Neil, que estava entreaberto e se escondeu entre as botas fedorentas e os velhos e sujos *jeans*. A porta do quarto se abriu. Estava tão escuro que não conseguia ver sua mão na frente do rosto, mas podia ouvir o Monstro fungando. Ele veio até a porta do armário e parou. Estava cheirando ela lá dentro. O coração de Flor quase parou de bater, e orou a Deus e a Jesus que o monstro fosse embora. O Monstro fez um barulho alto e terrível e abriu a porta, e pela primeira vez Flor viu o que parecia ser o Monstro. Ela gritou e gritou e gritou.

Neil foi o primeiro a chegar em casa naquela noite, e não conseguiu entender o que Flor estava fazendo em seu quarto com seu *jeans* sujo enfiado na cabeça, choramingando como se tivesse apanhado de cinturão, e tremendo como um passarinho pego em uma tempestade de neve de abril. Mas quando ele a segurou, seu corpinho tornou-se todo rígido, e nada a sossegaria a não ser dormir naquela noite na cama de Neil.

Na manhã seguinte, ela acordou com febre, e seus pais tiveram que abreviar a viagem e voltar para casa para cuidar dela. Ninguém entendeu o que

tinha acontecido, mas Flor não se atreveu a dizer-lhes sobre o Monstro, que eles não podiam ver. Eventualmente, o incidente foi esquecido.

À medida que Flor crescia, o conteúdo dos seus pesadelos era submetido a uma gradual mudança: os monstros antigos não eram mais aterrorizantes do que a cabeça de alce sobre a cômoda. A escuridão, porém, era o próprio material do terror, e Flor, correndo e rastejando através das raízes, descendo e descendo, sentiu o velho medo reposuí-la. De repente todas as luzes da casa tinham sido desligadas. A escuridão se encheu de monstros, como o despejar de água em uma banheira, e ela correu, desceu escadas e corredores para baixo, à procura de um armário para esconder-se dentro.

Durante todos esses últimos e longos dias com seu pai morrendo, e mesmo antes, Flor tinha ficado muito só. Ela sentia que havia algo que ele queria lhe dizer, mas que não iria deixar-se dizer. Pensou que ele não queria que ela o visse morrer, e ela tinha se forçado a ficar de fora.

Alice e Maryann, com quem ela costuma passar seu tempo, não tinham outra preocupação além do bebê. Flor queria ajudá-las, mas era muito jovem. Ela estava naquela idade quando se fica incomodada com a presença do nascimento ou da morte. Ela ficava próxima a esses grandes acontecimentos e lamentava-se por ser excluída do seu âmbito. Imaginou-se morrendo: como ficariam tristes todos, por a terem negligenciado! Mesmo Orville não tinha tempo para Flor. Ou ele ficava desligado, ou ao lado de Anderson. Só Neil parecera mais chateado com doença do velho homem. Quando Orville encontrava Flor, olhava para ela com tamanha intensidade, que a menina afastava-se, corada e até mesmo um pouco assustada. Não sentia que o entendia mais, e isso, de certa forma, a fez amá-lo mais e mais desesperadamente.

Mas nenhuma dessas coisas a teria feito fugir assim, exceto em fantasias. Foi só depois que ela vira a expressão no rosto de Neil, o jeito quase sonâmbulo de suas feições, quando ela o ouvira falar o nome dela naquele determinado tom de voz, foi então que Flor, como uma corça que captura o cheiro de um caçador, entrou em pânico e começou a correr para as profundezas da escuridão, buscando abrigo.

Correu cegamente, e por isso era inevitável que passaria por cima de um dos declives em uma raiz primária. No escuro, mesmo se você fosse cuidadoso, isso aconteceria. O vazio engoliu tudo. De joelhos dobrados, entrou pela primeira vez na polpa da fruta, em seguida, seu corpo lançado para frente afundou-se profundamente, profundamente nela. Foi descer ilesa, apenas a alguns centímetros de distância do corpo quebrado, mas ainda respirando, de Alice Nemerov, RN.

Ele havia falhado, ele Jeremiah Orville. Ao invés de vingar-se, ele tinha assistido, dia após dia, a morte de Anderson, sua agonia, sua humilhação, e sabia que Jeremiah Orville nada tinha a ver com isso. Foi a Planta e o simples acaso que tinham acabado com Anderson.

Orville estivera ali como Hamlet, e dissera amém às orações de Anderson, só havia se enganado com sua sutileza. Ele tinha sido tão ganancioso, achando que os sofrimentos de Anderson deviam-se a ele, e não a nenhuma Planta que

tinha levado o velho e sua tribo para uma terra de leite e mel. E agora seu inimigo estava morrendo por um mero acidente, infectado por uma mordida.

Orville remoía sozinho, na escuridão profunda, uma imagem, um fantasma, que tomava forma no ar. A cada dia a aparição ganhava definição, mas ele sabia, mesmo depois do primeiro branco cintilante, que era Jackie. Mas uma Jackie que nunca tinha sido: jovem, ágil, doce, a essência da graça e delicadeza feminina. Ela o fez, com suas artimanhas familiares, declarar seu amor por ela.

Ele jurou que a amava, mas ela não estava satisfeita, ela não iria acreditar nele. Ela fez-lhe dizer isso de novo e de novo. Ela o lembrou das noites que estiveram juntos, dos tesouros de seu corpo jovem... e do horror de sua morte. Então perguntou novamente:

*Você me ama?*

*Eu amo, eu amo*, ele insistiu. *Eu te amo. Como você pode duvidar disso?* Ele estava em agonia pelo desejo de possuí-la novamente. Ansiava por um último beijo, o leve toque, um sopro só, mas fora recusado.

*Eu estou morta*, ela lembrou, *e você não se vingou de mim.*

– Quem é que vai pagar por isso? – ele perguntou em voz alta, agarrando o machado, que vinha segurando durante todo este tempo. – Me dê um nome, e com este machado mesmo eu...

*Flor*, o fantasma sussurrou, não sem uma pitada de ciúme. *Você me abandonou por aquela criança. Você cortejou uma criança.*

*Não! Era só para poder traí-la. Foi tudo por sua causa!*

*Então vá traí-la agora, e eu retornarei para você. Então, só então, eu vou te beijar. Então, quando você me tocar, sua mão vai sentir a carne.* E com essas palavras ela desapareceu.

No mesmo instante, ele soube que não tinha sido real, que esta era possivelmente, o início da loucura. Mas não se importava. Embora não fosse real, ela estava certa. Imediatamente foi em busca da sua vítima.

Encontrou-a em pé à margem de um grupo, ao redor do cadáver de seu pai. Alice Nemerov perto do cadáver e Neil Anderson também estava lá, delirando. Orville não prestou atenção a nada disso. Então Flor, como se estivesse sentindo sua intenção, correu loucamente pelos túneis escuros da Planta. Ele a seguiu. Desta vez faria o que devia ser feito, cuidadosamente, rapidamente e com um machado.

Pressionando a polpa dura e crocante da casca do fruto entre as palmas das mãos, Flor foi capaz de espremer algumas gotas de água oleosa. Mas era quente, nestá profundidade, e mal conseguiu reavivar Alice. Começou novamente a massagear as mãos finas da velha, seu rosto, a carne flácida dos braços. Mecanicamente repetiu as mesmas palavras de conforto:

– Querida Alice, por favor...Tente acordar, tente...Alice, é Flor... Alice?... Está tudo bem agora. Oh, por favor!

A mulher parecia estar consciente, pois gemia.

– Você está bem. Alice?

Alice fez um barulho. Quando falava, quando podia falar, sua voz estava anormalmente alta e estranhamente resoluta.

– Meu quadril. Eu acho...sim, está quebrado.

– Oh não! Oh, Alice! Isso... dói?

– Como o inferno, minha querida.

– Porque ele fez isso? Por que Neil...

Flor fez uma pausa, ela não se atreveu a dizer o que Neil tinha feito. Agora que Alice estava consciente, seu próprio medo caiu sobre ela novamente. Era como se tivesse revivido Alice apenas para ela ser capaz de dizer-lhe que o monstro não era real, apenas algo que ela tinha imaginado.

– Por que ele me jogou aqui em baixo? Porque, minha cara, o filho da puta assassinou seu pai, e porque eu sabia que era tolo o bastante para fazer isso. E acho que ele nunca gostou muito de mim.

Flor disse que não queria acreditar, que era um absurdo. Fez Alice dizer o que sabia, apelou para as evidências, refutou-as. Fez repetir cada detalhe da história, e ainda não acreditava. Seu irmão tinha falhas, mas não era um assassino.

– Ele me matou, não foi?

Era uma pergunta difícil de responder.

– Mas por que ele faria uma coisa dessas? Por que matar um homem que está quase morto? Não faz nenhum sentido. Não havia nenhuma razão.

– Foi por você, minha cara.

Flor quase podia sentir a respiração do monstro no pescoço.

– O que você quer dizer? – Ela agarrou a mão de Alice quase com raiva. – O que eu tenho com isso?

– Porque ele deve ter achado que seu pai tinha a intenção de casar você com Orville Jeremiah.

– Papai...Eu não entendo!

– Ele queria que Jeremiah fosse o novo líder, para tomar seu lugar. Ele não queria isso, mas viu que teria que ser assim. Mas ele me proibiu de falar sobre isso. Eu lhe disse para esperar. Pensei que poderia mantê-lo vivo. Eu nunca pensei...

Alice falava, mas Flor tinha parado de escutar. Ela entendia agora o que seu pai queria lhe dizer e por que ele hesitou. Luto e vergonha inundaram-na: ela tinha se enganado com ele, ela sofrera sozinha. E ele só queria a sua felicidade, a felicidade que ela queria para si! Se ela pudesse voltar para pedir perdão, agradecer-lhe. Era como se Alice, por essas poucas palavras, acendesse todas as luzes na casa de seu pai e restaurasse a vida. Mas as palavras de Alice dissiparam essa ilusão.

– É melhor você tomar cuidado – disse ela severamente. – Não se atreva em confiar nele. Especialmente você.

– Oh não, não, você não entende. Eu o amo. E eu acho que ele me ama também.

– Orville não! É claro que ele te ama. Qualquer tolo pode ver isso. É com Neil que você deve prestar atenção. Ele é louco.

Flor não protestou. Ela sabia, melhor do que Alice, embora menos

consciente até agora, que era verdade.

– E parte de sua loucura tem a ver com você.

– Quando os outros souberem o que ele fez, quando eu lhes contar...

Flor não precisava dizer mais do que isso. Quando os outros souberem o que Neil tinha feito, ele seria morto.

– É por isso que eu lhe disse. Então eles irão descobrir.

– Direi a eles mesmo. Nós temos que voltar. Agora. Aqui, coloque o seu braço em volta do meu ombro. – Alice protestou, mas Flor não quis ouvir. A mulher era leve. Flor poderia levá-la se necessário.

Um grito angustiado separaram os lábios da mulher idosa, e ela empurrou o braço de Flor.

– Não, não, a dor...Eu não posso.

– Então eu vou buscar ajuda.

– Que ajuda? De quem? Um médico? Uma ambulância? Eu não pude ajudar seu pai a se recuperar de uma mordida do rato!

O som que penetrou acima delas foi mais eloquente do que quaisquer palavras que ela poderia ter pretendido dizer. Por um longo tempo Flor tocou os lábios dela para manter o silêncio. Quando sentiu que Alice estava pronta para ouvir, ela disse:

– Então eu só vou sentar aqui com você.

– E me ver morrer? Vai demorar um pouco. Não mais que dois dias, no entanto, e na maioria das vezes eu estarei fazendo esses barulhos terríveis. Não haveria conforto para mim. Mas há algo que você pode fazer. Se você for forte o suficiente.

– Seja o que for, eu vou fazê-lo.

– Deve prometer. – Pegou a mão de Flor e apertou em garantia. – Deve fazer por mim o que Neil fez por seu pai.

– Matar você? Não! Alice, você não pode me pedir isso.

– Minha querida, eu fiz isso no meu tempo para aqueles que pediram. Alguns deles tinham menos razão do que eu. Uma seringa de ar, e a dor...

Neste momento ela gritou.

– Flor, eu lhe peço.

– Alguém pode vir. Nós faremos uma maca.

– Sim, alguém pode vir. Neil pode vir. Você pode imaginar o que ele faria se ele me encontrasse ainda viva?

– Não, ele não o fará! – Mas imediatamente ela sabia que ele faria.

– Você deve, minha querida. Vou fazer com que cumpra a sua promessa. Mas beije-me em primeiro lugar. Não, não assim, nos lábios.

Os lábios trêmulos de Flor pressionaram contra os de Alice, rígidos com o esforço para conter a dor.

– Eu amo você – sussurrou. – Eu amo você como minha própria mãe.

Então ela fez o que Neil tinha feito.

O corpo de Alice se afastou instintivamente, um protesto instintivo, e Flor soltou-a.

– Não! – Alice suspirou. – Não me torture, faça-o!

Flor não soltou até a velha estar morta.

A escuridão cresceu mais escura, e Flor pensou que podia ouvir alguém descendo pelas vinhas da sobrecarregada raiz. Houve um ruído alto quando um corpo desceu pela polpa da fruta. Flor sabia que era o monstro: e ele se parecia com Neil. Ela gritou e gritou e gritou. E o monstro tinha um machado.

– Retorne logo – ela implorou.

– Eu prometo.

Buddy abaixou-se para sua esposa, errando os lábios na escuridão (a luz, por ordem de Neil, ficara junto ao corpo do velho) e beijando o nariz em seu lugar. Ela riu, feminina. Então, com um excesso de cautela, ele tocou um dedo no braço de seu filho pequeno.

– Eu amo você, disse sem se preocupar em definir se estava se dirigindo a ela ou à criança, ou talvez a ambos. Ele não reconhecia a si mesmo. Só sabia que, apesar dos terríveis acontecimentos dos últimos meses e, especialmente da última hora, sua vida parecia de alguma forma ter ganho um significado que não tinha há anos. As considerações sombrias não poderiam diminuir a plenitude de suas esperanças, nem diminuir o brilho da sua satisfação.

Mesmo no pior desastre, na maior das derrotas, a máquina da alegria continuava a moer para alguns poucos felizardos. Maryann parecia mais consciente do que ele em seu pequeno círculo encantado, pois murmurou:

– Que coisa terrível.

– O quê? – Buddy perguntou. Sua atenção estava nos dedinhos minúsculos de Buddy Júnior.

– Alice. Eu não consigo entender por que ele fez aquilo.

– Ele é louco – disse Buddy movendo-se relutantemente para fora do círculo. – Talvez ela o tenha xingado. Ela tem... ela tinha, uma língua afiada, você sabe. Quando ele voltar, eu vou ver o que houve.

– Sabe-se lá que idiotice ele fará a seguir. Orville vai ajudar, e há outros também.

– Mas ele tem uma arma e nós não. E o importante agora é encontrar Flor.

– Claro que sim. Isso deve vir em primeiro lugar. É que é uma coisa tão terrível.

– É uma coisa terrível – ele concordou. Podia ouvir Neil chamando-o de novo. – Tenho que ir agora. – e começou a se afastar.

– Eu queria que a luz estivesse aqui, para que eu pudesse vê-lo mais uma vez.

– Parece que você não acha que eu vou voltar.

– Não! Não diga isso, nem mesmo de brincadeira. Você vai voltar. Eu sei que você vai. Mas Buddy...

– Sim, Maryann?

– Diga mais uma vez.

– Eu te amo.

– E eu te amo.

E quando teve certeza de que ele se fora, acrescentou:

– Eu sempre te amarei.

Os vários membros do grupo de busca seguiam seu caminho através do

labirinto de raízes divergentes sobre uma única corda fina, trançada por Maryann a partir da fibra do cipó. Quando qualquer membro do grupo se separava do corpo principal, amarrava sua própria bobina de corda na corda comum, que levava de volta ao o tubérculo, onde Anderson estava deitado ao lado da luz vigilante.

Neil e Buddy desceram para mais distante, ao longo da corda comum. Quando perceberam, estavam em um cruzamento de novas raízes. Buddy atou uma extremidade de sua corda no final da linha principal e saiu para a esquerda. Neil fez o mesmo para a direita, mas por uma curta distância. Depois sentou-se para pensar.

Neil não confiava em Buddy. Nunca confiara. Agora que seu pai morrera, ele não tinha que confiar ainda menos? Pensou que era tão inteligente quanto ele; e Buddy tinha feito aquele moleque. Como ele era o único homem no mundo que nunca teve um filho? Neil o odiava por outros motivos também, que iam longe em sua mente. Não seria presumível que Neil Júnior, se viesse a existir, seria o resultado de outras sementes que não a sua. Isso era um pensamento que não tivera ainda.

Neil estava preocupado. Percebeu que vários dos homens haviam mostrado resistência à sua autoridade, e esta resistência parecia mais forte em Buddy. Um líder não pode permitir que a sua liderança seja desafiada. Seu pai sempre foi duro sobre isso. Não parecia fazer qualquer diferença para Buddy que Anderson escolhesse Neil para assumir por ele. Buddy sempre tinha sido um selvagem, um rebelde, um ateu. Isso é o que ele era! Neil pensou surpreso com o quão perfeitamente a palavra definia tudo em seu irmão. Um ateu! Por que não percebera isso antes?

De uma forma ou de outra, ateus tinham que ser excluídos. Devido ao ateísmo ser como um veneno no reservatório da cidade, como... Mas Neil não conseguiu lembrar do resto. Havia passado um longo tempo desde que seu pai tinha dado um bom sermão contra o ateísmo e contra a Suprema Corte. Na esteira desta percepção outra nova ideia veio a Neil. Foi para ele uma verdadeira inspiração, uma revelação, quase como se o espírito de seu pai descesse do céu e sussurrasse em seu ouvido. Ele ligaria a linha de Buddy em círculo! Então, quando Buddy tentasse voltar, acabaria seguindo a corda em círculo. Uma vez que você entendesse o conceito básico, era muito simples.

Havia um percalço no entanto, quando se pensava sobre isso com cuidado. Uma parte do círculo estaria aqui, neste cruzamento, e Buddy poderia talvez descobrir o final da linha principal, onde Neil ainda estava atado. Mas não se o círculo não chegasse neste cruzamento!

Rindo para si mesmo, retirou o nó da corda de Buddy e começou enrolando a corda para cima à medida que avançava. Quando percebeu que tinha voltado o suficiente, amarrou ao longo de um ramo menor da raiz, desenrolando a corda enquanto engatinhava junto. Essa raiz pequena ligada a outra igualmente pequena, e daí para outra. As raízes da planta iam sempre circulando em torno de si, e se você ficasse só girando na mesma direção, geralmente voltava ao ponto onde tinha começado. E com certeza Neil logo estaria de volta à raiz maior, onde pegou a linha de Buddy. Buddy provavelmente não iria muito longe.



O truque de Neil estava indo esplendidamente bem. Tendo quase chegado ao final do comprimento da corda, atou à outra extremidade que formava um círculo perfeito. *Agora*, Neil, pensou com satisfação, *tente encontrar o caminho de volta*. Que tentasse! O ateu!

Neil começou a andar para trás da maneira que tinha vindo, usando a corda de Buddy como guia, rindo por todo o caminho. Só então notou que havia algum tipo de lodo engraçado sobre suas mãos e sobre suas roupas também.

## TREZE

CUCKOO, JUG-JUG, PU-WE, TO-WITTA-WO!

Há pessoas que não conseguem gritar, mesmo quando a ocasião pede enfaticamente para gritar. Qualquer sargento pode dizer aos homens, bons soldados, que quando correrem para enfiar uma baioneta nas visceras de um boneco de serragem, devem fazê-lo com um tipo qualquer de grito de guerra, ou na melhor das hipóteses, imitando um hesitante: Morra! Morra! Morra! Não é que estes homens não tivessem as emoções primordiais de ódio e sede de sangue, mas se tornaram muito civilizados, desligados da experiência de uma fúria incontrolável e pura. Talvez uma verdadeira batalha desperte isso neles, talvez não.

Há mais emoções primordiais, mais elementares para a sobrevivência, do que o ódio e a sede de sangue, mas elas também podem ser silenciadas com maneiras civilizadas. Apenas situações extremas podem libertá-las.

Orville Jeremiah era um homem muito civilizado. Os últimos sete anos o libertara de muitas formas, mas ele não havia apagado a sua civilidade até muito recentemente, quando os acontecimentos lhe ensinaram a desejar a consumação de sua vingança, acima de sua própria felicidade e segurança. Era um começo.

Mas quando chegou ao lado de Flor, o machado em sua mão invisível, ele próprio invisível, ouvindo os gritos que o medo arrancava de sua garganta, a emoção mais primordial do amor venceu, quebrou o Jeremiah civilizado. Deixando cair a arma, ficou de joelhos e começou a beijar o corpo jovem que agora era a coisa mais importante e bonita do mundo.

– Flor – ele chorou de alegria. – Flor, Flor! –

E continuou sem sentido repetindo o nome dela.

– Jeremiah! É você! Meu Deus, eu pensei que era ele!

E ele, ao mesmo tempo:

– Como eu pude ter amado um fantasma sem corpo, quando tudo isso...perdoe-me! Você pode me perdoar?

Ela não conseguia entendê-lo.

– Perdoar você! – Ela riu e chorou, e eles disseram muitas coisas um ao outro sem pensar, sem compreender mais do que o fato de ainda não assimilarem que estavam apaixonados.

A paixão tende a ser, se não completamente inocente, lenta. Orville e Flor não podiam apreciar a felicidade de olhar por horas um nos olhos do outro, mas a escuridão permitia tanto quanto negava. Eles namoraram. Eles chamaram um ao outro pelos nomes carinhosos de romance e colegiais (nomes que Orville não havia usado com Jackie, a não ser quando as mãos de Orville caíam sobre ela, com expressões mais grosseiras), e estes querido, meu doce, minha amada, pareciam expressar filosofias de amor. Eventualmente algumas palavras de senso comum perturbavam a solidão perfeita de seu amor, como seixos jogados

em um lago tranqüilo.

– Os outros devem estar procurando por mim – disse ela. – Tenho que avisar que estou bem.

– Sim, eu sei, eu estava ouvindo Alice falar com você.

– Então você sabe que papai queria isso. Ele ia dizer isso quando...

– Sim, eu sei.

– E Neil...

– Eu sei isso também. Mas você não precisa se preocupar com ele agora. – Inclinando-se ele beijou o lóbulo macio de orelha dela. – Não vamos falar sobre isso ainda. Depois faremos o que temos de fazer.

Ela empurrou Orville para longe dela.

– Não Jeremiah. Ouça, vamos lá para fora, para algum lugar longe de todos eles, do ódio, do ciúme. Algum lugar onde eles nunca vão nos encontrar. Podemos ser como Adão e Eva e pensar em novos nomes para os animais. Há um mundo todo lá fora.

Ela não disse mais nada, pois percebeu que havia mesmo um mundo todo lá fora. Estendeu uma mão para alcançar Orville puxando-o de volta, e para empurrar o mundo para longe por um pouco mais. Mas em vez do corpo Orville, sua mão encontrou o quadril fraturado de Alice. Ela sussurrou.

– Isso não pode terminar aqui!

– Não vai acabar – prometeu ele a seus pés. – Nós temos a vida inteira pela frente. Uma vida dura. Na minha idade, eu deveria saber.

Ela riu. Então, para o mundo inteiro ouvir, gritou:

– Estamos aqui em baixo. Vá embora. Nós vamos encontrar nosso caminho de volta por nós mesmos.

Mas Buddy já os havia encontrado, entrando no tubérculo por uma passagem lateral.

– Quem é esse com você? – Perguntou ele. – Orville é você? Eu devia ter dar uma surra por isso! Não sabe que o velho está morto? Que inferno!

– Não Buddy, você não entende – Ela disse. – Está tudo bem, Orville e eu estamos apaixonados.

– Sim, eu entendo tudo muito bem. Ele e eu vamos ter uma conversa sobre isso em particular. Só espero ter chegado aqui antes dele poder colocar o seu amor à prova. Pelo amor de Cristo, Orville, esta menina tem apenas catorze anos! Ela é jovem o suficiente para ser sua filha. Ela é jovem o suficiente para ser sua neta.

– Buddy! Não é assim! – Flor protestou. – o que o pai queria para nós. Ele disse para Alice e depois...

Buddy avançou com a sua voz como um guia, tropeçando no corpo da enfermeira.

– Inferno! – É Alice. Se você apenas me ouvisse!

Flor rompeu em lágrimas, que a frustração misturava com tristeza.

– Sente-se – Orville disse – e cale a boca por um minuto. Você está tirando conclusões erradas, e há um monte de coisas que você não conhece. Não discuta, Buddy, ouça!

– A questão então não é o que deve ser feito no caso de Neil, mas quem

pode fazer isso – concluiu Orville. – Eu não acho que deveria ter que suportar esta responsabilidade, nem você. Pessoalmente, eu nunca gostei da forma arrogante do seu pai de ser juiz, júri e escrever as leis. É uma honra ter sido nomeado como seu sucessor, mas uma honra que prefiro declinar. Este é um assunto para a todos opinarem.

– Concordo. Eu sei que se eu fizesse... o que tem que ser feito, eles diriam que foi por motivos pessoais. E isso não seria verdade. Eu não quero nada que ele tem. Não mais. Na verdade, a única coisa que eu quero agora é voltar e ver Maryann e meu filho.

– Então a única coisa a fazer é definir sobre como encontrar os outros. Flor e eu podemos ficar fora do caminho até que o assunto tenha sido resolvido. Neil pode ser rei por um dia, mas ele vai ter que dormir em algum momento, e haverá tempo suficiente para depô-lo.

– Tudo bem. Nós vamos voltar agora, mas não ao longo da minha corda. Seria muito fácil de se deparar com Neil dessa maneira. Se subir as videiras da raiz por onde veio, não haverá perigo de atravessar seu caminho.

– Se Flor concordar com isso, eu também concordo.

– Jeremiah seu velho estranho, eu posso subir essas raízes duas vezes mais rápido que qualquer outro de trinta e cinco anos de idade e duzentos quilos.

Buddy ouviu o que supôs ser um beijo e apertou os lábios em desaprovação. Embora em teoria ele concordasse com tudo o que Orville havia dito em sua própria defesa, e na de Flor, os tempos haviam mudado, o casamento precoce era agora algo positivo à maneira antiga, e Orville (este tinha sido o argumento de Flor) era certamente o mais cobiçado dos sobreviventes, e tinha a benção póstuma de Anderson para sua união. Apesar de todas essas irrefutáveis razões, Buddy não podia deixar de sentir certo desgosto pela coisa toda. *Ela ainda é uma criança*, disse para si mesmo, e para ele isso um fato indiscutível. Mas engoliu seu desgosto como uma criança engole alguns vegetais a fim de sair dali e fazer algo mais importante.

– Vamos dar o fora – disse.

Para retornar à raiz primária, por onde Flor e Orville tinham descido, era necessário voltar ao longo do caminho que Buddy tinha vindo e em seguida por uma ramificação angulosa da raiz, tão estreita que mesmo engatinhando era difícil.

Mas este foi apenas o prenúncio das dificuldades que enfrentaram para subir na raiz vertical. As vinhas através da quais eles esperavam subir estavam cobertas com uma fina película de limo, a mão não conseguia agarrá-las com a firmeza para não escorregar. Somente nos pontos nodais, onde as videiras formavam uma espécie de estribo, é que se podia conseguir uma pegada segura, e não era sempre certo que haveria uma outra intersecção nodal. Tinham sempre que recuar e refazer o caminho ao longo de uma rede de videiras diferente. Ainda mais frustrante era que os pés (embora nus) estavam constantemente escorregando desses estribos improvisados. Era como tentar subir uma escada de corda untada, e com degraus faltando.

– Não parece que estamos tentando nos matar? – Buddy perguntou,

retoricamente.

– Não sei de onde esse limo está vindo, mas isso não parece que vai diminuir. Quanto mais alto formos, mais chances de quebrar o pescoço se cairmos. Por que não voltamos pela minha corda, afinal? Não é provável que encontremos Neil, e se o fizermos, basta não deixá-lo saber o que conversamos. Prefiro o risco de encontrá-lo a enfrentar outros cem metros por esta coisa untada.

Isso pareceu a atitude mais sensata, e eles voltaram para o tubérculo. A descida foi fácil como escorregar em cano liso. Seguindo a linha de Buddy por uma encosta suave, eles notaram que aqui também as videiras estavam úmidas e escorregadia s sob seus pés descalços. Sentindo a camada de vinhas, Orville descobriu que um pequeno riacho do lodo descia a ladeira.

– O que você acha que é isso? – Buddy perguntou.

– Acho que a primavera finalmente chegou – Orville respondeu. – E este é o curso da seiva! Eu reconheço a sensação e o cheiro agora, oh, como conheço esse cheiro!

– A primavera – Flor disse. – Vamos poder voltar à superfície!

A felicidade é contagiosa (e não estavam lá todos os motivos para uma jovem ser feliz em qualquer caso?) e Orville citou parte de um poema:

– Primavera, a doce Primavera, o presente do ano ao rei;

Então cada coisa floresce, as empregadas na roda dançam,

O frio não fere, os lindos pássaros cantam, Cuckoo, jug-jug, pu-we, to-witta-wo! <sup>[1]</sup>

– Que lindo poema! – disse ela pegando sua mão e a apertando.

– Um monte de bobagem! – Buddy disse –...Cuckoo, jug-jug, pu-we, to-witta-wo! Os três riram alegremente.

O sol já parecia estar brilhando sobre eles, e nada mais era necessário para fazê-los rir de novo, só que um deles repetisse as velhas e tolas rimas elizabetanas. Cerca de dois mil metros acima de suas cabeças, a terra revivia sob a influência do sol brilhante, pois havia passado o equinócio. Mesmo antes das últimas manchas de neve terem derretido no lado sul das pedras, as folhas das planta s grandes se desfraldaram para receber a luz, começando sem mais delongas a executar seu trabalho, como se outubro fora ontem.

Exceto pelo barulho das folhas estalando ao se abrirem (o que acabou em um dia), era uma primavera silenciosa. Não haviam pássaros a cantar. As folhas gritavam famintas às hastes, secas devido ao frio inverno do norte, e as hastes gritavam famintas às raízes, onde a seiva aguardava. As folhas, necessárias para fazer o alimento novo, começavam a ferver por capilares inumeráveis. Onde esses capilares tinham sido quebrados pela passagem do homem, a seiva jorrava para fora e espalhava-se sobre as vinhas que cobriam as cavidade s das raízes. À medida que mais e mais a seiva era derramada através das artérias da Planta que despertava, formava riachos, fundindo-se com outros riachos, gerando pequenos riachos, córregos, e estes corriam para inundar as profundezas das raízes. Em depressões em que os capilares estavam ainda intactos, a seiva fora reabsorvida, mas em outros lugares, os níveis destes riachos subiam mais e mais,

inundando as raízes, como esgotos no repentino degelo de Março. Em ambos os hemisférios, a Planta estava chegando ao final de uma longa estação e agora, a intervalos regulares sobre a terra verde, descendo dos céus primaveris, esferas imensas, brilhantes, bombardeando e esmagando várias Plantas sob seu peso.

Vista a distância, a paisagem se assemelhava a um leito de trevos cobertos com bolas cinzas de basquete. Estas bolas de basquete em algumas horas ao sol, se partiam a partir das aberturas em suas bases e centenas de cílios exploratórios, cada um dos quais movendo-se para a Planta mais perto e então como eficazes brocas pouco a pouco começavam a perfurar o caule lenhoso na cavidade raiz abaixo. Quando uma passagem satisfatória tinha sido aberto, o cílio era atraído de volta para a bola de basquete cinza. A colheita estava sendo preparada.

Neil tinha passado três vezes pelo círculo de corda que ele havia feito para interceptar Buddy, e estava começando a ter a sensação de que havia sido pego em sua própria armadilha (embora como tinha acontecido, ele ainda não entendia). Então, como temia, Buddy podia ser ouvido retornando ao longo da raiz. Flor e Orville estavam com ele, todos rindo! Dele? Ele tinha que se esconder, mas não havia onde se esconder, e ele não queria se esconder de Flor. Então disse:

– Ah, oi.

Eles pararam de rir.

– O que você está fazendo aqui? – Buddy perguntou.

– Bem, veja você, uh... Esta corda aqui,... Não, não é isso.

Quanto mais falava, mais confuso ficava, e Buddy ficava mais impaciente também.

– Ah, não importa. Venha. Encontrei Flor. Orville também. Vamos nos juntar aos outros agora. É primavera. Você não percebeu o lodo? – Ei – o que é isso?

Ele tinha encontrado o ponto onde o fim de sua própria corda estava atada nomeio dela mesma.

– Essa certamente não é a interseção de onde partimos. Me lembro que eu tinha ido para baixo numa raiz tão pequena como esta.

Neil não sabia o que fazer. Queria bater na cabeça de seu irmão xereta, é o que ele queria fazer, e atirar em Orville, apenas para ver a explosão de seus miolos. Mas sentiu que isso era melhor ser feito longe de Flor, que não entenderia.

Uma conversa sussurrada estava acontecendo entre Buddy, Orville e Flor.

Então Buddy disse:

– Neil, você fez...

– Não! Eu não sei como...aconteceu sozinho! Não foi minha culpa!

– Bem, você é um burro turrão! – Buddy começou a rir. – Porque, se você tivesse que cortar um galho de uma árvore, eu juro que você iria se sentar no lado errado ao fazê-lo. Você amarrou a minha linha em um círculo, não?

– Não Buddy, juro por Deus! Como eu disse, eu não sei como...

– E você não trouxe sua própria linha pela qual poderia voltar. Oh, Neil, como você fez isso?

Orville e Flor se juntaram ao riso de Buddy.

– Oh, Neil! – Flor gargalhou. – Oh, Neil!

Isso fez com que Neil se sentisse bem, ouvir Flor dizer o nome dele assim, e ele começou a rir junto com todos eles. Ele era a piada! Surpreendentemente parecia que Buddy e Orville não iam fazer oposição. Talvez soubessem o que era bom para eles!

– Parece que vamos ter que encontrar nosso caminho de volta da melhor forma possível – Orville disse com um suspiro quando estavam todos rindo. – Neil, você gostaria de nos guiar?

– Não – disse Neil novamente sombrio, e tocou o Python em seu coldre por garantia. – Não, eu vou ser o líder, vou na retaguarda.

Uma hora depois, eles encontraram um beco sem saída, e sabiam que estavam completamente perdidos. Não era mais possível quebrar os vasos capilares com os braços. Estavam inchados de seiva e muito resistentes. Foram obrigados, por isso, a ficar estritamente dentro dos limites de caminhos já abertos. Graças as explorações de Anderson, havia muitos destes. Demais deles.

Orville resumiu a situação:

– Ao subsolo meus queridos! Vamos ter que tomar outro elevador para chegar lá.

– O que você disse? – Neil perguntou.

– O que eu disse foi que...

– Eu ouvi o que você disse! E não quero que você use essa palavra de novo, entendeu? Tenho que lembrar para vocês quem é o líder aqui, hein?

– Que palavra, Neil? – Flor perguntou.

– Meus queridos! – Neil gritou.

Neil era sempre capaz de gritar quando sentia que a ocasião pedia isso. Ele não era civilizado, e o primitivo estava muito próximo à superfície de sua mente. Parecia crescer próximo a ela, o tempo todo.

## QUATORZE

### O CAMINHO PARA CIMA

O silêncio que por meses tinha sido absoluto, era quebrado agora pelo gotejar da seiva. Era como o som da água no início da primavera, fluindo pelas sarjetas da cidade os bancos de neve derretidos.

Enquanto descansavam não falavam, a declaração mais inócua de Neil poderia jogá-los em um estado de excitação histérica. Naturalmente eles sabiam sobre Anderson e Alice, mas quando Buddy começava a se preocupar em voz alta sobre sua esposa e filho, Neil se queixava que ele estava sendo "egoísta", que tudo que ele pensava era sexo. Quando Orville falou das dificuldades e especularam (com mais ânimo) sobre suas chances de chegar à superfície, Neil pensou que eles o estavam culpando.

O silêncio parecia ser a melhor política, mas Neil não podia suportar mais do que alguns momentos de silêncio também. Em seguida, ele começava a reclamar:

– Se não tivéssemos derrubado a lamparina, não estaríamos tendo problemas agora. – Ou, lembrando um dos temas preferidos do pai: – Por que eu tenho que pensar por todos? Por que?

Ou começava assoviar. Suas músicas favoritas eram polcas, Beer Barrel, Red River Valley, Donkey Serenade (que ele acompanhava percussivamente com o estalar das bochechas), e o tema do Êxodo. Uma vez que começava qualquer uma dessas, poderia ir assim até dormir. Não seria tão ruim se ele fosse afinado.

Era mais difícil para Buddy. Flor e Orville tinham um ao outro. Na escuridão se davam as mãos, e durante o solo de Neil, como um macaco diligente, poderiam arriscar mesmo um beijo em silêncio.

Ali não havia nem norte, nem sul, leste ou oeste, nem para cima ou para baixo. Não havia unidades de distância, apenas estimativas aproximadas de temperatura e profundidade, e sua única medida do tempo decorrido era o tempo que levava para seus corpos caírem, exaustos demais para continuarem. Eles nunca sabiam se estavam na periferia ou próximo ao coração do labirinto. Eles podiam subir através dos canais já abertos, algumas centenas de metros, ou mesmo dez, para se encontrarem em um beco sem saída. Era necessário, não apenas encontrar *um* caminho para cima, mas encontrar *o* caminho para cima. É era difícil fazer Neil entender por que isso acontecia. Quando Flor explicou a ele, ele pareceu concordar mas depois, quando Orville trouxe o assunto de novo, começou a questionar tudo de novo.

Estavam encharcados com seu próprio suor e com a seiva, que em áreas menos íngremes atingia quatro ou cinco centímetros. Depois de horas de escalada, estavam a uma altura em que o calor não era tão opressor (nas profundezas sentiam-se como numa sauna).



Orville estimara que, pela temperatura, estavam a prováveis quatrocentos e cinquenta metros da superfície. Normalmente, ao longo de um percurso conhecido, eles podiam subir aquela altura em pouco mais de três horas. Agora poderia muito bem se levar dias. Orville tinha esperança de que o fluxo de seiva diminuisse à medida que alcançavam níveis mais elevados, mas ao contrário, foi piorando. De onde é que tudo isso vinha? A logística de abastecimento de água da planta era algo em que ele nunca tinha parado para pensar. Bem, ele não poderia parar agora. Não conseguia simplesmente agarrar um cipó e subir pela encosta, tinha que fazer da mão uma espécie de gancho e enfiá-la em uma concavidade. Então não era possível ajudar a próxima pessoa depois dele. Tinha que segurar-se com as duas mãos feridas. Você se agarrava lá e sentia-se solto, esperava não deslizar na seiva para longe demais. Uma vez que você se soltava, não era tão mal, você deslizava ao longo da inclinação macia, que não era muito íngreme, como um tobogã, até que surgia algo mais duro na colisão, e então você tinha que começar a subir o seu caminho de volta através do lodo. Mas você sabia que seu corpo poderia suportar um longo caminho ainda, e esperava que fosse suficiente.

Podiam ter escalado por doze horas, ou duas vezes isso. Tinham comido e descansado algumas vezes, mas não dormido. Eles não tinham dormido, de fato, desde antes da noite que Anderson morrera e Maryann parido. Agora devia ser noite novamente. Suas mentes embotadas com a necessidade de sono.

– Necessidade absoluta – Orville repetia.

Neil se opôs. Ele temia que se dormisse, eles tirariam a arma dele. Não eram confiáveis. Mas podia apenas ficar ali e deixar seu corpo relaxar...muito cansado, isso é o que ele...

Foi o primeiro a dormir e eles não tomaram sua arma. Eles não se importavam com ela. Eles não queriam sua arma: só queriam dormir.

O repertório de sonhos de Neil não era maior que seu estoque de músicas. Primeiro ele sonhou o seu sonho de beisebol. Então, sonhou subindo as escadas da velha casa na cidade. Então sonhou com Flor. E sonhou o seu sonho de beisebol novamente, só que desta vez foi diferente: seu pai era o homem da primeira base. O sangue jorrava da ferida na luva do homem da primeira base, a ferida da mão que abria e fechava, abria e fechava. Mas por outro lado os sonhos eram apenas o mesmo de sempre.

No dia seguinte, depois de uma hora ou mais, a dor das suas mãos passou, e foi a rigidez o mais difícil de suportar. Suas roupas se agarravam aos membros, como pele que não poderia ser retirada.

– Vamos nos mover mais rápido – Orville, disse – senão ficaremos presos debaixo das roupas.

Um pouco mais tarde, já que parecia que a ideia não iria vir de Neil por si só, Buddy acrescentou:

– Se nós atarmos nossas roupas juntas e usarmos como corda, poderíamos escalar mais rápido.

– Sim – Neil disse – mas você está esquecendo que há uma senhorita com a gente.

– Oh, não se preocupem comigo – Flor protestou. Ape nas as nossas camisas, Neil. Não seria tão diferente de nadar.

– Não! – O tom estridente rastejando em sua voz novamente. – Não seria certo!

– Não adiantava discutir com ele, uma vez que já tinha se convencido disso. Ele era seu líder.

Na próxima vez que pararam para descansar e comer, a seiva caía sobre eles em pedaços grandes, como gotas anunciando uma tempestade de verão. O fluxo principal da seiva que corria através da raiz estava agora em seus tornozelos. Assim, como eles não estavam bastante encharcados ainda, suas roupas agarravam-se a eles, como ternos de fita adesiva. Eles só podiam circular livremente quando estavam encharcados.

– Eu não aguento mais – disse Flor, começando a chorar. – Eu não consigo suportar isso!

– Força agora, Miss Anderson. Queixo para cima! Tally-ho! Lembre-se do Titanic!

– Aguentar o quê? – Neil perguntou.

– Estas roupas – disse ela. – E de fato isso era só uma parte do que ela não podia suportar mais.

– Ah, acho que ela está certa – disse Neil, tão desconfortável quanto os outros. – Não há nada errado se apenas tirarmos as camisas. Entreguem para mim, e eu vou dar nó nas mangas.

– Boa ideia! – Orville disse. Todos eles as entregaram para Neil. – Flor! – Disse. – Eu não me referi a você. Não é certo.

Ela não disse nada. Neil deu uma espécie de risadinha.

– Bem, se é assim que você quer – disse ele.

Coisas brotavam da pequena abertura acima, como água jorrando com força de uma fonte principal. Não poderia ser chamado de seiva. Era mais como água. Estavam felizes por poderem se limpar. Mas era frio, muito frio.

As raízes que ascendiam entre eles eram cada vez menores, e não maiores. Para passar por elas, agora eles tinham que rastejar nas mãos e joelhos, e mesmo assim raspariam a cabeça no teto se não tivessem cuidado. Com água até os cotovelos.

– Eu acho – afirmou Orville com cautela, – que estamos sob o lago Superior. Esta quantidade de água não pode ser proveniente somente do degelo da primavera.

Esperou Neil protestar. Depois, ainda com mais cautela:

– Acho que teremos que voltar por onde viemos. Vamos torcer para ter uma melhor sorte na próxima.

A razão de Neil não ter protestado foi que ele não tinha ouvido. A voz de Orville tinha sido abafado pelo rugido da água, hectares e hectares de Plantas sedentas retirando a água do fundo do lago. Orville explicou várias vezes a sua teoria quando recuaram para um lugar mais calmo. Em seguida, Flor tentou.

– Neil, olhe, é muito simples, a única maneira de nos distanciarmos do lago é para baixo. Porque se tentarmos nos mover ao longo deste nível, podemos muito bem estar seguindo leste – para dentro do lago, assim como sudoeste, para longe dele. Se tivéssemos a lamparina, poderíamos usar a bússola, mas não temos a lamparina. Nós poderíamos ir para norte ou sul, seguindo a beira do lago.

Não há como dizer quanto da área abaixo do lago papai explorou no inverno passado. Nós apenas temos que ir para baixo. Você entendeu?

Orville aproveitou a ocasião para trocar algumas palavras em particular com Buddy:

– Que diabos, vamos deixá-lo aqui, se ele não quiser ir com a gente. Vai ser culpa dele mesmo, se ele se afogar.

– Não – disse Buddy – não seria certo. Eu quero fazer isso direito.

– Ok eu vou, – disse Neil para Flor – mas acho que tudo isso é um monte de besteira. Eu só estou indo por sua causa. Lembre-se disso.

Para baixo a seiva se transformava num dilúvio. Empurrava os corpos uns contra os outros ou para longe, tão casualmente como enchessem levam consigo as árvores da margem do rio. Fortes correntes atirava-os contra as paredes da raiz onde as curvas eram muito traiçoeiras ou muito íngremes. Dias de escalada foram retracados em minutos.

Ainda mais para baixo a seiva tornou-se mais grossa, como pudim antes de alcançar a fervura. Mas o ritmo não abrandava. Era como descer uma pista de esqui em um pedaço de papelão. Pelo menos eles não precisavam se preocupar em repetir o erro: não era mais possível se mover contra a correnteza em direção ao lago. Nessa profundidade, havia agora trechos inteiros onde a seiva quente enchia o vazio da raiz.

Conseguindo uma golfada de ar, Orville (que era sempre o primeiro a testar qualquer nova passagem), seguia a corrente sem resistir e com esperança. Havia sempre algum ramo alimentado pela raiz inundada acima, pequena demais para subir através dela, talvez, mas grande o suficiente para enfiar a cabeça e obter ar. Mas da próxima vez, é claro, poderia não haver tal abertura. Poderia ser um beco sem saída. Esse medo, que a corrente estivesse levando-os a um beco sem saída, tomava toda a sua atenção.

Mais e mais vezes seus corpos eram arrastados, para se enredarem nas redes dos capilares inchados de seiva que margeavam as passagens inexploradas. Uma vez Orville fora pego na rede, onde a raiz tinha dividido abruptamente em dois. Buddy e Flor logo atrás, encontraram-no, as pernas movendo-se na correnteza. Sua cabeça batera contra a rígida cunha que separava os dois ramos da raiz. Ele estava inconsciente, talvez afogado. Eles o puxaram pela perna da calça, mas ela deslizou pelos quadris estreitos. Então cada um pegou um pé e o puxaram para fora.

A uma curta distância encontraram uma área onde a raiz se inclinava ligeiramente para cima, apenas a metade sob a seiva. Buddy abraçou Orville em um abraço de urso e começou a empurrar o líquido para fora de seus pulmões ritmicamente. Então Flor tentou a respiração boca a boca que tinha aprendido nas aulas de natação na Cruz Vermelha.

– O que você está fazendo? – Neil perguntou nervoso.

– Ela está fazendo respiração artificial – Buddy respondeu irritado. – Ele quase se afogou lá atrás.

Neil colocou os dedos entre a boca de Orville e Flor e em seguida segurou firmemente Orville.

– Você está beijando ele!

– Neil! – Flor gritou. Ela tentou arrancar os dedos do irmão, mas mesmo o desespero não emprestava força suficiente. Ninguém consegue permanecer desesperado tanto tempo, e ela passara desse limite há muito tempo.

– Vou matá-lo!

Buddy desferiu um golpe na direção onde deveria estar Neil, mas resvalou no ombro de Orville. Neil começou a arrastar o corpo de Orville para longe.

– Ele nem está de calças – disse Neil irritado.

– Ela saiu quando estávamos puxando-o. Dissemos para você, lembra?

A privação repentina de oxigênio, vindo depois dos seus esforços de revitalização, provou ser exatamente o estímulo necessário para Orville. Quando o corpo que estava carregando começou a se mexer, Neil soltou-o assustado. Havia pensado que Orville estava morto, ou quase.

Buddy e Neil então tiveram um longo debate sobre a nudez (quer no caso particular de Orville como em geral) presente, em excepcional circunstâncias. O argumento foi, sobretudo, um pretexto para Buddy dar uma chance de Orville recuperar suas forças.

– Você quer voltar para o superfície – Buddy perguntou – ou quer ficar aqui e se afogar?

– Não! – Disse Neil, mas mais uma vez – Não está certo. Não!

– Você tem que escolher!

Buddy ficou contente por saber que poderia jogar com os medos de Neil tão facilmente quanto uma gaita.

– Porque se formos subir, vamos ter que ir juntos, e vamos precisar de algum tipo de corda.

– Tínhamos uma corda.

– E você a perdeu Neil.

– Eu não. Eu não!

– Bem, você foi o último que teve ela na mão e agora ela se foi. Agora precisamos de uma outra corda. Claro, se você não se importar em voltar... Ou se acha que pode fazer melhor.

Eventualmente Neil concordou.

– Mas Flor não vai tocá-lo, entendeu? Ela é minha irmã. Entendeu?

– Neil, você não precisa se preocupar com isso até estarmos todos seguros em casa Buddy contemporizou.

– E eles não devem mais se falar mais um com o outro também. Porque se eu digo assim, assim vai ser. Flor, você vai na minha frente e Buddy atrás. Orville por último.

Neil, nu agora, exceto pelo cinto e pelo coldre, atou as pernas das suas calças juntas, e cada um fez o mesmo apertando-as na corda improvisada.

A água era profunda e tão quente que a pele parecia estar saindo de seus ossos, como uma galinha que ferve por muito tempo. A correnteza estava enfraquecendo, porém avançavam mais lentamente.

Logo eles encontraram uma abertura de raiz acima a partir da qual a água que jorrava dali não era muito pior do que quando tinham notado primeiramente... há quantos dias? Cansados, quase mecanicamente, começaram a subir novamente. Flor lembrou-se de uma canção do berçário da escola, sobre

uma aranha atingida pela água da chuva:

*Então o sol saiu e levou a chuva embora, e a pequena aranha começou a subir novamente.*

Ela começou a rir, como havia feito com as estranhas palavras do poema de Jeremiah, mas desta vez ela não conseguiu parar de rir, apesar do riso lhe doer.

De todos eles, Buddy era o mais chateado com isso, pois ele podia se lembrar do inverno anterior na Sala Comum, e as pessoas no descongelamento da neve, rindo e cantando, pessoas que nunca mais veria. O riso de Flor não era diferente dos deles.

A raiz naquele ponto se abria em um tubérculo da fruta, e eles decidiram descansar e comer. Orville tentou acalmar Flor, mas Neil disse para ele calar a boca. A polpa agora estava semilíquida, caía em suas cabeças e ombros como os excrementos de grandes aves com diarreia.

Neil estava dividido entre seu desejo de ir para onde o barulho do riso de sua irmã não iria perturbá-lo e um desejo, igualmente forte, de ficar perto e protegê-la. Ele cedeu, movendo-se para uma distância média, onde podia deitar de costas, sem intenção de dormir, só para descansar o corpo... Sua cabeça caiu sobre o cabo do machado que Jeremiah tinha deixado cair ali. Soltou um pequeno grito, que ninguém notou. Estavam todos cansados. Sentou-se por um longo tempo, pensando, com os olhos doendo pelo esforço de enxergar, embora não pudesse ver nada naquela escuridão.

A polpa amolecida continuava a cair de cima, respingando em seus corpos e no chão com sons crepitantes, como beijos de crianças.

**QUINZE**  
SANGUE E LICORICE

Sua mão tocou o corpo morto dela. Buddy pensou no início que era o cadáver de seu pai, mas então se lembrou de como tinha uma vez tropeçado no mesmo corpo frio e experimentado o terror: havia um caminho de volta! Este era o fio que os conduziria para fora do labirinto. Percorreu o caminho de volta até Orville e Flor.

– Neil está dormindo? – Perguntou.

– Ele parou de fazer barulho – Orville disse. – Ou está dormindo ou está morto. Buddy contou-lhes as novas.

–...isso significa que podemos voltar pelo caminho que tentamos em primeiro lugar. Para cima. Foi um erro nosso voltar atrás.

– Aqui estamos nós, em um círculo completo. A única diferença agora – Orville observou – é que temos Neil conosco. Talvez o melhor a fazer fosse deixá-lo para trás. Podemos ir agora!

– Eu pensei que tínhamos concordado em deixar os outros decidirem o que fazer com Neil.

– Nós não vamos acabar com ele. Estaremos deixando-o quase exatamente no mesmo lugar em que o encontramos, capturado na armadilha que fez para você. Além disso, podemos deixar o corpo de Alice em seu caminho, e ele pode descobrir por si mesmo que o caminho de volta é por onde ele a jogou para baixo.

– Não meu meio-irmão. Não Neil. Ele só se assustará ao encontrar o corpo. Descobrir o caminho de volta, para ele, seria o mesmo que esperar que descobrisse o teorema de Pitágoras sozinho. Inferno, aposto que se você tentasse explicar isso para ele, ele mesmo assim não acreditaria.

Flor, que estivera ouvindo tudo isso atordoada, começou a tremer, a tensão que o corpo dela tinha sofrido por tanto tempo começava a dissipar-se. Era como no tempo em que ia nadar no lago: sua carne tremia, mas ao mesmo tempo sentia-se estranhamente rígida. Em seguida, seu corpo, nu e tenso, de repente foi pressionado contra Orville, e ela não sabia se ele tinha vindo até ela ou ela até ele.

– Querida, nós vamos conseguir voltar! Nós vamos...depois de tudo! Oh, minha querida!

A voz estridente de Neil veio da escuridão:

– Eu ouvi isso!

Embora ela pudesse ouvir Neil à frente, Flor sustentou o beijo desesperadamente. Com os dedos apertados nos braços musculosos de Orville. Seu corpo esticado para frente. Em seguida, uma mão fechada em torno da boca e outra em torno de seu ombro a puxou para longe de Orville, mas ela não se importou. Ainda estava atordoada com a felicidade, e imprudente era o amor.

– Suponho que você estava dando-lhe mais respiração artificial? – Neil zombou. Foi talvez sua primeira piada autêntica.

– Eu estava beijando ele – Flor respondeu orgulhosamente. – Estamos apaixonados.

– Eu a proíbo de beijá-lo! – Neil gritou. – Eu a proíbo de estar apaixonada. Proíbo!

– Neil, me solte!

Mas as mãos dele se fechavam ainda mais apertado.

– Você... Jeremiah Orville! Vou dar um jeito em você. Você... eu tenho observado você o tempo todo. Vem enganado muita gente, mas nunca me enganou. Eu sabia o que você estava fazendo. Eu vi o jeito que você olhou para Flor. Bem, você não vai consegui-la. O que você vai conseguir é uma bala em sua cabeça.

– Neil, solte-me. Você está me machucando.

– Neil – Buddy disse em um tom baixo, o tom que se adota com animais assustados, – essa menina é sua irmã. Você está falando como se ele tivesse roubado sua namorada. Ela é sua irmã.

– Ela não é!

– Que diabos você quer dizer com isso?

– Quer dizer que eu não me importo!

– Seu sujo.

– Orville, é você? Por que não vem aqui, Orville? Eu não vou deixar Flor ir embora. Você vai ter que vir resgatá-la. Orville?

Ele puxou os braços de Flor para trás das costas e agarrou os pulsos finos com a mão esquerda. Quando ela lutou, torceu os braços dela para cima, dolorosamente, algemando-as com a mão livre. Quando ela parecia pacificada, ele tirou o Python do coldre, como quem tira uma joia do porta-joias, amorosamente.

– Vem cá Orville, e veja o que eu tenho para você.

– Tenha cuidado. Ele tem uma arma! – gritou Buddy. – A arma do Pai!

A voz de Buddy veio mais da direita do que Neil tinha esperado. Jogou seu peso à frente, mas não estava realmente preocupado, porque tinha uma arma e eles não.

– Eu sei – disse Orville, um pouco para a esquerda. O espaço dentro deste tubérculo era longo e estreito, muito estreito para virem pelos lados.

– Eu tenho algo para você também Buddy, se você acha que vai escapar depois que o cérebro do seu amigo pular para fora. Eu tenho um machado. – deu uma risada feia. – Ei! É uma piada Buddy... amigo, entendeu?

– É uma droga de piada, Neil. Se você quer melhorar sua personalidade, não deve fazer piadas.

– Isso é apenas entre Orville e eu, Buddy. Vá embora ou... ou eu vou cortar sua cabeça fora, isso é o que vou fazer.

– É? Com o que? Com seus dentes?

– Buddy – Orville advertiu, – ele pode ter encontrado o machado. Eu o trouxe comigo.

Felizmente ninguém pensou em perguntar por quê.

– Neil, deixe-o ir. Deixe-o ou eu nunca vou falar com você de novo. Se você parar de agir desta forma, todos nós podemos ir para cima e esquecer que isso aconteceu.

– Não, você não entende, Flor. Você não está segura ainda.

Seu corpo se inclinou para frente até seus lábios tocarem os ombros dela, e descansaram por um momento, sem certeza do que fazer. Em seguida, sua língua começou a lamber a polpa da fruta que cobria todo o corpo dela. Ela conseguiu gritar.

– Quando você estiver segura, eu deixo você ir, eu prometo. Depois você pode ser minha rainha. Haverá apenas nós dois e o mundo inteiro. Nós vamos para a Flórida, onde nunca neva, nós dois.

Ele falou com eloquência natural, pois tinha parado de pensar sobre o que dissera, e as palavras saíram de seus lábios sem censura, pelos mecanismos defeituosos da consciência. Era mais um triunfo do lado primitivo.

– Vamos deitar na praia, e você pode cantar, enquanto eu assovio. Mas ainda não mocinha. Não até que você esteja segura. Em breve.

Buddy e Orville pareciam ter parado de se mover a frente. Tudo estava quieto, exceto pelo pingar do fruto maduro. O sangue de Neil subira à cabeça, o efeito que o medo induz ao animal. *Eles estão com medo de mim!* pensou. *Medo da minha arma!* O peso da pistola na mão, o modo como os seus dedos se curvavam em torno dela, a forma como um deles pressionava o gatilho, lhe proporcionou mais prazer gratificante do que seus lábios tinham conhecido tocando o corpo da irmã. Eles estavam com medo dele.

Eles podiam ouvir sua respiração difícil e o som de Flor choramingando (que ela manteve apenas para que eles pudessem ouvi-la e avaliar sua distância), e ficaram para trás. Eles tinham muito desprezo por Neil e estavam prontos para arriscar suas vidas desesperadamente contra ele. Certamente havia alguma maneira de enganá-lo. Talvez se ficasse com raiva o suficiente, faria alguma tola desperdiçando sua única bala em um ruído no escuro, ou soltasse Flor.

– Neil – sussurrou Buddy, – todo mundo sabe sobre você. Alice disse a todos o que você fez.

– Alice está morta – Neil zombou.

– Seu fantasma! – Buddy silvou. – O fantasma dela está aqui procurando por você. Por causa do que você fez para ela.

– Ah, isso é um monte de besteira. Eu não acredito em fantasmas.

– E por causa do que você fez ao Pai. Isso foi uma coisa terrível de se fazer, Neil. Ele deve estar com raiva de você. Deve estar procurando por você também. Ele não vai precisar de uma lâmpada para encontrá-lo.

– Eu não fiz nada!

– O Pai sabe. Alice sabe também, não é? Todos nós sabemos. Foi assim que você obteve a pistola Neil. Você matou para obtê-la. Matou seu próprio pai. Qual é a sensação de fazer algo assim? Diga-nos. O que ele disse no último momento?

– Cale-se! Cale a boca!

Quando começou a falar mais uma vez, tinha o mesmo tom estridente de novo, enquanto a voz parecia estar chegando mais perto dele. Em seguida ficou



quieto de novo, o que era pior. Neil começou a encher o silêncio com suas próprias palavras:

– Eu não o matei. Por que eu iria querer fazer isso? Ele me amava mais do que amava qualquer outra pessoa, porque eu era o único que sempre lutava por ele. Eu nunca fugi, não importa o quanto eu queria fugir. Nós éramos amigos, o Pai e eu. Quando ele morreu...

– Quando você o matou!

– É isso mesmo, quando eu matei ele, ele disse: Agora você é o líder Neil. E ele me deu sua arma. Essa bala é para Orville, disse ele. Pai, eu disse, farei qualquer coisa que você mandar. Nós sempre fomos amigos, o Pai e eu. Eu tinha que matá-lo, você entende, não? Ora, ele teria casado a Flor com Orville. Ele disse isso. Pai, eu disse, você tem que entender... Orville não é um de nós! Eu expliquei isso com muito cuidado, mas ele só ficava ali e não dizia nada. Ele estava morto. Mas ninguém se importava. Todo mundo odiava ele, exceto eu. Nós éramos amigos, o Pai e eu. Camaradas.

Era evidente, para Orville, que o estratagema de Buddy estava falhando em seu efeito desejado. Neil estava além do ponto em que poderia ser abalado. Ele estava no limite.

Enquanto Neil falava, Orville avançou, agachado, com a mão direita explorando o ar a frente dele, como os bigodes de um rato. Se Neil não estivesse segurando Flor, ou se não tivesse uma arma, seria uma simples questão de correr abaixado e acertá-lo. Agora era necessário, para seu próprio bem, mas mais especialmente por Flor, desarmá-lo ou se certificar de que seu disparo se perdesse. A julgar por sua voz, Neil não podia estar longe. Balançou a mão em arco lentamente e encontrou, não a arma, mas a coxa de Flor.

Ela não o traiu com sua surpresa, não fez o menor ruído.

Agora seria fácil arrancar a arma da mão de Neil. A mão de Orville se estendeu para cima e para a esquerda: ele devia estar ali.

O metal do cano da arma tocou a testa de Orville.

A arma fez um contato tão perfeito que Orville podia sentir o orifício côncavo, dentro de um círculo de metal frio. Neil puxou o gatilho. Houve um som de clique. Ele puxou o gatilho novamente. Nada. Dias de imersão na seiva haviam umedecido a pólvora.

Neil não entendia porque a arma falhara, mas após o outro clique, estava ciente do que tinha ocorrido. O punho de Orville veio em seu plexo solar e desviou na caixa torácica. Neil tombou para trás e a mão que segurava a pistola desceu com força total, onde ele supostamente achava que estaria a cabeça de Orville. A coronha chocou-se contra algo duro. Orville deu um gemido.

Sorte...Neil teve sorte. Ele bateu de novo em algo macio. Nenhum ruído. O corpo de Orville estava aos seus pés. Flor tinha conseguido escapar, mas Neil não se importava com isso agora. Ele tirou o machado de seu cinturão, onde estivera preso, a cabeça chata contra o seu estômago, o cabo cruzando sua coxa esquerda.

– Você fique longe Buddy, está ouvindo? Ainda tenho o machado.

Em seguida, ele pulou na barriga de Orville e em seu peito, mas sem sapatos não conseguiria feri-lo, então sentou-se em sua barriga e começou a

bater-lhe no rosto com os punhos. Neil estava fora de si. Ele ria, como ele ria! Mas mesmo assim parava em intervalos para brandir na escuridão o machado.

– Whoop! – ele gritava. – Whooppee!

Alguém estava gritando. Flor. A parte mais difícil era manter Flor calma. Ela não queria parar.

– Não! – Buddy disse. – Você vai se matar. Não sei o que fazer. Ouça-me, pare de gritar e escute.

Ele a balançou. Ela se acalmou.

– Eu posso manter Orville longe dele, então deixe-me fazê-lo. Enquanto isso, você vai até o caminho onde estivemos antes. Ao longo do desvio. Você se lembra do caminho?

– Sim.

– Você vai fazer isso?

– Sim. Mas você tem que levar Jeremiah para longe dele.

– Então eu vou esperar para ver você lá em cima. Vá em frente agora.

Buddy tinha pego o cadáver rígido e podre de Alice, quando Orville correu como um tolo e estragou tudo. Ele avançou alguns metros na direção da voz de Neil, parou, agarrou o corpo da velha junto ao peito como uma armadura.

– Oooow – gemeu.

– Buddy – Neil gritou de pé erguendo o machado – vá embora!

Mas Buddy só fazia a mesma bobagem de gemidos e suspiros que as crianças fazem brincando de fantasma em uma noite de verão ou em um sótão escuro.

– Não pode me assustar – disse Neil. – Eu não tenho medo do escuro.

– Não sou eu, juro – Buddy disse calmamente. – É o fantasma de Alice. Ela está vindo te pegar. Você não pode sentir o cheiro?

– Ah, isso é um monte de besteira – Neil respondeu.

O gemido recomeçou. Ele ficou na dúvida, se retornava para Orville ou ia atrás de Buddy.

– Pare com isso – gritou: – Eu não gosto desse barulho.

Ele podia sentir o cheiro! O cheiro de seu pai quando estava para morrer!

A investida de Buddy dera resultado. O cadáver atingiu Neil com força total. Uma mão endurecida acertou os olhos e a boca, rasgou-lhe o lábio. Ele caiu agitando o machado descontroladamente. O cadáver fez um som horrível. Neil gritou também. Talvez fosse apenas um grito de todos, Neil e o cadáver juntos. Ele rolou e outra vez ficou de pé. Ainda tinha o machado.

Em vez de Orville, havia alguém debaixo de seus pés. Ele sentiu a face rígida, os cabelos, os braços inchados. Era Alice. Ela não estava mais amarrada e algo estava saindo de sua boca. Alguém estava gritando. Neil. Ele gritou o tempo todo, cortando o corpo da mulher morta.

A cabeça caiu de um só golpe de machado. Ele dividiu o crânio com outro golpe. Enterrou o machado várias vezes em seu dorso. Uma vez o machado caiu e feriu-lhe o tornozelo, um golpe feio. Ele caiu e o corpo desmembrado cedeu debaixo dele como fruta podre. Ele começou a rasgá-lo com as mãos. Quando não havia mais possibilidade de feri-lo novamente, ele se levantou, respirando pesadamente e gritou, não sem certa reverência:

– Flor?

– Estou bem aqui.

Ah, ele sabia que ela ia ficar para trás, ele sabia!

– E os outros? Perguntou.

– Eles foram embora. Eles me disseram para ir embora também, mas eu não fui. Eu fiquei para trás.

– Por que você fez isso, Flor?

– Porque eu te amo.

– Eu também te amo, Flor. Eu sempre te amei. Desde que você era apenas uma criança.

– Eu sei. Vamos embora juntos. – Sua voz cantarolava embalando-o, sua mente cansada como um berço. Em algum lugar longe daqui, onde ninguém possa nos encontrar. Florida. Nós vamos viver juntos, só nós dois, como Adão e Eva, e pensar em novos nomes para todos os animais. – Sua voz ficou mais forte, mais clara e mais bonita. – Vamos navegar em um bote inflável pelo Mississipi. Apenas nós dois. Noite e dia.

– Oh – disse Neil. – Começou a caminhar em direção à bela voz – Oh, continue. – Ele estava andando em círculos.

– Eu vou ser sua rainha e você vai ser meu rei, e não haverá mais ninguém no mundo. – A mão dela tocou sua mão. Sua mão tremia.

– Beije-me – disse ela, – Não é isso que você sempre quis?

– Sim. – Seus lábios procuraram os lábios dela. – Oh, sim.

Mas a cabeça, e portanto seus lábios, não estavam no lugar onde se esperaria que estivessem. Não estava em seu pescoço.

Finalmente ele encontrou a cabeça a alguns metros de distância. Os lábios que provou ao beijá-la tinha gosto de sangue e licorice.

E por alguns dias satisfiz a luxúria de anos com a cabeça de Alice Nemerov, RN.

## DEZESSEIS

### SEGUROS EM CASA

Às vezes a distância é o melhor remédio, e se você quiser recuperar-se deve seguir em frente. Além disso, se você parar não pode ter certeza se conseguirá começar novamente.

Não que eles tivessem muita escolha, tiveram que continuar a subir. Então foram para cima. Era mais fácil agora. Talvez fosse apenas o contraste entre uma coisa certa (é claro, se eles não escorregassem, o tipo de perigo que quase não os estimulava neste ponto) e a presença da morte que os tinha sobrecarregado nesses últimos dias, de modo que a ascensão era também um ressurreição.

Havia apenas uma pessoa ansiosa agora, e era Buddy. E até isso foi dissipado, pois após menos de uma hora de escalada tinham atingido o nível da sua base e Maryann estava esperando lá. A lâmpada estava queimando para que eles pudessem ver de novo; e a visão do outros, machucados e sangrando, trouxe lágrimas aos seus olhos e os fez rir como crianças em uma festa de aniversário. O bebê estava bem, todos eles.

– Você quer ir até a superfície agora? Ou quer descansar?

– Agora – Buddy disse.

– Descansar – disse Orville. Ele tinha acabado de descobrir que seu nariz estava quebrado. Sempre tivera um belo nariz... reto e fino, um nariz orgulhoso.

– Estou horrível não? – perguntou para Flor.

Ela balançou a cabeça tristemente e beijou seu nariz, mas ela não diria nada. Ela não tinha dito uma palavra desde que a coisa tinha acontecido lá em baixo.

Orville tentou retornar seu beijo, mas ela desviou o cabeça. Buddy e Maryann afastaram-se para ficar a sós.

– Ele parece muito maior – Buddy observou, embalando Buddy Júnior. – Quanto tempo estivemos longe?

– Três dias e três noites. Foram dias longos, porque eu não conseguia dormir. Os outros já foram para a superfície. Eles não iam me esperar. Mas eu sabia que você voltaria. Você me prometeu. Lembra se?

– Hum-hum, – disse ele e beijou a mão dela.

– Greta voltou – disse Maryann.

– Isso não faz diferença para mim. Não mais.

– Foi por sua causa que ela voltou. Ela me disse isso. Ela disse que não pode viver sem você.

– Ela só disse isso porque está nervosa.

– Ela...mudou. Você vai ver. Ela não voltou pelo tubérculo onde eu estava esperando, mas no próximo, acima. Venha, vou levá-lo até ela.

– Parece que você quer me ver com Greta novamente.

– Eu só quero o que você quer, Buddy. Você disse que Neil está morto. Se você quiser fazê-la sua segunda esposa, eu não vou impedir você...se é o que você quer.

– Isso não é o que eu quero, caramba! E da próxima vez que eu falar que te amo, é melhor você acreditar em mim. Ok?

– Ok– disse ela na sua voz juvenil, beata. Havia até mesmo a sugestão de um riso abafado. – Mas é melhor vê-la de qualquer maneira. Porque você vai ter que pensar em alguma forma de fazê-la voltar à superfície. Mae Stromberg está de volta também, mas já subiu com o resto deles. Ela ficou meio louca. Ainda estava carregando Denny com ela, o que sobrou de Denny. Ossos, principalmente. Este é o tubérculo. Greta está do outro lado, no fim. Eu vou ficar aqui com a lâmpada. Ela prefere o escuro.

Buddy sentiu seu medo. Em breve, avançando através do tubérculo, ele cheirava algo muito pior. Dirigindo por uma cidade no sul de Minnesota, na temporada das compotas, uma vez, ele tinha cheirado algo assim, uma casinha azeda.

– Greta? – Disse.

– Buddy, é você Buddy? – Foi com certeza a sua voz que respondeu, mas seu timbre tinha mudado sutilmente. Não houve a nitidez dos 'Ds' e do 'B' inicial. – Como você está Buddy?

– Não chegue mais perto!

Houve um som ofegante, e quando Greta começou a falar novamente, balbuciava como uma criança que tenta falar com a boca cheia de leite.

–...você. Eu quero ser sua. Perdoe-me. Podemos começar tudo de novo...como Adão e Eva...só nós.

– O que há de errado com você? – perguntou ele. – Você está doente?

– Não. Eu... – Um som de gargarejo violento. – Estou apenas com um pouco de fome. Eu fico assim de vez em quando. Maryann me trazia minha comida, mas ela nunca vai trazer-me o bastante. Buddy ela está tentando me fazer morrer de fome!

– Maryann – Buddy chamou. – Traga a luz aqui.

– Não, não! – Greta gritou. Você tem que responder a minha primeira pergunta, Buddy. Não há nada entre nós agora. Maryann me disse que se você... não... vá embora! A luz fere meus olhos. – Houve um som, sugando, como quando alguém se move muito depressa em uma banheira cheia, o ar liberando novas marés de fedor.

Maryann entregou a lâmparina ao seu marido.

Greta Anderson tinha afundado em si mesma. Seu corpo inchado tinha perdido todas as características humanas: era uma massa de gordura flácida. Os contornos de seu rosto estavam obscurecidos por dobras de carne soltas como um retrato de aquarela que fora deixado de fora em uma tempestade.

– Ela não se move mais – Maryann explicou, – está pesada demais para se levantar. Os outros acharam ela quando estavam procurando por Flor, e eles a puxaram até aqui com cordas. Eu lhes disse para deixá-la aqui, porque ela precisa de alguém para cuidar dela. Eu trago a comida dela. É um trabalho em tempo integral.

A comoção de carne aos seus pés se tornou mais agitada, e parecia quase com uma expressão no rosto. Ódio, talvez. Em seguida, uma abertura no centro da face, a boca, e a voz de Greta disse:

– Vá embora, você me dá nojo!

Antes de partirem, a figura a seus pés já estava enchendo a cavidade no centro de sua face com punhados da polpa do fruto.

Enquanto os homens e Flor descansavam, Maryann teceu uma espécie de chicote de fios mesmo sob protestos veementes de Greta que não gostou se ser amarrada com ele, e buscou o cesto de roupa que havia sido resgatado do fogo da Sala comum. Se não o fizesse, a Greta em intervalos de hora em hora, iria começar a pegar punhados da sujeira em torno dela e jogar outras coisas goela abaixo. Ela já não parecia estar ciente da diferença, mas Maryann estava, e era por causa dela própria que mantinha a cesta com comida. Depois que Greta comia o suficiente da polpa do fruto, geralmente ficava bem, como agora, para alguns momentos de conversa, Maryann tinha sido grata por isso durante as longas e escuras horas de espera. Como Greta muitas vezes observava durante estes interlúdios sóbrios:

– A pior parte é o tédio. Isso é o que me levou a minha condição...Havia um filme, não me lembro o nome agora, onde ela era pobre e tinha um sotaque engraçado, e Laurence Harvey era um estudante de medicina que se apaixonou por ela. Ou então foi Rock Hudson. Ela o tinha na palma de sua mão. Ele teria feito qualquer coisa que ela pedisse. Não me lembro como terminava, mas tinha outro que eu gostava mais, com James Stewart...se lembra dele...? Ela vivia nesta bela mansão em San Francisco. Oh, você devia ter visto os vestidos que ela tinha. E o cabelo lindo assim! Ela deve ter sido a mulher mais bonita do mundo. E ela caiu de uma torre no final. Eu acho que é assim que termina.

– Você deve ter visto quase todos os filmes que Kim Novak já fez – disse Maryann placidamente enquanto amamentava o bebê em seu peito.

– Bem, se houve algum que eu perdi, eu nunca ouvi falar. Eu gostaria que você soltasse essas cordas.

Maryann nunca respondia às suas queixas.

– Tinha aquele em que ela era uma bruxa, mas não uma bruxa das antigas, sabe? Ela tinha um apartamento na Park Avenue ou em algum lugar assim. E o mais belo gato siamês que eu já vi.

– Sim. Acho que você já me falou desse.

– Bem, por que você nunca contribuiu para a conversa? Devo ter-lhe dito sobre cada filme que eu já vi até hoje.

– Eu nunca vi muitos filmes.

– Você acha que ela ainda está viva?

– Quem...Kim Novak? Não, eu suponho que não. Devemos ser os últimos. Isso é o que diz Orville.

– Estou com fome de novo.

– Você só come. Você não pode esperar?

– Estou com fome, estou dizendo! Você acha que eu gosto disso?

– Oh, tudo bem. – Maryann pegou da cesta, foi até o fruto e partiu uma seção mais saudável do tubérculo. Cheia, a cesta pesava uns 20 quilos ou mais.

Quando não conseguiu mais ouvir Maryann nas proximidades, Greta explodiu em lágrimas.

– Oh Deus, eu odeio isso! Eu odeio ela! Oh, eu estou com tanta fome!

Sua língua doía, ansiando ser coberta com o amado sabor do licorice, como a língua de um fumante habitual de três maços de nicotina em uma só manhã, quando não tem cigarros. Ela não era capaz de esperar pelo retorno de Maryann. Depois de afugentar o pior da sua fome, parou de jogar as coisas na boca e gemeu em voz alta, na escuridão.

– Oh Deus, como eu me...! Eu, o que me...que eu!

Eles transportaram Greta por um longo caminho, parando apenas para descansar quando atingiram o tubérculo mais alto em que passaram a primeira noite do inverno subterrâneo. O frio era um alívio bem-vindo em relação ao calor úmido. O silêncio de Greta era ainda mais bem-vindo.

Durante toda a subida, ela se queixou de que o cinto a estrangulava, que esta va presa nas videiras e eles estavam a puxando, que ela estava com fome. Ao passarem por cada tubérculo, Greta enchia sua boca a uma taxa prodigiosa.

Orville estimou que ela pesava 200 quilos.

– Oh, mais que isso – Buddy disse. – Você está sendo gentil.

Eles nunca teriam sido capazes de puxá-la se a seiva das raízes que cobria o revestimento da cavidades não fosse um lubrificante eficaz. O problema agora era como içá-la nos últimos trinta metros, na vertical da raiz primária. Buddy sugeriu um sistema de polias, mas Orville temia que as cordas à disposição não fossem capazes de suportar o peso total de Greta.

– E mesmo que pudessem, como vamos tirá-la através do buraco? Em dezembro, Maryann mal era capaz de espremer-se através dele.

– Um de nós vai ter que voltar para pegar o machado.

– Agora? Não quando estamos tão perto do sol. Eu digo, vamos deixá-la aqui, onde há comida à mão para ela, e faremos o resto do caminho por nós mesmos. Mais tarde voltaremos, com tempo suficiente para sermos bons samaritanos.

– Buddy, que barulho é esse? – Maryann perguntou. Não querendo interromper.

Eles prestaram atenção, e antes mesmo de ouvi-lo, temiam o que pudesse ser, o que era. Um som, um gemido, não tão alto como o ruído da esfera de metal teria feito tentando abrir o seu caminho pela caverna, porque, por um lado, era mais longe, e por outro, não parecia ter a mesma dificuldade de vencer a entrada. A lamentação ficou mais alta, em seguida um som enorme e se seguiu, como o ralo drenando a água de uma piscina. Fosse o que fosse, estava agora no tubérculo com eles.

Com uma fúria repentina como seu terror, um vento levantou-se e atirou-os em seus joelhos.

Marés de fruta líquida levantaram do chão e paredes caíram e o teto, o vento varria a crista de cada onda sucessiva e levou-os para a extremidade do tubérculo, como espuma que derrama da máquina de lavar. Tudo o que podia ser visto à luz do lampião eram flashes brancos de espuma. Maryann apertou seu

filho ao peito convulsivamente, depois que um a rajada de vento quase o levou dos seus braços. Ajudada por Buddy, inclinando-se contra o vento, ela chegou até a raiz que se ramificava para fora do tubérculo. Lá eles se abrigaram dos piores efeitos do vendaval, que parecia uivar ainda mais ferozmente. Coube a Orville a tentativa de resgatar Greta, mas era uma tarefa impossível. Mesmo em circunstâncias normais, seria difícil puxar seu peso no piso escorregadio do fruto; e sozinho, contra o vento, ele não poderia carregar ela. Na verdade ela parecia estar se movendo para o turbilhão com a polpa da fruta. Depois de uma terceira tentativa quixotesca, se entregou voluntariamente as súplicas mudas de Flor e juntou-se a Buddy e Maryann na raiz.

Greta deslizou para frente. Milagrosamente, a lamparina que havia sido confiada a ela durante o período de descanso ainda estava acesa. Na verdade, queimava mais brilhante do que antes. Embora sua visão começasse a tremer como um filme mal emendado, ela estava certa, em seus últimos momentos de consciência, que podia ver o grande estômago palpitante da coisa laranja brilhante e rosada que só poderia ser chamado Peach Pango e, sobreposto a ele, uma grade e cintilante Cinderella Vermelha. A grade parecia crescer a um ritmo alarmante. Então, ela sentiu toda a massa de seu ser levada por um redemoinho, e por um breve momento sem peso, ela era jovem novamente; e então caiu de uma grande altura.

Na raiz eles ouviram o som. Maryann abraçou-se e Buddy murmurou alguma coisa.

– O que você disse? – Orville gritou, a tempestade havia atingido seu auge, e até mesmo aqui na raiz eles estavam agarrados às videiras para não serem sugados de volta para o tubérculo.

– Eu disse que teremos vermes na cidra esta noite – Buddy gritou de volta.

– O quê?...

– Vermes!...

O som áspero, que tinha sido inaudível durante a tempestade, ressurgiu, e tão abruptamente como o vento tinha brotado, morreu. Quando os sons diminuíram a um nível tranquilizador, os cinco voltaram para o tubérculo. Mesmo sem a lamparina, a mudança ficou evidente: o chão estava vários metros mais baixo do que tinha sido; vozes ecoavam das superfícies, que eram duras como rocha, até mesmo a casca grossa do fruto havia sido raspada. E no centro deste espaço maior, mais ou menos ao nível de suas cabeças, um tubo grande se estendia desde a abertura da raiz superior para a inferior. O tubo era quente ao toque e estava em constante movimento para baixo.

– Um tipo de aspirador de pó – Orville disse. – Deixou este lugar limpo. Não há o suficiente aqui para alimentar um rato.

– As colheitadeiras vieram – disse Buddy. – Você não achava que eles plantariam todas essas coisas para deixá-las a apodrecer, não é?

– Bem, é melhor ir até a superfície e ver a cara deste fazendeiro MacGregor.

Mas eles estavam estranhamente relutantes em deixar o tubérculo seco. Um humor elegíaco tinha se estabelecido.

– Pobre Greta, – disse Flor.



Todos eles se sentiram melhor quando esta simples lembrança foi pronunciada. Greta estava morta e o velho mundo parecia ter morrido com ela. Sabiam que o mundo que encontrariam ao subir não seria o mesmo que tinham deixado para trás.

## EPÍLOGO

### A EXTINÇÃO DAS ESPÉCIES

Assim como um verme passando através de uma maçã poderia supor que a maçã, a sua substância e a qualidade, consistia apenas daqueles poucos elementos que passam por seu próprio corpo magro, quando na verdade todo o seu ser está envolto na fruta e sua passagem quase não a diminuiu, Buddy, Maryann e seu filho, Flor e Orville, emergiram da terra depois de uma longa passagem através do labirinto de seus próprios, e puramente humanos, males, não tendo conhecimento da presença onipresente do grande mal que chamamos de realidade. O mal que existe em toda parte, mas só podemos ver o que está diante de nossos narizes, apenas lembrar do que se passou por nossas barrigas.

As bolas de basquete cinzentas, cheias da polpa da fruta bombeada, erguidas sobre uma terra que não era mais verde. Então, como os primitivos limpavam suas terras, as máquinas que serviam aos fazendeiros alienígenas tinham transformado a terra em uma pira. As hastes altas das Plantas grandes foram consumidas, a visão da grandeza de uma civilização caindo em ruínas. Os poucos humanos que permaneceram voltavam à terra mais uma vez. Quando reapareceram, o manto que pendia sobre a terra queimada deu boas-vindas com o eclipse da noite.

Em seguida, um vento frio do lago, diluiu o manto para revelar *cumulus* pesados acima. As chuvas vieram. A água pura limpou os céus e lavou incrustações de meses dos seus corpos pintados de terra preta. Saiu o sol e secou a chuva, e seus corpos se glorificaram no calor ténue de Abril. Ainda que a terra fosse negra, o céu estava azul, e à noite as estrelas Deneb, Vega e Altair, surgiam ainda mais brilhantes do que qualquer um deles lembrava ter visto. Vega particularmente, brilhava. Na madrugada, um pedaço de lua subiu ao leste. Mais tarde, o céu se iluminou e mais uma vez o sol iria nascer. Tudo parecia muito bonito para eles, pois acreditavam que a ordem natural das coisas, isto é, a sua ordem, fora restaurada.

Houve expedições raízes abaixo para procurar vestígios de frutas que as colheitadeiras tivessem esquecido. Tais vestígios eram raros, mas existiam; e racionando esses pedaços de casca com moderação, podiam esperar sobreviver pelo menos ao verão. Por enquanto havia água e as ervas daninhas no lago, e logo que se tornou mais quente, eles planejaram ir ao longo do Mississipi, para o sul quente. Havia também a esperança que o oceano ainda existisse. O lago estava morto. Ao longo da costa enegrecida pelo fogo, cardumes de peixes fedorentos foram morrer. Mas que o oceano pudesse estar na mesma condição, era impensável.

A esperança era de que a Terra tivesse sobrevivido. Em algum lugar, sementes brotariam no solo quente, sobreviventes, como eles próprios, floresceriam da terra, que se tornaria verde novamente. Mas a esperança

principal, sem a qual todas as outras esperanças eram vãs, era de que as Plantas tivesse m ido embora, e que essa temporada tivesse acabado. As esferas blindados haviam ido embora após o estupro de um planeta, o fogo queimara mais o restolho, e a terra agora acordava do pesadelo daquela segunda criação dos alienígenas. Esta era a esperança de todos.

Em seguida, todos os lugares da terra estavam cobertos com um tapete verde dos mais ricos. As chuvas, que tinham lavado o céu limpo da fumaça da queimada, tinha também trazido bilhões de esporos do segundo plantio. Como todos os híbridos, a Planta era estéril e não poderia se reproduzir sozinha. Uma nova cultura tinha que ser plantada a cada primavera. Em dois dias as plantas já estavam na altura dos tornozelos.

Os sobreviventes. Espalhados pela uniformidade plana e verde da planície, assemelhavam-se a figuras em uma reprodução renascentista, ilustrando noções de perspectiva. As três figuras mais próximas, a meia distância, compunham uma espécie de Santa Família, embora se aproximando, não pudessem deixar de notar que suas características eram regidas por outra emoção que não a felicidade.

A mulher sentada no solo, de fato, chorava amargamente, e o homem de joelhos atrás dela, as mãos plantadas em seus ombros como que para consolá-la, mal conseguia conter suas próprias lágrimas. Sua atenção estava fixa sobre a magra criança em seus braços, que em vão tentava sugar seu peito seco. Um pouco mais adiante, outra figura ou deveríamos dizer duas? Sem qualquer iconográfica paralela, a menos que permitisse que esta fosse um Nobe aflito com suas crianças. No entanto, Niobe é descrita geralmente sozinha ou na perspectiva de todas as quatorze crianças; esta mulher estava segurando o esqueleto de uma única criança em seus braços. A criança tinha cerca de 10 anos de idade quando morreu. O cabelo vermelho da mulher era um chocante contraste com o verde por toda parte sobre ela.

Quase no horizonte se podia se ver as figuras de um homem e uma mulher, nus, de mãos dadas, sorrindo. Certamente estes eram Adão e Eva antes da queda, embora parecessem um pouco mais magros do que são geralmente representados. Além disso, muito mal combinados em relação à idade: ele tinha quarenta e ela foi mal entrara na adolescência. Eles caminhavam para o sul e, ocasionalmente, falavam um com o outro. A mulher, por exemplo, virou a cabeça para o homem e disse:

– Nunca nos disse qual era seu ator favorito.

E o homem respondeu:

– David Niven. Eu sempre gostei de David Niven.

E sorriam!

Mas estas figuras eram muito, muito pequenas. A paisagem dominava inteiramente. O verde parecia infinito, vasto, embora a natureza ou a arte pouco tivessem a ver com aquilo. Mesmo visto de perto, apresentava um aspecto monótono. Em qualquer metro quadrado de terreno, uma centena de mudas crescia, cada qual exatamente igual às outras.

A natureza é pródiga. De uma centena de mudas, apenas uma ou duas sobreviveria; de uma centena de espécies, apenas uma ou duas.

No entanto, não seria o homem.

*Eis que até a lua não resplandece, e as estrelas não são puras aos olhos dele. Quanto menos o homem, que é um verme, e o filho do homem, que é um vermezinho!*

Jó 25:5-6

[11](#) Spring, de Thomas Nashe N. Do T.